



Foto: Arquidiocese de Olinda e Recife

O tema é... ecumenismo Segunda edição do Caderno Pensar discute diversidade religiosa, ateísmo e tolerância. [Páginas 29 a 32](#)

O tesouro escondido de Cabo Branco

Arqueólogos acreditam que os mares pessoenses escondem fortuna de um bilhão de dólares, fruto do naufrágio do galeão português Santa Rosa, quase 300 anos atrás.

[Página 25](#)

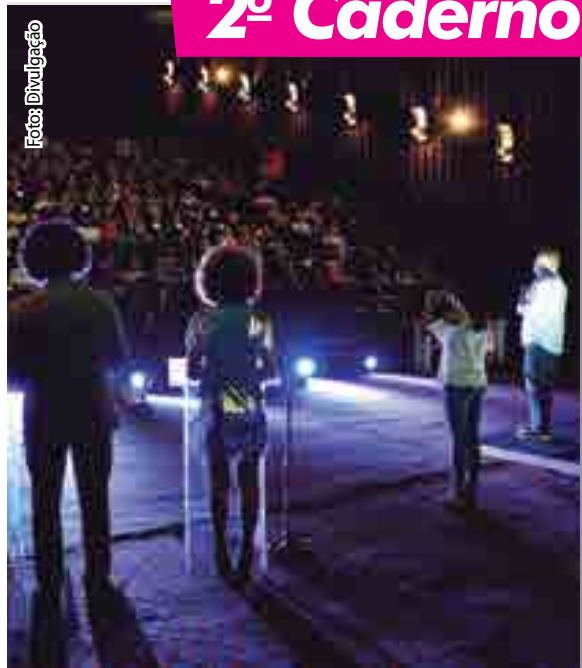


Foto: Reprodução

Paraíba adota medidas da ONU contra a tortura

Estado é um dos poucos do Brasil que possui um mecanismo local para combater práticas do tipo dentro de seu território. [Página 5](#)

2º Caderno



Fest Aruanda vai festejar 100 anos de cinema na PB

Evento vai acontecer no mês de dezembro deste ano, mas os interessados em inscrever filmes podem fazer isso até o dia 30 de agosto. [Página 9](#)



O prato está servido Gastrônomo Fábio Maia reestrea coluna de culinária em que dá receitas e debate as novidades postas à mesa. [Página 28](#)

Foto: Lucas Figueiredo / CBF



Foto: Fifa



A grande final das mulheres Estados Unidos e Holanda decidem hoje aquela que é considerada a maior Copa do Mundo Feminina da história. [Página 24](#)

Esportes

Brasil e Peru decidem a Copa América 2019

Final no Maracanã é a primeira da seleção desde a Copa das Confederações de 2013. Rival de hoje quer fazer história. [Página 21](#)

Estevam Dedalus

As armas de Bolsonaro

Somos o país com o maior número de mortes por armas de fogo no mundo, cerca de 20 por cada 100 mil habitantes. Há um holocausto em curso no país. Em 2017, 65.602 pessoas foram mortas no Brasil, o equivalente ao número de baixas norte-americanas durante a Guerra do Vietnã. [Página 10](#)

Editorial

Dar as mãos

“A rua é menor que o mundo. / O mundo é grande.” Este verso, do poeta mineiro Carlos Drummond de Andrade (1902-1987), deixa transparecer um certo assombro do eu-lírico diante da grandeza do mundo, que aqui pode ser entendido também como a vida, a subsistência, a realidade e coisa e tal.

Fora da literatura, ou seja, no plano da vida real, muitas pessoas assustam-se diante dos desafios impostos pela vida. A esse conjunto de vicissitudes existenciais, responsável pelos fracassos, vitórias e impasses, costuma-se dar o nome de condição humana, assunto geral da religião, da filosofia, da arte.

Ora, os jovens, falando de uma maneira geral, ao mesmo tempo que são, pela natureza, dotados de um espírito desbravador, muitas vezes ressentem-se não da falta de coragem, mas sim de oportunidades, de suportes, enfim, de ferramentas que os auxiliem na construção de pontes para o sucesso.

Voltando a Drummond, o poeta, em outros versos, conclama: “O presente é tão grande, não nos afastemos. / Não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas.” Quer dizer com isso, que sozinho é muito mais difícil a travessia. Sempre se terá mais chances de êxito se houver benevolência recíproca entre as pessoas.

Uma das ferramentas mais importantes para a construção do futuro, seja individual, seja coletivo, é a educação. Mas o sistema de ensino-aprendizado, por si só,

também não é garantia de nada. Vai depender do tipo de metodologia aplicada, e mais ainda do nível de cuidado de seus responsáveis maiores.

É o caso do Programa de Intercâmbio Internacional Gira Mundo, desenvolvido pelo Governo da Paraíba, via Fundação de Apoio à Pesquisa (Fapesq) e Secretaria de Estado da Educação (SEE). Por meio dele, centenas de estudantes estão desenvolvendo uma nova estratégia para a construção do futuro.

O primeiro passo é tirar boas notas no colégio. O segundo é concentrar-se no estudo das matérias específicas do concurso que visa selecionar estudantes para o programa. Aprovado, o terceiro é fazer as malas, e partir para uma temporada de estudos e descobrimentos em países das Américas, Europa e Oriente.

Lá, os estudantes – isso vale também para os professores que participam do Gira Mundo – vão exercitar novos idiomas e conhecer novas culturas e, acima de tudo, novas metodologias de ensino e aprendizado. Um meio de capacitação certamente sem precedentes à altura na história da educação na Paraíba.

De volta ao Estado natal, estudantes e professores do Gira Mundo não cuidam apenas de suas vidas, utilizando a experiência adquirida no exterior. Importam-se também com a melhoria da educação pública paraibana, agindo como multiplicadores dos novos conhecimentos, e divulgadores da nova filosofia.

Artigo

Martinho Moreira Franco
martinhomoreira.franco@bol.com.br

Ilusão em azul-violeta

Vestidos, joias, outros objetos pessoais, itens domésticos e obras de arte que pertenceram à atriz Elizabeth Taylor serão leiloadas em dezembro pela Julien's Auctions, na lendária Beverly Hills, Califórnia (EUA). A informação começou a circular quarta-feira passada e, claro, senti de imediato a memória oferecer lances de arremates imaginários e bater o martelo em saudades que guardo no escurinho real das minhas lembranças de adolescente. E até de recordações infantis.

Não sei se ainda ocorre a alguns de vocês, mas já disse que poderia ter visto Elizabeth Taylor pela primeira vez em “Quo Vadis” (1951), de Mervyn LeRoy, produção na qual ela aparecia em uma ponta, como prisioneira cristã na arena romana do Coliseu. Eu tinha, na época, pouco mais de dez anos de idade e assisti ao filme no Cine Felipéia. A bem da verdade, vira a atriz na fita e não sabia. Só descobriria isso bem mais tarde, quando me enfrontei na crítica de cinema. Soube aí também que aquela figurante despertara desde então o interesse (e a admiração) de produtores de Hollywood pela impressionante beleza do seu rosto e, sobretudo, pela magia dos seus olhos azul-violeta, raridade cromática de íris.

Acho que nem cabem novas considerações sobre a filmografia de Elizabeth Taylor, aos papéis que ela desempenhou como protagonista em clássicos como “Um Lugar ao Sol” (1951) e “Assim Caminha a Humanidade” (1956), ambos de George Stevens, ou nos dramas em que ganhou Oscar de melhor atriz: “Gata em teto de zinco quente” (1958),

Enfrentou atribulada vida privada, incluindo oito casamentos, envolvimento com álcool e sérios problemas de saúde encarados até a morte em março de 2011

de Richard Brooks, e “Disque Butterfield 8” (1960), de Daniel Mann. Muito menos ao superespectáculo (e superfracasso de bilheteria) “Cleópatra” (1963), de Joseph L. Mankiewicz. Nem sequer à atribulada vida privada que enfrentou, incluindo oito casamentos, dois dos quais com o ator Richard Burton, o envolvimento com álcool e a própria decadência artística, além dos sérios problemas de saúde encarados até a morte, aos 79 anos de idade, em março de 2011.

Só peço licença para retirar dos meus alfarrábios a imorredoura lembrança do filme que continua a suscitar com nitidez a imagem de Elizabeth Taylor como uma das paixões mais sublimes da minha vida: “Adeus às ilusões” (1965), de Vincent Minelli). Sob o título original “Sandpiper” (andorinha, no contexto da trama), despertou notável frenesi na época do seu lançamento. Pela performance do casal Liz/Burton e também pelo tema musical “The Shadow Of Your Smile”, de Jonny Mandel e Paul Francis Webster, vencedor do Oscar de Melhor Canção, em 1966, e que ganhou uma versão de apelo irresistível na voz de Moacyr Franco. “À sombra do sorriso teu, fiquei, /Até que um dia mal me despertou, /Adeus às ilusões, adeus, /Tudo já passou, morreu, /Guardo na lembrança o amor, /Do sorriso teu.”

Deviam mais era incluir nos lotes a arrematar em Beverly Hills a gravação dessa canção. No original e na versão de Luiz Bittencourt. Posso estar delirando, reconheço, mas, ao evocar a cor dos olhos de Liz, agradeço a Deus a ilusão.

CONTATOS: uniao.govpb@gmail.com REDAÇÃO: (83) 3218-6539/3218-6509

E HAJA CORAÇÃO!!!



Domingos Sávio
savio_fel@hotmail.com

Humor

UN Informe

Ricco Farias
papiroeletronico@hotmail.com

MAIS TRANSPARÊNCIA, MAIS ACESSO ÀS INFORMAÇÕES LEGISLATIVAS

Em fevereiro deste ano, a Mesa Diretora da ALPB divulgou dez medidas para potencializar a atuação do Legislativo estadual na Paraíba, entre as quais estão inseridas ações para dar mais transparência aos atos da casa, que integra a primeira medida: “A nova gestão se compromete a adotar a transparência absoluta para apresentar amplamente suas contas de forma permanente, inclusive em mídia convencional/mensal, para acesso dos cidadãos e cidadãs”. Pois bem, nos próximos dias será instalado na ALPB um colegiado que ficará responsável por medidas de transparência: é o Comitê Gestor do Sistema de Apoio ao Processo Legislativo, o SAPL Digital, que atuará no registro online das ações realizadas no Poder Legislativo – a criação do comitê consta no Projeto de Resolução nº 86/2019, da Mesa Diretora, aprovado em plenário, no mês de passado. O presidente Adriano Galdino (foto) explicou que a proposta converge com o teor do Plano de Gestão que aponta diretrizes para o funcionamento do Legislativo: “É uma matéria importante para a Casa, pois vai oferecer transparência dos trabalhos realizados, além de possibilitar o acesso da população, de forma online, o que também vai trazer economia e sustentabilidade para o Legislativo. É uma espécie de SAPL digital”, detalhou.



Foto: Divulgação

SALADA JURÍDICA

O governador João Azevêdo (PSB) ainda acredita que o projeto de reforma da Previdência, aprovado na comissão especial que trata da matéria, na Câmara Federal, poderá sofrer modificações antes da votação em plenário: “Esperamos que tenham a compreensão de voltar os estados e municípios para essa reforma, até para não se criar uma salada jurídica nesse país”, disse.

JUDICIALIZAÇÃO

Para João Azevêdo, caso os estados e municípios não entrem no texto final da proposta, existe a possibilidade de ocorrer a judicialização em massa no país referente a questões previdenciárias: “Você terá cada Estado com uma condição diferente no tocante à Previdência, o que não é bom. Vai gerar, com certeza, um volume muito grande de processos na Justiça”, avaliou.

‘STALKING’

Como citou a edição de ontem da coluna, projeto de lei do senador Veneziano Vital do Rêgo (PSB) tipifica como crime a prática de perseguição persistente, conhecida como ‘stalking’ no Código Penal. Afora este, tramita no Senado outros dois projetos similares: um da senadora Rose de Freitas (Podemos-ES) e outro da senadora Leila Barros (PSB-DF). Todos estabelecem penas de até 3 anos para o crime.

TURISMO CÍVICO

Todo primeiro domingo do mês ocorre, em Brasília, a troca da bandeira, na Praça dos Três Poderes. Hoje, pela primeira vez, o Senado e a Câmara Federal vão participar da cerimônia, com a instalação de estandes para divulgar a visita ao Congresso Nacional e outras atividades das duas Casas, no chamado turismo cívico. Com 100 metros de altura, o monumento consta no Guinness Book como a maior bandeira hasteada do mundo.

CÂNHAMO

Na próxima terça-feira, a Comissão de Direitos Humanos e Legislação Participativa (CDH) realizará audiência pública para instruir a Sugestão 6/2019, que trata da regulação e tributação da maconha medicinal e do cânhamo industrial no Brasil. Qualquer pessoa poderá participar do debate: basta enviar perguntas ou comentários para o portal e-Cidadania (www.senado.leg.br/ecidadania) ou por ligação telefônica gratuita (0800 612211).

PSOL: REPRESENTAÇÃO FALA EM PERSEGUIÇÃO A JORNALISTAS

Na representação que encaminhou à Procuradoria-Geral da República, em que acusa o ministro da Justiça, Sérgio Moro, de perseguição ao jornalista Glenn Greenwald, fundador do The Intercept Brasil, e pede investigação de seus atos, o PSOL destaca um fato que tem ocupado espaço na mídia: “Deve-se ressaltar que o atual governo possui um histórico de atacar e de estimular seus apoiadores a atacarem jornalistas e veículos de comunicação que publiquem matérias não alinhadas ao seu posicionamento político. A imprensa registra que vários jornalistas estão sendo demitidos em razão da interferência do governo e de seus apoiadores pelos simples fatos de não serem alinhados”. A representação foi subscrita por deputados do PSB, do PCdoB, do PT e do Rede.

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.

Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTE

Albige Léa Fernandes
DIRETORA DE MÍDIA IMPRESSA

Maria Eduarda dos Santos Figueiredo
DIRETORA DE RÁDIO E TV

A UNIÃO

Uma publicação da EPC

BR-101 Km 3 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

Philippe Caldas

GERENTE EXECUTIVO DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferreira

GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (083) 3218-6500 / ASSINATURA-CIRCULAÇÃO: 3218-6518 / Comercial: 3218-6544 / 3218-6526 / REDAÇÃO: 3218-6539 / 3218-6509

E-mail: circulaaoauniao@bol.com.br (Assinaturas)

OUIDORIA:
99143-6762

ASSINATURAS: Anual R\$200,00 / Semestral R\$100,00 / Número Atrasado R\$3,00

CONTATOS: uniao.govpb@gmail.com

Reforma da Previdência não beneficia os trabalhadores

Especialistas dizem que principal objetivo é agradar mercado financeiro, retirar direitos e aprofundar as desigualdades sociais

Alexandre Nunes
alexandrenunes.nunes@gmail.com

Ao término de uma semana de debates, quando foi aprovado, na Câmara dos Deputados, o relatório que propõe idade mínima de aposentadoria de 62 anos para mulheres e 65 anos para homens, especialistas afirmam que situações concretas revelam que a reforma da Previdência não atende de forma alguma aos interesses dos trabalhadores.

É ponto pacífico entre os especialistas que, embora a propaganda governamental tente convencer que o sistema de previdência social está em crise e à beira de um colapso, a reforma da Previdência tem como principal objetivo agradar ao mercado financeiro. Sob a desculpa de que é fundamental para equilibrar as finanças públicas do país, com o fito de gerar novos empregos, na verdade, a reforma da Previdência retira direitos dos trabalhadores e aprofunda as desigualdades sociais.

Na opinião do professor Marcelo Sitcovsky, da Associação dos Docentes da Universidade Federal da Paraíba (ADU-FPB), os argumentos utilizados na vasta propaganda paga pelo governo são extremamente falsos, já que a proposta de reforma da Previdência penaliza os trabalhadores, porque prolonga o tempo de contribuição e a tendência é que haja uma redução das aposentadorias e das pensões, uma dificuldade principalmente para as pessoas que venham a sofrer algum acidente de trabalho e que, por isso, fiquem impossibilitadas de trabalhar. Elas só farão jus ao equivalente a 60% de sua remuneração da ativa.

“A pessoa fica impedida de trabalhar, porque sofreu um acidente de trabalho, e ainda é penalizada com a redução de sua

remuneração. Se o trabalhador morrer, vai deixar para a família apenas 60% da renda que auferia durante o trabalho. Sem dúvida que essa reforma não é para os trabalhadores. Estudos comprovam que políticas como o Benefício de Prestação Continuada (BPC), que também está no pacote da reforma, além dos programas de transferência de renda, no geral, são responsáveis por minimizar o impacto das desigualdades sociais, o que é estrutural na sociedade brasileira”, enfatiza.

Marcelo Sitcovsky entende que há outras formas possíveis para que o Estado brasileiro recomponha a sua capacidade de investimento, sem precisar retirar direitos dos trabalhadores. “O problema é que a economia que está dominando hoje, particularmente, a partir do ministro Paulo Guedes, é uma economia política, ou seja, que opta por uma direção para a economia do país que não acha correto o Estado brasileiro investir em políticas sociais. A concepção que eles defendem é que o Estado brasileiro deve se eximir disso e essa sim é uma questão muito séria e preocupante”, frisa.

Marcelo Sitcovsky desmistifica a questão do déficit da Previdência e, neste aspecto, ele aponta que o maior parâmetro é a CPI que foi realizada no Senado Federal, que teve à frente o senador Paulo Paim e que já atestou, inclusive, por meio da própria perícia do Senado Federal, que não há déficit da Previdência. “A própria Constituição garante que, por ser uma política de proteção social aos riscos sociais do trabalho, a Previdência, em sua própria concepção, não foi feita para dar superávit ou déficit, mas para garantir os benefícios previdenciários. Essa é a sua razão de ser”, sustenta.

Seguridade brasileira

Ele enfatiza que a Previdência precisa ser encarada como o que ela é de fato. “Em 1988, a Constituição consagrou que o trabalho assalariado oferece risco ao trabalhador e, portanto, criou o sistema de proteção social, que está amparado em três políticas: previdência, assistência e saúde. São essas três políticas sociais que a Constituição Federal define como a seguridade brasileira. E foi aí que o legislador pensou, inclusive, as receitas da Previdência”, relata.

Sitcovsky acrescenta que as receitas não se restringem à arrecadação da Previdência Social, ou seja, a contribuição do empregador e a contribuição do trabalhador. Ele explica que quando a Previdência Social foi lançada no campo da Seguridade Social, também foi formulada uma proposta do seu financiamento, que incluem outras contribuições sociais.

“O problema é que o Estado brasileiro, ao longo de anos, vem abrindo mão dessas outras receitas. Por exemplo, tem a contribuição sobre o lucro líquido das empresas. Tem também uma contribuição social em cima dos jogos de loteria. Tudo isso, além das

próprias renúncias fiscais das contribuições sociais. O Estado brasileiro oferece muitas renúncias de contribuições que deveriam compor o caixa da Seguridade Social. E, aí, quando você combina essas renúncias e retira as contribuições, aparentemente o que se apresenta é algo como uma política deficitária”, analisa.

Marcelo Sitcovsky é da opinião de que quem pagará a conta da reforma é o pobre. Ele prevê que a proposta dos empregadores de não contribuir mais no que seja uma poupança individual do trabalhador visando a aposentadoria vai penalizar esse trabalhador. “A regra impõe uma idade mínima e essa idade mínima também exige um tempo de contribuição. A combinação entre idade mínima e tempo de contribuição, na atual estrutura que tem o mercado de trabalho no Brasil, com alta rotatividade, levando os trabalhadores a terem dificuldade para manter uma contribuição contínua, isso fará com que cada vez mais a quantidade de trabalhadores não tenha acesso à Previdência Social. Isso aprofundará ainda mais a crise, a miséria e a desigualdade no Brasil”, prevê.



Foto: Agência Brasil

Os especialistas defendem que, antes de se discutir a reforma da Previdência, seria preciso se debater amplamente uma reforma Tributária

+ Brasil precisa de uma reforma Tributária

Os especialistas afirmam que a Reforma da Previdência pode ser até necessária, mas não com a urgência como é apresentada, como se as mudanças nas regras de concessão da aposentadoria e dos auxílios fosse o único caminho para ajustar as contas do governo. Eles defendem que antes de discutir a reforma da Previdência é preciso de debater uma reforma Tributária.

O professor Edson Franco, do Departamento de Finanças e Contabilidade da UFPB e que já foi presidente do Conselho Regional de Contabilidade, por exemplo, explica que é fato as contas públicas precisarem ser ajustadas, agora afirmar que vai ser a Previdência que vai corrigir os problemas na economia brasileira, tem uma distância muito grande da realidade.

“A premissa para mim e para alguns de nós é que a reforma da Previdência precisa ser discutida depois de uma reforma Tributária solidária, em que efetivamente se faça justiça tributária. Falo de uma reforma Tributária no modo de cobrança de quem vai ser cobrado e o que será cobrado. O Imposto Territorial Rural (ITR), por exemplo, tem uma taxa de cobrança que varia entre 2% a 4%, de um segmento, o agronegócio, que ganha bilhões”, reforça.

O professor Marcelo Sitcovsky, doutor em Serviço Social, também é da opinião que antes da reforma da Previdência seria importante fazer uma reforma Tributária, na qual os

ricos e os muito ricos passassem a pagar tributos. “Na verdade, há uma injustiça social profunda, do ponto de vista da política tributária brasileira. Os tributos incidem sobre o consumo e isso significa dizer que pessoas desiguais pagam de forma igual. Há ainda mecanismos jurídicos que protegem os muito ricos. Eles quase não pagam impostos, ou por isenções ou mesmo pelas próprias políticas de renúncia que são feitas para as grandes empresas. Então, essa me parece a questão mais central”, argumenta.

Regimes próprios

Para o advogado Pedro Igo Paiva Pinheiro, especialista em Direito Previdenciário e membro da Comissão de Direito Previdenciário da OAB/PB, as afirmações que a reforma é necessária e urgente se dão, dentre outras, principalmente em virtude do grande déficit dos regimes próprios de Previdência dos entes federativos do Brasil.

Ele acrescenta que, para alguns especialistas do Direito Previdenciário e Atuarial, seria um equívoco unificar os Regimes Próprios dos Estados e Municípios no âmbito geral da reforma da Previdência, tendo em vista que o RGPS (Regime Geral de Previdência Social) não poderia arcar com a má governabilidade fiscal previdenciária dos entes federativos. “Desse modo, a reforma da Previdência, inclusive de acordo com o relatório da reforma,

deveria ter mais ênfase apenas no RGPS, à propósito, os milhões de segurados do INSS não poderiam arcar com tais dívidas”, observa.

O especialista em Direito Previdenciário explica porque muitos garantem que não há déficit na Previdência e relata que, de acordo com o SIAFI (Sistema Integrado de Administração Financeira do Governo Federal), conforme dados disponíveis no Relatório da CPI da Previdência de 2017, apenas 22,69 % do erário advindo da Seguridade Social (Saúde, Assistência Social e Previdência) são de fato destinados ao fundo solidário de Previdência Social. Por outro lado, 42,43% do erário, são utilizados para amortização de juros e pagamentos da dívida externa. Numa contrapartida aparentemente distorcida, apenas 4,14% são destinados para saúde, 3,91% são destinados para educação, 8,96% são destinados para estados e municípios e 2,88% para o trabalho.

“Dentre outros dados destacados de forma relevante no relatório da CPI da Previdência, aparentemente temos uma gestão atuarial fiscal tributária distribuída de forma equivocada, o que, nesse diapasão, seria possível mitigar o famigerado “déficit da Previdência Social”, principalmente à luz do Regime Geral de Previdência Social (RGPS)”, complementa.

Continua na página 4

Foto: Divulgação



O professor Edson Franco, do Departamento de Finanças e Contabilidade da UFPB explica que as contas públicas precisam de fato ser ajustadas, mas é falso afirmar que a reforma da Previdência irá corrigir os problemas da economia brasileira

Redução da inadimplência deixaria Previdência estável

País tem sido ineficiente na cobrança dos tributos, não só da Previdência, mas de todas as arrecadações

Alexandre Nunes
alexandrenunes.nunes@gmail.com

Para o professor Edson Franco, do Departamento de Finanças e Contabilidade da UFPB, uma boa cobrança dos inadimplentes ajudaria a deixar mais estável a Previdência. Ele entende que o Estado brasileiro tem sido ineficiente na sua cobrança dos tributos, não só da Previdência, mas nos seus tributos como um todo. “A lei ou é permissiva ou ajuda as pessoas a acabarem devendo ao governo. Então, se o governo conseguisse se empenhar para melhorar a cobrança às empresas, é óbvio que esse valor que ingressasse no sistema, ajudaria e muito”, complementa.

Segundo explica Edson Franco, além da inadimplência, também ocorrem as desonerações tributárias e em particular a desoneração da contribuição previdenciária, ou seja, de tempos em tempos, os governos para ajudar empresas, muitas vezes sem nenhuma contrapartida clara, tendem a baixar a alíquota. “No caso da Previdência, teve um período em que o governo podia cobrar 20% e cobrou apenas 2% em cima da receita. Enfim, tem essas nuances. Com isso, as desonerações acabam impactando, porque se você baixa a arrecadação, por óbvio que poderá dar déficit. Se a cada ano os inadimplentes fossem cobrados, ou se fosse criado um sistema de cobrança melhor, a tendência era não perturbar o fluxo de caixa da previdência”, assegura.

O especialista em Educação das Contas Públicas destaca que outra questão interessante é saber como é financiada a Previdência. “Tem a contribuição dos trabalhadores, nesse caso, todos que têm carteira assinada ou são funcionários públicos com desconto em folha, tem os autônomos, que também acabam contribuindo, tem a contribuição do empresário e, por último, como determina a Constituição, alguns tributos que também financiam a previdência, a exemplo da Contribuição de Financiamento da Seguridade Social (Cofins) e a Contribuição Social Sobre o Lucro Líquido (CSLL), criadas necessaria-

mente ou exclusivamente para atender e abastecer a seguridade social”, relata.

Edson Franco esclarece que a seguridade social é uma base tríplice. Ela não é só a Previdência, com a aposentadoria, mas também é saúde, com o Sistema Único de Saúde (SUS), e assistência social, com o Benefício de Prestação Continuada (BPC), ou seja, é conjunto de políticas sociais cujo fim é amparar e assistir o cidadão e a sua família em situações como a velhice, a doença e o desemprego.

O professor observa que não está muito claro o que vai acontecer com o resto da seguridade social, após a reforma da Previdência. “Ninguém sabe, por exemplo, o que vai acontecer com o SUS, se ele vai ser ou não privatizado. Se bem que a gente sabe que esse governo é neoliberal de ultradireita. Então, deve querer privatizar, pois até já se falou nisso. Na verdade, o que o governo quer é pegar a previdência, que é a aposentadoria, e entregar ao trabalhador para ele cuidar do seu futuro. Em 18 países isso foi testado e a experiência tem mostrado que não deu certo”, constata.

Ele explica que outra coisa que o governo quer fazer é elevar a alíquota de desconto da previdência do servidor público federal, que começará em 7,5% e irá até 22%, sendo que todo trabalhador federal que ganhe R\$ 10 mil vai imediatamente para 14%. Neste caso específico, o servidor sai de 11% e vai para 14% e em alguns casos poderá chegar a 22%.

“Tem um dispositivo dentro da reforma, na PEC-06, que é uma verdadeira armadilha. Ele diz o seguinte: o servidor estadual e municipal, passada a reforma, imediatamente irá a um desconto de 14% e os estados e municípios terão 180 dias para regulamentar a previdência, de acordo com o que está aprovado para os servidores federais. Se, em 180 dias, os estados e municípios não conseguirem regularizar a situação, os servidores municipal e estadual passarão para as mesmas regras do público federal, com desconto da Previdência de 7,5% até 22%”, informa.



Marcelo Sitcovsky, da ADUFPB, afirma que argumentos da propaganda são falsos



Pedro Igo diz que ainda não é possível saber que reforma vai passar no Congresso

+ Pobres serão mais penalizados e vão pagar a conta

De acordo com a PEC 06/19, redação originária do Governo Federal alusiva a reforma da Previdência, teoricamente, os Sistemas de Previdência de todo o país seriam unificados, o que poderia gerar isonomia quanto ao regime solidário contributivo e atuarial fiscal, o que, supostamente, geraria uma grande economia para o erário. Contudo, para muitos especialistas do cotejo previdenciário e atuarial, quem poderá pagar a “conta” serão os segurados mais pobres, principalmente diante de possíveis mudanças na aposentadoria rural e BPC’s (Benefícios de Prestação Continuada).

O advogado Pedro Igo diz que é importante destacar que a PEC 06/19 não trouxe nenhum mecanismo contudente perante cobranças das dívidas previdenciárias diante das instituições bancárias e grandes empresas com o respectivo saldo devedor. “Ainda de acordo com o relatório da CPI da Previdência, no âmbito da PGFN (Procuradoria Geral da Fazenda Nacional) tem-se dívidas que remontam a ordem de R\$ 590 milhões, e outros R\$ 1,59 bilhões no âmbito da Secretaria da Receita Federal do Brasil. Ressalve-se, entretanto, que parte de tais dívidas foram e estão sendo questionadas judicial e administrativamente. De toda sorte, mais uma vez percebe-se a aparente despreocupação do Planalto em desonerar tais encargos, que poderiam ser a favor do segurado previdenciário”, examina.

Pedro Igo revela que de acordo com estimativas do Ministério da Economia, a reforma da Previdência poderia gerar uma economia de mais de R\$ 900 bilhões num período de dez anos, conforme as últimas alterações apresentadas no relatório da reforma da Previdência.

“Caso a reforma venha a ser aprovada, segundo o Itamaraty as relações comerciais internacionais irão novamente emergir, agora de forma mais impetuosa, principalmente à luz de novos investidores estrangeiros. É importante destacar que no último dia 28 de junho, em Bruxelas, foi anunciado o grande acordo comercial entre os blocos do Mercosul e União Europeia”, comenta.

O especialista explica que ainda não é possível enfatizar o que de fato afetará na vida dos segurados e beneficiários de todo país, tendo em vista as diversas e recentes alterações na redação originária do texto da PEC 06/19, principalmente à luz do relatório da reforma da Previdência conduzido pelo Deputado Federal Samuel Pereira. “Contudo, acredita-se que as principais mudanças se darão

na carência mínima (tempo mínimo de contribuição para concessão de aposentadoria), na idade mínima para homem e mulher e no fator previdenciário (idade de aposentadoria, tempo de contribuição e expectativa de sobrevida no momento de aposentadoria)”, esclarece.

Ele considera que a reforma está seguindo o rito especial rígido (por se tratar de emenda à Constituição Federal) diante do sistema bicameral (Câmara dos Deputados Federais e Senado), principalmente à luz das comissões e sabatinas com a sociedade civil organizada e com alguns especialistas no assunto. “Além disso, vale destacar que já ocorreram audiências públicas em algumas seccionais da Ordem dos Advogados do Brasil no que diz respeito ao debate público da reforma da Previdência. Aparentemente, a temática está sendo bem discutida e poderá ser questionada futuramente através de possíveis ADI’s (Ação Direta de Inconstitucionalidade) diante de possíveis inconstitucionalidades na sua redação que poderá ser aprovada pelo Congresso”, detalha.

Segundo revela o membro da Comissão de Direito Previdenciário da OAB/PB ainda não é possível saber que reforma da Previdência vai passar no Congresso Nacional. “De acordo com fontes do Planalto, ainda é um grande imbróglio o “quórum” qualificado para aprovação da aludida reforma – de todo modo, as mesmas fontes do Planalto dizem que o Governo Federal poderá ganhar forças, com as modificações no texto originário da PEC – por conseguinte, agradando “gregos” e “troianos””, conclui.

Quem tem interesse na reforma

Dois grupos estão interessados na reforma da Previdência: o sistema financeiro, na figura dos bancos, e o grupo daqueles que não querem uma reforma Tributária aos moldes da Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (OCDE), que defende uma tributação maior no rentismo e no patrimônio, e menor no consumo e da renda. A afirmação é do especialista em educação das contas públicas e professor do Departamento de Finanças e Contabilidade da UFPB, Edson Franco.

Ele explica que, caso passe a capitalização da Previdência, os bancos é que vão ficar com o dinheiro do trabalhador, prometendo devolver em forma de aposentadoria. Esse dinheiro vai ficar parado lá no banco durante 30, 40 anos. Então, os bancos vão utilizar esse dinheiro para poder aumentar ainda mais os seus lucros. “O segundo grupo de pessoas que

eu posso atribuir como interessados na reforma da Previdência é formado por aquelas pessoas que usufruem de uma tributação menor no rentismo e no patrimônio, porque no Brasil a maior parte da tributação ocorre na renda e no consumo”, comenta.

Já o professor Marcelo Sitcovsky observa que quem se beneficia com a reforma da Previdência, principalmente se for implantado o sistema de capitalização para a aposentadoria, são os empresários, que não mais contribuirão, e o sistema financeiro bancário. Ele acrescenta que o sistema financeiro, conforme dados da economia, é o único que não está em crise, no Brasil. Ao contrário, vem aferindo superlucros, ano após ano. Ele alerta que as pessoas estão muito animadas, porque o sistema de capitalização caiu, retirado pelo voto do relator, embora isso possa ser recolocado a qualquer momento, por qualquer parlamentar, no plenário.

“A proposta do sistema de capitalização pode ser reapresentada. Trata-se de um sistema extremamente perverso, que apenas transfere para os bancos, investidores e fundos, um tanto de recursos que irá beneficiar exclusivamente o sistema financeiro. O dinheiro que vai ser arrecadado com o sistema de capitalização, que esperamos não seja sob hipótese nenhuma aprovado, vai servir de caixa para o sistema financeiro fazer suas apostas nas bolsas de valores ou na compra de títulos”, previne.

Marcelo Sitcovsky esclarece que se o sistema de capitalização for aplicado e der errado, quem ficará com prejuízo serão os trabalhadores que depositarão, ano após ano, as suas contribuições. Além do mais, o sistema de capitalização isenta os empregadores de contribuir com a Previdência Social. Ele transfere essa responsabilidade exclusivamente para os trabalhadores, como se a Previdência fosse uma política de poupança individual.

“E previdência não é isso. A natureza da política social previdência não é uma poupança para o próprio trabalhador, ela é o reconhecimento público, e isso é feito pelo Estado, de que o trabalho assalariado oferece riscos e que é preciso que a sociedade também assuma esses riscos, porque no processo de produção da riqueza social, o trabalhador contribui durante um período da vida e é justo que depois desse período de contribuição, ele possa ter o direito a um tempo livre, ou seja, o direito a uma aposentadoria e a uma velhice com dignidade. Isso sim, é uma política de previdência”, conclui.

SERVIÇO

Principais mudanças da reforma da Previdência com base no relatório aprovada na comissão especial da Câmara dos Deputados

Média salarial

■ Como é hoje

Para definir o valor das aposentadorias, o INSS calcula a média salarial do trabalhador
Essa média considera os 80% maiores salários desde julho de 1994, ou seja, os 20% menores são descartados
Como fica se a reforma que está na Câmara for aprovada
Todas as contribuições entrarão no cálculo, sem descartar as menores
Isso costuma reduzir o valor da aposentadoria

Regra de cálculo

■ Como é hoje

Na aposentadoria por tempo de contribuição
Há desconto do fator previdenciário na média salarial
Há a opção de aposentadoria integral na fórmula 85/95
Na aposentadoria por idade
O valor do benefício é de 70% da média salarial, mais 1% dessa média a cada ano de contribuição

■ Como fica se a reforma que está na Câmara for aprovada
Haverá um cálculo único para as aposentadorias
O segurado que completa 20 anos de contribuição tem 60% da média salarial
Cada ano a mais de contribuição acrescenta 2% da média ao valor do benefício
É preciso acumular 40 anos de contribuição para ter a aposentadoria integral



Criação do MEPCT e implantação de projetos sociais contribuem para a prevenção e o combate à tortura

A Paraíba é um dos quatro estados do Brasil a ter cumprido determinação da ONU e criado o mecanismo Estadual de Prevenção e Combate à Tortura

Na opinião de José Godoy, ter um presidente que apoia a tortura faz com que policiais se sintam autorizados a cometer crimes contra os direitos humanos. “Ninguém vai combater a violência com instituições policiais fechadas, que não prestam contas à sociedade. Nenhum lugar do mundo baixou violência com violência policial. Se baixou com polícia eficiente, bem treinada, preparada e que preste contas à sociedade”.

Josi Simão



Rota Cultural Caminhos do Frio chega amanhã a Pilões

Até o próximo dia 14, moradores e turistas terão shows, oficinas, aventuras e as delícias da gastronomia

Louise Tonet
Especial para A União

O município de Pilões, no Brejo paraibano receberá amanhã a 14ª edição da Rota Cultural Caminhos do Frio. A abertura oficial será às 19 horas, no Centro Social Padre Matheus, com a apresentação da Banda de Música Professor Antonio Pinto e artistas locais. A programação festiva começará às 8 horas com o desfile de Abertura da Rota Cultural Caminhos do Frio das Escolas Municipais; às 9 horas, haverá o hasteamento da bandeira na Prefeitura; às 14 horas, tem oficina de libras; às 18 horas, começa a Feira de Artesanato e Gastronomia, e às 21 horas, a atração musical fica por conta de Lalo do Acordeon, na Praça João Pessoa.

A programação se estenderá até o dia 14 de julho com atrações musicais no palco principal. Durante a semana, haverá a Rota Gastronômica dos Restaurantes do município, onde todos apreciarão a gastronomia local; oficinas de libras com Severina do Ramo; capacitação para biblioteca com Jaime Souza; cordel com Baraúna Cordelista; rapel na Pedra do Espinho; Concurso Princesa das Flores; apre-

O charme interiorano de Pilões, que recebe amanhã a programação do Caminhos do Frio



Foto: Teresa Duarte

sentação do Teatro Padre Matheus, entre outras atrações.

Este ano, a grande atração para os aventureiros será o rapel na Pedra do Espinho e Cachoeira de Ouricuri, com a equipe Brejo Adventure, e Caminhadas Ecológicas para diversos pontos turísticos do município. Os interessados deverão entrar em contato

com o Departamento de Cultura e Turismo para garantir a sua vaga.

Para o presidente do Fórum de Turismo, Sérgerson Silvestre, o evento tem sua importância na congregação da riqueza cultural que o projeto traz para os municípios participantes. “Um evento rico em oficinas e atividades culturais

que protagonizam uma semana cheia de atividades no município”, disse.

A Rota Cultural Caminhos do Frio inclui os municípios de Areia, Pilões, Remígio, Solânea, Serraria, Bananeiras, Matinhas, Alagoa Nova e Alagoa Grande. Começou neste mês e vai até setembro.

O clima nestes municí-

pios tem ficado em torno de 12 graus, oferecendo aos visitantes um ambiente acolhedor, com muita música, artes cênicas, gastronomia, trilhas e experiências únicas nos engenhos e demais atrações locais.

Homenagem

Este ano, a Rota tem

como carro-chefe a comemoração pelo centenário do paraibano e multiartista Jackson do Pandeiro.

O projeto, que teve início em 2005, na cidade de Bananeiras, é promovido pelo Fórum de Turismo e consolida-se a cada ano, fortalecendo o turismo na região do Brejo paraibano.

PROGRAMAÇÃO

Terça-feira (9)

- 8h - Oficina - Cordel com Baraúna Cordelista - ACVPB
- 8h - Curso - Capacitação para Biblioteca - FUNESC
- 13h - Curso - Capacitação para Biblioteca - FUNESC
- 14h Oficina - Libras com Severina do Ramo, projeto Terço Cultural - CRAS
- 18h - Feira de Artesanato e Gastronomia - Praça João Pessoa
- 20h - Apresentações Culturais - Praça João Pessoa
- 21h30 - Atração Musical com o Trio da Sanfona de Ouro - Palco Principal

Quarta-feira (10)

- 8h - Oficina - Cordel com Baraúna Cordelista - ACVPB

- 8h - Curso - Capacitação para Biblioteca - FUNESC
- 13h - Curso - Capacitação para Biblioteca - FUNESC
- 14h Oficina - Libras com Severina do Ramo, projeto Terço Cultural - CRAS
- 14h - Oficina - Biscuit com Maria de Fátima - CRAS
- 18h - Feira de Artesanato e Gastronomia - Praça João Pessoa
- 20h - Apresentações Culturais das Escolas Municipais - Praça João Pessoa
- 21h30 - Atração Musical com Juaréz do Teclado - Palco Principal

Quinta-feira (11)

- 8h - Oficina - Cordel com Baraúna Cordelista - ACVPB
- 10h - Cerimônia - Abertura do Memorial Teatro Pe. Matheus -

- Centro Social
- 14h - Oficina - Libras com Severina do Ramo, projeto Terço Cultural - CRAS
- 18h - Feira de Artesanato e Gastronomia - Praça João Pessoa
- 20h - Apresentações Culturais - Praça João Pessoa
- 21h - Concurso - Princesa das Flores - Praça João Pessoa
- 21h30 - Atração Musical com Pagode MPB - Palco Principal

Sexta-feira (12)

- 8h - Oficina - Cordel com Baraúna Cordelista - ACVPB
- 8h - Sarau Literário Infantil - Biblioteca Municipal
- 10h - Visitação - Memorial Teatro Pe. Matheus - Engenho Boa Fé
- 14h - Sarau Literário Infantil - Biblioteca Municipal

- 18h - Feira de Artesanato e Gastronomia - Praça João Pessoa
- 19h - I Festival de Cordel de Pilões - Praça João Pessoa

Sábado (13)

- 10h - Visitação - Memorial Teatro Pe. Matheus - Engenho Boa Fé
- 13h - Aventura - Rapel da Pedra do Espinho - Concentração na Praça
- 18h - Feira de Artesanato e Gastronomia - Praça João Pessoa
- 21h - Atração Musical com Zezinho do Arcodeon - Palco principal
- 23h - Atração Musical com Alcymar Monteiro

Domingo (14)

- 7h - Visitação - Feira Livre no Pátio da Feira
- 7h - Aventura - ECO pedal - En-

- genho Boa Fé
- 10h - Visitação - Memorial Teatro Pe. Matheus - Engenho Boa Fé
- 13h - Aventura - Rapel da Pedra do Espinho - Concentração na Praça
- 14h - Café Colonial Engenho Boa Fé com Orquestra de Violão Vó Maria

CIDADES E DATAS:

- 1 a 7 de Julho – Areia
- 8 a 14 de Julho – Pilões
- 15 a 21 de Julho – Matinhas
- 22 a 28 de Julho – Solânea
- 29 a 4 de Agosto – Serraria
- 5 a 11 de Agosto - Bananeiras
- 12 a 18 de Agosto - Remígio
- 19 a 25 de Agosto - Alagoa Nova
- 26 a 1 de Setembro - Alagoa Grande

Opinião

CONTATOS: uniaoogovpb@gmail.com

Lucia Quintino *

Empreendedorismo com propósito: modo de usar

Algumas pessoas começam a empreender “por acaso”, seja por enxergar uma oportunidade do mercado ou por uma necessidade, como por exemplo ter sido demitido.

Muitos ficam sem saber “para quê” ou “por quê” empreender.

O ponto é: Você gostaria de ter sucesso e um negócio lucrativo? Imagino que sua resposta tenha sido afirmativa, então, o caminho será muito mais feliz (e mais fácil) se você acreditar naquilo que faz.

Afinal, o que é propósito? Propósito é ter um motivo, uma razão de ser. É aquilo que te faz levantar todos os dias da cama para fazer seu negócio acontecer, mesmo com todos os percalços que encontra no caminho. Algo que vai muito além do retorno financeiro (que também é bom e fundamental).

Cada vez mais, os clientes querem comprar aquilo que acreditam e se

identificam. Por isso a crescente demanda em produtos que tragam claro o seu “porquê”, como por exemplo, negócios que preservam recursos naturais, produtos sustentáveis, produtos ou serviços voltados para as minorias, dentre outros.

Mesmo que a sua motivação inicial em empreender tenha sido pessoal, como dinheiro, autonomia, liberdade, poder, sucesso, você pode encontrar um propósito claro dentro do seu negócio (existente ou não) e assim se sentir mais realizado e aumentar sua lucratividade ao transmitir sua mensagem por intermédio do seu negócio.

Então, como empreender com propósito?

Abaixo deixo quatro perguntas que costumo indicar aos meus clientes para que se façam e consigam encontrar um propósito claro dentro do seu negócio.

Se você já tem um negócio:

1. O produto ou serviço que ofereço me dá vontade de trabalhar cada vez melhor?
2. Como me sinto quando converso sobre o que faço?
3. Falo do meu trabalho com orgulho ou fico hesitante?
4. O que meus clientes dizem sobre meu produto ou serviço?

Se você ainda não tem um negócio:

1. Que tipos de dificuldades e desafios eu venci na minha vida?
2. Como o que farei pode impactar as pessoas que comprarem meu produto ou serviço? O que de bom acontecerá na vida delas?

3. O que eu posso fazer para me diferenciar dos meus concorrentes?

4. Que legado eu gostaria de construir na minha vida através do meu negócio?

Respondendo essas perguntas você verá que é possível empreender com propósito em qualquer segmento que escolher, basta que encontre um porquê inspirador e posicione o seu produto ou serviço baseado nisso.

“As pessoas comprem o “porquê” você faz, e não “como” você faz.” (Simon Sinek)

E se precisar de ajuda, pode contar comigo!

Lucia Quintino é especialista em Liderança e Terapeuta Sistêmica de Empreendedorismo.

Lixo é única alternativa de sobrevivência para famílias

Das ruas, eles retiram o material que, vendido para reciclagem, garante o pouco dinheiro para sustento da casa

Beatriz de Alcântara
Especial para A União

Em 2010 foi sancionada uma lei federal responsável por garantir o fechamento de lixões a céu aberto, a partir da Política Nacional de Resíduos Sólidos. Em João Pessoa, desde 2003 que o antigo Lixão do Roger foi substituído por um aterro sanitário, porém, existem histórias ligadas ao lugar que seguem em resistência nas ruas da capital. É o caso de Eraldo José, Edjane “Mana” Tavares e tantos outros agentes ambientais, popularmente conhecidos como catadores.

Eraldo José trabalha como catador cadastrado pela Autarquia Especial Municipal de Limpeza Urbana (Emlur) na Associação dos Catadores de Recicláveis (Ascare), no bairro de Cabo Branco, há 17 anos. “No começo, minha mãe já trabalhava no lixão. Eu era menor de idade ainda, tinha uns 14 anos. Comecei a trabalhar e fui me adaptando. Nunca achei outro, porque sempre ganhava mais do que um salário trabalhando no lixão. Não quis sair para ganhar menos”, justifica.

Ele lembra do trabalho no Lixão do Roger e a transição para as ruas. “Como já iam acabar o lixão, a Prefeitura mandou a Emlur fazer o cadastro de todos que trabalhavam lá, colocar um relatório e disseram: ‘Vocês vão trabalhar na rua’. A maioria que trabalha aqui já veio do lixão; eles não queriam nos deixar sem trabalho nenhum e começou a coleta seletiva”, explica Eraldo.

O catador disse que

consegue tirar cerca de mil reais por mês, se trabalhar muito todos os dias. O horário de trabalho é feito do modo que cada um preferir, tendo apenas que respeitar as regras estabelecidas por eles mesmos.

“A gente chega às 8 horas, de 7 horas... Aqueles que chegam mais tarde saem mais tarde. Quem quer sair mais cedo, chega mais cedo. Cada um faz seu horário, mas combinamos de não passar das 21 horas. Quem for faltar, avisa. A gente tem um turno de falta e não pode faltar três vezes por mês. Isso é entre a gente, na associação toda”, destaca Eraldo. No Cabo Branco, inicialmente eram 30 catadores, atualmente, somente oito.

A associação funciona em um espaço alugado pela Prefeitura Municipal de João Pessoa, que auxilia também os catadores com fardamentos, vacinas, caminhões para o deslocamento do lixo coletado, entre outras coisas, através da Emlur.

O espaço é mantido no bairro de Cabo Branco, compondo um dos cinco núcleos de coleta seletiva da capital paraibana. Além da Ascare, localizada em Cabo Branco, ainda existem núcleos no bairro do Bessa, no Bairro dos Estados, Bancários e Mangabeira.

Além dos cinco núcleos, ainda há o Centro de Triagem, localizado no aterro sanitário metropolitano, em Santa Rita. Hoje, são, aproximadamente, 200 catadores cadastrados em João Pessoa pelo órgão responsável pela limpeza urbana.

+ Sem porta e energia

A Cooperativa Acordo Verde está localizada no bairro de Mangabeira e integra as associações dos catadores de matérias recicláveis. Responsável por presidir a cooperativa, Edjane Tavares, mais conhecida por Mana, conta que trabalha com reciclagem há muito tempo, mas na Acordo Verde, há oito anos.

O lugar funciona de segunda a sexta, das 9h às 15h. O horário se limita ao fim da tarde, principalmente, pela falta de iluminação. “Só estou muito triste porque é aberto, não temos segurança, não tem energia”, destaca ela. E ainda complementa, explicando que o único ponto de luz existente foi colocado por um dos colegas de trabalho, Marcelo.

O galpão em Mangabeira também é mantido pela Prefeitura, que segue colaborando com fardamentos, refeição e o caminhão que faz o transporte do lixo coletado. Lá, são cerca de 40 catadores trabalhando diariamente em sistema de cooperativa. “Somos uma cooperativa, não trabalhamos de carteira assinada. A gente recebe 150 reais por mês, cada pessoa”, explica Mana.

O trabalho em Mangabeira é basicamente o mesmo exercido em Cabo Branco. “A gente coleta o material na rua e coloca para o Centro, Timbó e Colibri. A pesagem vem lá de onde a gente vende, do atravessador e a pesagem vai para Emlur”, conta a presidente da associação.



Foto: Evandro Pereira

O trabalho é puxado: é preciso andar de rua em rua à procura de material que sirva à reciclagem. O peso do carrinho cheio castiga os catadores

Reciclagem e responsabilidade social

SERVIÇO

Endereços

■ Núcleo I - Av. Paulino Pinto S/N - Cabo Branco

Atende parte de Manaíra, Cabo Branco, Tambaú, Altiplano Cabo Branco, Miramar

■ Núcleo II - Av. Espírito Santo, S/N - Bairro dos Estados

Atende Bairro dos Estados, Treze de Maio, parte de Mandacaru, parte do Bairro dos Ipês, Pedro Gondim, Conjunto Verdes Mares, Condomínio dos Ipês I e II, Av. Epitácio Pessoa, parte da Torre

■ Núcleo III - Av. Severino Nicolau de Melo, S/N - Jd Oceania

Atende Bessa, Aeroclube, Jardim Oceania e parte de Manaíra

■ Núcleo IV - Rua Manoel Roberto do Nascimento, S/N - Jd Cidade Universitária

Atende Bancários, Jd. Cidade Universitária, Jd. São Paulo, Anatolia, Castelo Branco, Água Fria

■ Núcleo V - Rua Adjair Egito da Nóbrega, S/N - Mangabeira

Atende Mangabeira, José Américo

facilitar o trabalho dos catadores informais separando o lixo caseiro. O catador Eraldo José recomenda que não se coloque lixo orgânico junto do lixo reciclável, e que as pessoas também devem evitar lixo como vidro quebrado, porque é perigoso. “Se for botar, coloca na garrafa de plástico cortada no meio”, explica.

Na Ascare, no Cabo Branco, os principais ma-

teriais separados são: caixa de leite, papelão, papel colorido, papel branco, plástico mole branco e colorido, além da garrafa pet.

De acordo com o site da Prefeitura de João Pessoa, o projeto Acordo Verde existe desde 2007, atendendo quatro bairros na Zona Sul da cidade, e é uma forma de inclusão social para os catadores. “Nele, o morador

faz um acordo simbólico onde entra com a separação do lixo e a prefeitura, com a coleta porta a porta feita pelos agentes ambientais, antigos catadores informais. Esse projeto garantiu a inclusão social dos agentes ambientais, ajuda na preservação do meio ambiente e contribui para deixar a cidade mais limpa e organizada”, aponta o site.

Foto: Evandro Pereira



Os núcleos de coleta seletiva estão em cinco pontos da capital, onde trabalham cerca de 200 pessoas, que fazem o recolhimento do material descartado

Silício é usado para fortalecer as plantações no Semiárido

Pesquisa desenvolvida por instituições de ensino do Sertão paraibano aponta soluções para o problema da escassez de água



O que a região da baía da cidade de São Francisco, na Califórnia, tem em comum com o Sertão da Paraíba? Em uma palavra: silício. A diferença está na aplicação. Na América do Norte, o elemento é a base material da indústria tecnológica que se desenvolve desde meados do século XX. Na Paraíba, o silício é empregado para proporcionar maior resistência aos vegetais em plantações no Semiárido. Os resultados das pesquisas feitas em universidades paraibanas já ultrapassaram as fronteiras e alcançaram publicações científicas no exterior. O desenvolvimento de projetos com aplicação de silício e substâncias orgânicas para fortalecer as plantas ocorre em instituições de ensino localizadas no Sertão e interage com os agricultores locais.

Esse tema aponta para dois vieses. Um deles, é o uso da ciência para a solução da escassez de água para irrigar plantações. O outro, é esse conhecimento ser gerado em universidades distantes dos grandes centros urbanos e próximas das comunidades, cuja agricultura é a principal atividade econômica de subsistência.

Segundo Alberto Soares de Melo, professor do Departamento de Biologia da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), que coordena pesquisas nessa área, a aplicação de silício como fertilizante potencializa a força da planta para ela se desenvolver mesmo quando a água é pouca e o calor é grande. Além do silício, também são testadas outras substâncias como o ácido acetil salicílico (AAS). Com uma trajetória extensa de experiências, o professor Alberto se dedica atualmente a pesquisas com o feijão caupi, o feijão de corda. A partir do campus da UEPB em Campina Grande, Alberto e sua equipe percorrem terras em Santa Luzia, Pombal, Catolé do Rocha, Lagoa Seca, entre outros municípios. Os resultados de várias experiências já foram apresentados em congressos nacionais e internacionais, com publicações inclusive fora do Brasil.

“As famílias de agricultores no interior dependem do que plantam para se alimentarem e o feijão de corda tem muita proteína. A planta que dá esse tipo de feijão se adaptou com o clima e com o

solo sertanejo e nós estamos estudando as características dessas sementes para termos plantações mais homogêneas, que produzam plantas com a mesma estatura, mais tolerantes a doenças, que se adaptem à aridez”, explica o professor Alberto.

Se, por um lado, os pesquisadores recebem sementes das agências de pesquisas, por outro, eles se interessam pelas sementes cultivadas pelos agricultores locais: “A partir desse mês de julho, começaremos a visitar as plantações, registrar o georreferenciamento, identificar plantas com um bom potencial, coletar sementes e levar para análise no laboratório. Faremos um comparativo com materiais de outras agências de pesquisa”, revela Alberto Soares.

Essas pesquisas, e outras em andamento, compartilharão espaço no Centro Multiusuário de Inovação Tecnológica em Sistemas de Produção Agrícola para o Estado da Paraíba (Cemproagri/PB), uma iniciativa da Secretaria de Estado da Educação da Ciência e Tecnologia (SEECT), executada via Fundação de Apoio à Pesquisa (Fapesq), para equipar laboratórios já existentes na UEPB. O Cemproagri será coordenado pelo professor Alberto Soares; pesquisadores da Empaer, de Embrapa, da UFPB e da UFCG, parceiros nas pesquisas, também trabalharão neste local.

Quando se contempla a Caatinga sob um olhar de visitante, tem-se a impressão de que a flora é muito restrita e jamais será abundante. Ao contrário: “Pode não parecer – fala Alberto Soares – mas a biodiversidade é muito grande”. No Vale do Silício, nos Estados Unidos, onde prosperaram grandes empresas de base tecnológica, o elemento químico está em componentes eletrônicos. Na Paraíba, o silício está potencializando uma atividade agrícola de subsistência por meio da ciência.

Aplicação de silício como fertilizante potencializa a força da planta para que ela se desenvolva mesmo quando a água é pouca e o calor intenso



Instituições geram conhecimento longe dos grandes centros e próximo às comunidades

+ Da “lida” com a palma aos laboratórios de ciência

As mãos de Renner Luciano de Souza Ferraz têm cicatrizes de ferimentos feitos na lida com a palma forrageira. Na infância, aos sete e oito anos, colhia e preparava a palma para alimentar o gado em Tacarutu, Pernambuco, na divisa com Paulo Afonso na Bahia, onde morava, com os tios e avós. “Não entenda isso como um trabalho infantil, como tratam hoje – salientou Renner. Era assim no Sertão, uma vida restritiva com relação a recursos. Tínhamos um pedaço de terra, mas a escassez de água não dava condições de cultivar”.

Adolescente, Renner foi levado para Campina Grande, onde estudou e serviu no quartel. Os comandantes identificavam no jovem o gosto pelos estudos e o incentivaram a fazer o vestibular. “Passei na UEPB, para o curso de Ciências Agrárias, em Catolé do Rocha, e comecei em um programa de iniciação científica, meu primeiro contato com a ciência. Foi um marco na minha vida, de fato. Quando cheguei na universidade, eu já tinha uma boa base para trabalhar na terra. Na universidade, me deparei com os métodos científicos, com a forma de fazer pesquisa, e comecei a enxergar muitas oportunidades para transformar a realidade do local onde eu vivi e onde eu morava, em Catolé do Rocha.”

Renner fez mestrado em Campina Grande, na UEPB. Ao chegar, ouviu um conselho de seu orientador, Napoleão Esberard de Macêdo Beltrão: “Você está chegando agora, talvez não me conheça, mas eu gosto de inovar. Então, descubra alguma coisa com a qual você consiga revolucionar a nossa



Professor Renner Luciano conviveu com a falta de água no Semiárido e hoje é pesquisador na UEPB

agricultura.” Impactado, topou o desafio, com o propósito de se voltar para o Semiárido. Encontrou uma base de dados científicos e buscou informações sobre como atenuar a escassez hídrica, e apareceu: silício. “Eu pensei: nossa! Será que essa é a solução para nossa realidade?”, disse Renner.

Ele conta que conheceu outro pesquisador que trabalhava com a aplicação de cimento em cana-de-açúcar. “Aquilo me inquietou porque o que tem no cimento é a sílica. Pesquisamos o solo e, na sua maior parte, é constituído de sílica. Então me convenci de que precisava purificar e concentrar a sílica para usar como um fertilizante orgânico. Descobrimos que o silício promovia um crescimento nas características da planta, nos componentes da produção e comprovamos que o silício induz melhorias nas características

tecnológicas na fibra de algodão. Houve o estalo para direcionar essa tecnologia para o feijão caupi e o professor Alberto Soares investiu nessa hipótese”, lembra Renner.

Depois de estudar e trabalhar por três anos em São Paulo, Renner volta a Campina Grande e inicia o doutorado em Engenharia Agrícola. O orientador, Prof. José Dantas Neto, falou da palma forrageira: “Lembrei do gado da minha família, que se alimentava com a palma. Trabalhamos com aplicação de nitrogênio na produção de palma na região de Santa Luzia, o que resultou numa produção fantástica. Esse projeto gerou outras teses e dissertações”, fala Renner.

Contudo, para Renner, hoje professor na UEPB, em Lagoa Seca, as informações científicas em torno da palma ainda estão dispersas. É necessário concatenar todas essas ideias e entregar um pacote tecnológico ao produtor.

Universidade representa “uma janela para o mundo”

Assim como Renner Luciano, Wellison Dutra também superou a seca para entendê-la mais profundamente, por meio da pesquisa. Sua mãe é professora e seu pai, agricultor aletrado, nunca teve sua própria terra para plantar – alugava as dos vizinhos, em Brejo do Cruz, Sertão paraibano.

“Papai plantava para comer. No tempo dele não existiam oportunidades. Ele sempre incentivou, a mim e aos meus irmãos, a estudarmos. A UEPB, em Catolé do Rocha, cerca de 30 Km de Brejo do Cruz, representou nossa janela para o mundo. Se tivéssemos que ir estudar em Campina Grande talvez dois irmãos se sacrificassem em prol de um. Hoje, os três são formados. Eu e meu irmão em Ciências Agrárias e minha irmã em Letras. A universidade é um instrumento de transformação e de crescimento pessoal. Se não existisse no interior, seria muito difícil chegar onde eu cheguei”, lembra Wellison.

Estrutura multicampi e presença no interior

Segundo a Pró-reitora de Pós-graduação da UFPB, Maria Luiza Alencar, os programas de interiorização tem relevância para o Nordeste, porque “são tratadas vocações e culturas locais e regionais, vida social e educacional da região. Gera o conhecimento local, gera empregos, evita correntes migratórias, mantém o homem ligado à sua origem e o Estado da Paraíba coeso, porque não se abrem espaços no interior. Gera um desenvolvimento local mais equânime e melhora o IDH dessas cidades”.

A Paraíba tem uma característica singular que é a estrutura multicampi. A Universidade Federal da Paraíba é pioneira na interiorização do Ensino Superior. Surgiu em 1955 e foi federalizada em 1960, com dois campi, em João Pessoa e Campina Grande. Em 1979 e 1980, passou pelo programa de ampliação privilegiando a estrutura multicampi, com a construção dos campi em Areia, Bananeiras, Patos, Sousa e Cajazeiras. Em 2002, a UFPB se desmembrou em UFCG e os campi do interior foram divididos. Em 2005, a UFPB criou um novo cam-

pus, do Litoral Norte.

Esse processo, construído durante mais de 50 anos, está ameaçado com a atual política de redução orçamentária às universidades. “A redução de 30% nas universidades federais afetou a UFPB em mais de R\$ 10 milhões. Os cortes nas bolsas afetaram os programas de mestrado que tiveram por duas vezes o conceito 3: uma redução de 70%. Tivemos, ao todo, em mestrados e doutorados, um corte entre 140 e 150 bolsas na UFPB”, informou a pró-reitora.

O Governo do Estado tem mantido, por meio da Fapesq, editais de bolsas para programas de pós-graduação reconhecido pela Capes, em todas as universidades públicas e privadas da Paraíba. A ação ameniza os cortes federais. Já foram distribuídas cerca de 400 bolsas e, nesse semestre, será lançado um edital com mais oportunidades.

Ainda assim, os cortes federais impactam profundamente, de acordo com Maria Luiza Alencar, pois os campi, principalmente de Areia e Bananeiras, recebem estudantes de mestrado e doutorado, professores visitantes,

com bolsa integral. Eles precisam do incentivo da bolsa, sem a qual não conseguem realizar uma pesquisa e ter um trabalho paralelo para se sustentar. Não há oportunidade de trabalho na região.

Para o professor Guido Lemos, do Centro de Informática da UFPB, o sistema de avaliação dos cursos de pós-graduação não podem equiparar situações tão diversas em um país como o Brasil. “Cobrar excelência de um programa que existe há 50 anos em centros urbanos como São Paulo, Rio de Janeiro ou Brasília é completamente diferente de uma universidade que foi recentemente criada no interior, começando um programa de pós-graduação, com dificuldades de atrair pesquisadores mais experientes, manter uma produção com qualidade, com volume.

Essa política vai destruir completamente esse esforço de levar ensino de qualidade e pós-graduação pro interior e a gente mata a possibilidade de solução de problemas regionais, as pessoas que moram em São Paulo não entendem nada do Semiárido da Paraíba, por exemplo”, avalia Guido Lemos.



Foto: Divulgação

Fest Aruanda celebra este ano centenário do cinema na PB

Inscrições para o festival estão abertas e podem ser feitas até 30 de agosto. Evento será realizado em dezembro

Lúcio Vilar
Especial para A União

Importante vitrine para o cinema paraibano e espaço de debates sobre a produção cinematográfica no país, o Fest Aruanda do Audiovisual Brasileiro abriu as inscrições para a 14ª edição, que será realizada no período de 5 a 11 de dezembro, na rede Cinépolis (Manáira Shopping), em João Pessoa. As inscrições poderão ser feitas até o dia 30 de agosto através do site oficial do festival (www.festaruanda.com.br).

Com um público cada vez maior ao longo das 13 edições, o festival tem sua importância reconhecida por atores, produtores e demais profissionais que atuam no cinema. No ano passado, a atriz Patrícia Pillar foi homenageada. Ela também participou de mesa-redonda ao lado dos paraibanos Walter Carvalho e Nanego Lira (foto ao lado).

Novas categorias

Entre as novidades da edição deste ano, está a abertura de inscrições também para longa-metragem. Até o ano passado, os convites eram feitos diretamente pela organização a diretores e distribuidoras de filmes. Mais



Fotos: Divulgação

A atriz Patrícia Pillar foi homenageada na edição 2018 do Fest Aruanda e participou de mesa-redonda sobre produção cinematográfica ao lado de Walter Carvalho (E) e Nanego Lira (D)

duas categorias foram criadas: Curta Universitário de TCC (Trabalho de Conclusão de Curso) e Filme Publicitá-

rio. Estas têm validade apenas para a Paraíba, sendo que a de Filme Publicitário contempla também trabalhos oriundos

de disciplinas, por exemplo. Videoclipe é outra categoria nova, aberta a todos os profissionais do meio, in-

dependentemente de vinculação com instituição de ensino superior. O evento terá, mais uma vez, patrocínio da

Usina Cultural Energisa e do Armazém Paraíba e chancela da Universidade Federal da Paraíba.

O “cinema silencioso” de Walfredo Rodriguez no início do século 20

A organização do Fest-Aruanda, com aval do mais importante pesquisador do cinema paraibano, Wills Leal, anunciou também a celebração do Centenário das Atividades Cinematográficas em solo paraibano.

As primeiras produções realizadas na Paraíba foram capitaneadas por Walfredo Rodriguez em 1919, logo após retornar do Rio de Janeiro, onde

fez sua iniciação profissional como cinegrafista e montador na produtora Federal Films.

O ‘primeiro cineasta’, como ele é nomeado em tese de doutorado do professor Lúcio Vilar (ECA-USP), iniciou neste ano de 1919 a produção de cinejornais, exibidos no Cine Rio Branco. Dessas atividades, uma prática comum no período, chamado de

‘cinema silencioso’, e produzidas em película de 35mm, Walfredo Rodriguez migrou para os documentários, tornando-se conhecido ao longo da década de 1920 com os filmes de longa-metragem ‘Carnaval Paraibano e Pernambucano’ (1923) e ‘Sob o Céu Nordestino’ (1929).

“Uma série de eventos será realizada para celebrar a data que deverá

ter a participação de Vladimir Carvalho, Wills Leal, Alex Santos, entre outros que conviveram com Walfredo Rodriguez e que terão seus testemunhos renovados sobre o precursor do cinema com sotaque paraibano e matriz documental no início do século 20”, disse Lúcio Vilar, produtor-executivo do Fest Aruanda. Lúcio disse ainda que espera contar com o apoio de todos os segmentos e órgãos.



O Fest Aruanda tem levado um público cada vez maior às sessões de cinema ao longo das 13 edições já realizadas. Além disso, o evento oferece ainda oficinas, debates e mesas-redondas com nomes de reconhecimento nacional

Artigo Estevam Dedalus

Sociólogo



As armas de Bolsonaro

O neoliberalismo está baseado na crença de que “não existem sociedades, mas indivíduos”. A sociedade seria algo artificial. O Estado um mal necessário.

A centralidade atribuída ao indivíduo não é uma coisa nova. Ela está na base daquilo que se convencionou chamar de modernidade. O problema é quando essa ideia se torna o guia para políticas econômicas privatizantes vorazes e o fundamento de uma ética que coloca em primeiro lugar os interesses individuais mais mesquinhos, isso resulta em prejuízo do “bem comum”.

Em outras palavras, a ética neoliberal diz que devemos nos importar apenas com nós mesmos, não com os outros – corroendo assim os sentimentos de empatia e solidariedade das pessoas. Um exemplo é o projeto de reforma da previdência proposto pelo Governo Bolsonaro que visa a troca de um regime em que trabalhadores ativos, empresas e Estado contribuem para sua manutenção, por um regime de capitalização. A capitalização levaria os trabalhadores a criarem poupanças individuais administradas por bancos que lucrariam bilhões de reais através de seus fundos de pensão, gerando rendimentos de aposentadoria inferiores aos do atual regime de repartição.

É esse mesmo tipo de ideologia que molda a política de armas e segurança de Bolsonaro. Isto é, não caberia ao Estado a proteção de seus cidadãos. A responsabilidade é transferida para os próprios indivíduos, entrincheirados em casas com cercas elétricas, câmeras de segurança e armas de fogo. Trata-se, portanto, de um empreendimen-

to individual. O ato de transferir para a esfera privada a responsabilidade com a segurança é alimentada pela violência e a sensação de medo que assombram a sociedade brasileira.

O medo invadiu níveis moleculares da vida social, foi colonizado pelo mercado e transformou-se num negócio bilionário que se alimenta de nossas incertezas e vulnerabilidades. O medo está no noticiário sangrento dos programas policiais. Nas páginas dos jornais. Na internet. Nas conversas informais. Nas ruas. Nas escolas. No trabalho. Nas igrejas. No desemprego. Na ignorância. Na impotência. Na pobreza. No outro. No governo. No presente. No futuro.

Somos o país com o maior número de mortes por armas de fogo no mundo, cerca de 20 por cada 100 mil habitantes. Há um holocausto em curso no país. Em 2017, 65.602 pessoas foram mortas no Brasil, o equivalente ao número de baixas norte-americanas durante a Guerra do Vietnã.

Além desses aspectos, é preciso considerar ainda os interesses materiais concretos, o papel de atores econômicos de peso. Em última instância, são eles que movem essa política. O mercado brasileiro é visto pela indústria armamentista como uma fonte inexplorada de lucro. Outro fator negativo nesse processo é a associação do governo com milícias e o crime organizado. A flexibilização ao acesso a armas de fogo pode aumentar a força de poderes paralelos no interior do Estado, o que colocaria em risco a soberania nacional e a nossa já combalida democracia.

Crônica

Kubitschek Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

Um concerto na lua

Há cinquenta anos o homem pisou na Lua. Dizem que não. Como assim? Dia sim, dia não, o cara pisa na bola. Show de bola? Não. Show de nada. Esquece. Preciso ir à Lua, se acontecer mais alguma coisa no Brasil vocês me chamam pelo aplicativo.

Lembro ainda garoto do meu pai entusiasmado me contando que o homem tinha ido à lua. Ainda hoje, as imagens celestes suscitam fascínios em mim. A Lua aparece todo dia. Amanhã ela volta.

Eu acho graça quando vejo pessoas dizendo que o homem não foi a lua. Estão certas, o homem já foi, não precisa ir mais. Longe é um lugar que não existe. Gente por todo canto astrológicos de raiz (como essa palavra raiz está banalizada), e vários “lunáticos” dançam contemplando o satélite. Gente que posta fotos da Lua sem dar crédito a ela. Te dana! A lua e sua beleza em matizes simbólicos.

Quem a viu nua? O criador do telescópio? Galileu Galilei no século XVII? Tantos mistérios e à Lua está a nos olhar sem cerimônia. Contemple a lua e reze uma prece. Ave Maria. Sim, pois pra quem mora lá no morro e vive pertinho do céu, a lua fura o teto. “Lua, lua, lua, lua, por um momento meu canto contigo compactua”. #Caetaninho,

A ida do homem à Lua, que ocorreu em 20 de julho de 1969 e a bela imagem do homem flutuando sobre ela, quando à Lua é música e é poesia. Nessa Lua o homem nunca pisou.

Americanos são sempre americanos e eles pisaram na Lua primeiro. O nome dele é Neil Armstrong. O contexto em que o mundo vivia nessa época era de extrema tensão geopolítica e ficou conhecido com uma tal de Guerra Fria. Mas não viemos aqui para falar de guerra, sequer, fria. Bem antes, em 1961, a URSS pôs



no espaço sideral o primeiro homem, o astronauta Yuri Gagarin, a bordo da Nave Vostok. “Yuri popoff, yuri gagarin”, #Chicocesar. Quer dizer, dizem. Dizem o que? Que o brasileiro Marcos Ponte foi ao espaço. Nem todos sabem. Ou replicam. É, dizem que o homem é ansioso, digo, ambicioso, programado para isso, gananciosos, ociosos e indissociáveis e não capaz de reviver a mística dos sons do mundo para ser uma pouco música, humana música.

Estava ouvindo o rádio e... Duran/te a travessia, ouvi a moça avisar que a banda Duran Duran se prepara para fazer um Concerto na Lua, digo um show especial no próximo dia 16 de julho no Rocket Garden do Centro Espacial Kennedy, em Cabo Canaveral, na Flórida. Nunca fui fã dessa banda.

A banda britânica foi convidada pela Nasa para uma apresentação que celebrará os 50 anos da chegada do homem à Lua com a missão Apollo 11.

Segundo publicação da Agência Espacial dos Estados Unidos, o show será acompanhado por uma performance de drones do Studio Drift, semelhante ao evento que rolou no festival Burning Man. Puxa vida, eu gostaria de ser fã dessa banda.

Sobre o show que terá caráter beneficente, o Duran Duran disse estar honrado com o convite, (honrado é primo da palavra raiz), já que a conquista do espaço foi um tem abordado em suas primeiras composições. Ah, bom, mas se for procurar canções que cantam à lua e o espaço e as estrelas, que estão no olhar, dizem, sei lá, seria um concerto que ia bater na Lua.

“Formamos a banda e lançamos nosso primeiro single, ‘Planet Earth’. O impacto do pouso na Lua ainda era uma de nossas principais fontes de inspiração”, disse o tecladista Nick Rhodes, na publicação da Nasa.

A lua de Sivuca que estava presente a uma reunião de tristeza. Eu olho pra Lua cheia e lembro de outras luas, Lua Almeida. Saudade dela. A Lua juíza, Luana, enluarada e a coisa toda. Lua esse nome dado a tantas mulheres. Se a Lua é uma mulher deve ser por isso que os apaixonados enlouquecem e atiram pedra na Lua. Não, aí é caso de internação.

Vão-se os anéis de Saturno. Vão-se os dedos. É tudo em vão? Menos a Lua.

Kapetadas

1 – Alguém sabe dizer a idade mínima para se aposentar por tempo de contribuição online?

2 - Notícias que trazem paz. Cadê?

3 - Vocês já se perderam no infinito particular?

4 – Som na Caixa: Acorda, vem ver a lua/ Que dorme na noite escura/Que surge tão bela e branca”, Villa Lobos

Eduardo Luna

advogado criminalista

Filosofias coloquiais

O esgarçamento do discurso democrático não é novidade nas férteis terras tupiniquins. Aliás, nos dias que correm, a louvação do referido regime é objeto de questionamento e críticas diversas mundo afora. Em nosso país, pensamos nós, essa veemente contestação liga-se aos usuais escândalos de corrupção que, em absoluto, não tornam a prática política um espaço influenciador de ideias e suporte vigoroso das doutrinas e promessas democráticas.

Antes de seguirmos, uma primeira conclusão demanda registro: entendemos que fora da democracia não há vida útil e alternativa alvissareira. Ao mesmo tempo, é racional pensar que num contexto tal, inflado de desengano e corruptelas de toda sorte, não há trombeta ideológica que permaneça firme e introduza ânimo numa massa extremamente desgastada e submetida à logorreia daqueles que, à base de muita demagogia e performances ilícitas, dirigem os rumos administrativos e impõem desgovernos sobre desigualdades sociais.

Por pertinente, cumpre trazermos ao nosso texto a inteligência do criador de Dom Casmurro, que, enquanto cronista, a respeito do desvirtuamento da prática democrática, anotou: “É uma santa coisa a democracia; não a democracia que faz viver os espertos, a democracia do papel e da palavra, mas a democracia praticada honestamente, regularmente, sinceramente. Quando ela deixa de ser sentimento para ser simplesmente forma, quando deixa de ser ideia para ser simplesmente feitiço, nunca será democracia - será espertocracia, que é sempre o governo de todos os feitos e de todas as formas.” (Machado de Assis, 1839-1908. Machado de Assis: Obra Completa em quatro volumes, vol. 4 /organização editorial Alufúzio Leite et al. São Paulo: Editora Nova Aguilar, 2015, p. 194).

No afã de buscarmos as raízes do problema, numa análise situada entre a ironia e o pessimismo, deitamos as âncoras de nossa observação na literatura de Nelson Rodrigues, que, destilando o seu conhecido veneno sobre o ajuntamento humano e a “cascata de idiotismos” que lhe é inerente, como a destacar a impossibilidade de existência de uma inteligência coletiva, ensinou-nos: “Nunca houve inteligência coletiva, trezentas pessoas reunidas constituem um bloco monolítico de incompreensão, frequentemente de estupidez.” (Nelson Rodrigues, 1912-1980. Nelson Rodrigues por ele mesmo / organização Sônia Rodrigues. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012, p. 101).

Ora, se a promessa democrática envolve a inteligência e a deliberação de um eleitorado plural e participativo, o “bloco de incompreensão e estupidez” referido por Nelson, então, com Machado de Assis, podemos afirmar que a “espertocracia” de uns se aproveita da idiotia e desrazão da humanidade preponderante, donde se afirma que o trânsito social, metido num “beco político” sem saída, amarga um contexto de disparates coletivos e práticas de governo desvirtuadas.

Assentadas algumas ideias, e aqui o fazemos com intuito meramente recreativo, é possível a colação de Luiz Felipe Pondé, cujo olhar agudo acerca do jogo democrático, a reforçar o nosso cavalo de batalha, dispare: “a democracia é um sistema que joga sobre nós grandes quantidades de idiotas que decidem por nós. Numa democracia nunca venceremos a maioria, de idiotas.” (Luiz Felipe Pondé. Filosofia para corajosos. 1. ed. - São Paulo: Planeta, 2016, p. 55).

Por último, um clarão de esperança. Embora o regime da maioria deite sob os nossos olhos a mediocridade dominante, como a delegar o cetro a “marés influentes de idiotismos e despautérios”, há uma luz no fim do túnel. Afinal, como nos sugere Daniel Innerarity, “é mais razoável descrevê-la (a democracia) sem ressonâncias sacras, como uma realidade ao mesmo tempo secular, banal e aperfeiçoável”. É que a sucessão de disparates atravessa a frustração e desemboca na crítica, daí surgindo a apuração e o consequente polimento de ideias que informam e regem a “valsa coletiva”, numa espécie de “cruzada sistemática” sobre amontoados brutos que, empilhados inicialmente, sujeitam-se à prova e a pinceladas de reforma, ao gosto dos poetas que, face a composição arquitetada, apuram o verso e produzem a estrofe final. (Daniel Innerarity. A política em tempos de indignação: a frustração popular e os riscos para a democracia; tradução de João Pedro George. - Rio de Janeiro: Leya, 2017, p. 131).

Cinema

Alex Santos

Cineasta e professor da UFPB

Cinema não deve ser apenas a iminente “bolha” a estourar

Dois assuntos me fazem comentar esta semana, em razão do cinema, sobre o que foi publicado recentemente num dos nossos jornais mais conceituados. São questões que dizem respeito à tradição e ao que ainda representa o cinema paraibano.

A primeira questão será sobre uma espécie de “bolha” luminosa que vem sendo criada, não por uma resistência local no fazer cinema, como terá sido o exercício de uma arte comprometida com as suas bases (citemos, pois, Walfredo Rodriguez, Linduarte Noronha, entre outros), mas por transitório glamour, cuja narrativa há de se extinguir já na próxima esquina...

Recordo que nossa “catequese” a uma formação concreta, produtiva, sempre existiu através da leitura diferenciada sobre o fazer fílmico, dando origem ao exercício verdadeiramente cinematográfico. Até empírico, que se notabilizou até hoje. O que não ocorre atualmente. Falo, em verdade, de uma produção genuinamente paraibana; não tão-somente de efêmeros e ilusórios estrelismos. Jamais nos foi dado a ufania de pisante de um tapete vermelho deveras cobiçado.

O glamour de nossa atual “mise en scène”, mercedamente, se deve ao que sempre foi o cinema paraibano. Não esquecer, contudo, a participação ativa do teatro na formação da grande maioria dos nossos atores e atrizes. E não citaria nomes para não ser injusto em omissões e que possa gerar uma má interpretação. Só que a boa performance de nossas estrelas tem sido amplamente anunciada em produções que não são paraibanas. Mas, tudo bem, desde que as tais atuações, entendo, espelhem



Foto: Divulgação

Cena de “Américo”, filme que homenageia o cineasta paraibano Walfredo Rodriguez

também a seriedade de nossa Academia Paraibana de Cinema. O que, deveras, nos honrará muito!

Outra questão, também importante, diz respeito ao pioneirismo de Walfredo Rodriguez. Em tempo algum o enxergamos “eclipsado” em nossas narrativas. Tanto que, na Paraíba, ele jamais foi olvidado. Eventos os mais diversos, concursos, livros e editais de fomento levam o seu nome, além de filme recente que produzimos (“Américo – Falcão Peregrino”), rendendo-lhe homenagem expressa e merecida. Mas é prudente que o seu nome e feitos se distanciem de uma oportunista “cinefilia” – termo esse vulgar, mas que está em moda e que o entendo negativo ao mérito e à história do nosso cinema.

O que tem faltado em alguns (meros “startups”) é uma melhor leitura de pesquisa, sem pre-

conceito, na busca respeitosa às raízes da História do Cinema Paraibano, em deferência aos nossos pioneiros, seus feitos e legados.

E sobre essa atual carência e melhor conhecimento histórico – inclusive reclamada pelos que, atualmente fazem o curso universitário específico –, há literatura bastante sobre o cinema nosso. Suas nuances de época, enigmas e até dissensos de produção, não obstante, prevalecendo êxitos de realização, na sua maioria. Inúmeras são as publicações nossas existentes, a partir do pioneirismo clérigo-filosófico de Zé Rafael, com “Caminhos do Cinema”, e os demais distintos segmentos de uma arte maior. Arte que se tornou luz em nossas mentes. – Mais “coisas de cinema”, acesse: www.alexantos.com.br



IHGB e ABL homenageiam pioneiros do cinema

Dois pioneiros do cinema paraibano acabam de ser homenageados, numa promoção do Instituto Histórico e Geográfico de Bayeux, com apoio da Academia Bayeuxense de Letras.

Os exibidores Severino Araújo, fundador do Cine Teatro Bayeux daquela cidade, e Severino Alexandre Santos, este, Patrono da Cadeira 05 da Academia Paraibana de Cinema, fundador de três salas de exibição fílmica na cidade de Santa Rita (São Braz, São João e Cinerama), foram homenageados durante o sarau realizado na noite da sexta-feira passada. Participaram do encontro, integrantes das duas entidades, bem como, familiares e amigos dos homenageados.

Convidado pela escritora Glória Araújo, que organizou a parte de cinema do evento, o também advogado, escritor e jornalista Alex Santos (Ocupante da Cadeira 05 de seu pai), no ato, representou a APC com a distribuição de publicações.

Em cartaz

HOMEM-ARANHA: LONGE DE CASA - (EUA, ação, aventura e fantasia). Peter Parker está em viagem de duas semanas pela Europa, ao lado de seus amigos de colégio, quando é surpreendido pela visita de Nick Fury. Convocado para mais uma missão heroica, ele precisa enfrentar vários vilões que surgem em cidades-símbolo do continente, a exemplo de Londres Paris e Veneza, e inclusive a aparição do enigmático Misterio. MAG 3 (DUB, 3D): 16:00; MAG 3 (LEG, 3D): 18:45 - 21:30; sábado (DUB, 3D): 13:20 - 16:00 e 18:45 - 21:30 (LEG, 3D); 13:20 - 16:00 (domingo, DUB, 3D) e 18:45 - 21:30 (LEG, 3D); segunda a quarta: 16:00 (DUB, 3D) e 18:45 - 21:30 (LEG, 3D); TAMBÍÁ 4 (DUB): 15:20 - 17:50 - 20:20; MANAÍRA 1: 19:30 (DUB) e 22:15 (LEG); MANAÍRA 10 (LEG, 3D): 14:30 - 17:15 - 20:00 - 22:45; MANAÍRA 5 (LEG, 3D): 13:30 - 16:15 - 19:00 - 21:45; MANAÍRA 6 (DUB, 3D): 12:00 - 15:00 e 17:45 - 20:30 (LEG, 3D); MANAÍRA 9 (DUB, 3D): 12:30 - 18:00 e 15:15 - 20:45 (LEG, 3D); MANGABEIRA 1 (DUB, 3D): 13:00 - 16:00 - 19:00 - 22:00; MANGABEIRA 5 (DUB, 3D): 12:00 - 15:00 - 18:00, exceção no domingo: 15:00 - 18:00; MANGABEIRA 5 (LEG, 3D): 21:00; MANGABEIRA 2 (12:30 - 14:45 - 17:00 - 19:15

TURMA DA MONICA — Laços (BRA): Floquinho, o cachorro do Cebolinha, desapareceu. Ele desenvolve um plano infalível para resgatar o cãozinho, mas para isso vai precisar da ajuda de seus fiéis amigos: Mônica, Magali e Cascão. Juntos, eles irão enfrentar desafios e viver grandes aventuras para levar Floquinho de volta para casa. - MAG 2: 13:00 - 17:15; MANAÍRA 3: 12:15 - 14:40 - 17:00 - 19:15 - 21:20; TAMBÍÁ 3: 14:40 - 16:40 - 18:40 - 20:40.

TOY STORY 4 (EUA): Agora morando na casa da pequena Bonnie, Woody apresenta aos amigos o novo brinquedo construído por ela: Forky, baseado em um garfo de verdade. O novo posto de brinquedo não o agrada nem um pouco, o que faz com que Forky fuja de casa. Decidido a trazer de volta o atual brinquedo favorito de Bonnie, Woody parte em seu encalço e, no caminho, reencontra Bo Peep, que agora vive em um parque de diversões. MAG 2 (DUB): 15:00 - 19:30; MAG 4 (DUB): 14:00 - 20:45; MANAÍRA 11 (DUB): 12:45 - 15:15 - 17:30 - 19:45; MANAÍRA 7 (DUB): 13:15 - 15:40 - 18:00 - 20:15; MANAÍRA 8 (DUB): 14:30 - 16:35; MANGABEIRA 4 (DUB): 14:00 - 16:15; 11:45 - 14:00 - 16:15 (sábado e domingo); 14:00 - 16:15 (terça e quarta); MANGABEIRA 4 (DUB, 3D): 18:30 - 20:45 (exceto na segunda); TAMBÍÁ 5 (DUB, 3D): 16:30 - 20:30; TAMBÍÁ 5 (DUB): 14:30 - 18:30.

PETS – A VIDA SECRETA DOS BICHOS 2 (EUA): A animação continuará o sucesso de 2016 sobre as vidas que nossos animais de estimação levam quando saímos para o trabalho ou para a escola todos os dias. MAG 4 (DUB): 16:20 - 18:30; MANAÍRA 1 (DUB): 14:20 - 16:20; MANAÍRA 4 (DUB): 13:20 - 15:20 - 17:20 - 19:20 - 21:20; MANGABEIRA 3 (DUB): 13:30 - 15:30 - 17:45; sábado e domingo: 11:30 - 13:30 - 15:30 - 17:45; quarta: 13:30 - 15:30 - 17:45; TAMBÍÁ 1 (DUB): 14:50 - 16:40 - 18:30

ALLADIN (EUA): Um humilde jovem descobre uma lâmpada mágica com um gênio que pode lhe conceder desejos. Agora o rapaz quer conquistar a moça por quem se apaixonou, mas o que ele não sabe é que a jovem é uma princesa que está prestes a noivar. Agora, com a ajuda do Gênio (Will Smith), ele tenta se passar

por um príncipe para conquistar o amor da moça e a confiança de pai dela. 21:00; TAMBÍÁ 1: 20:20

ANNABELLE 3 - De volta para casa (EUA): Os demonologistas Ed e Lorraine Warren, determinados a impedir Annabelle de causar mais estragos, levam a boneca possuída para a sala de artefatos trancada em sua casa, colocando-a “em segurança” atrás do vidro sagrado e da santa bênção do padre. Mas uma noite profana de horror acontece quando Annabelle desperta os espíritos malignos na sala e todos eles se voltam para um novo alvo - a filha de 10 anos dos Warrens, Judy, e suas amigas. MAG 2 (DUB): 21:45; MANAÍRA 2 (DUB): 13:45 - 18:15 e 16:00 - 20:45 (LEG); MANGABEIRA 2 (DUB): 21:30; MANGABEIRA 3 (DUB): 20:00 - 22:20; MANGABEIRA 2: 21:30 (SEGUNDA); MANGABEIRA 3: 20:00 - 22:20 (quarta); TAMBÍÁ 2 (DUB): 14:35 - 16:40 - 18:45 - 20:50..

UM HOMEM FIEL - (FRANÇA) - Comédia romântica. Marianne deixa Abel por Paul, seu melhor amigo e pai de seu futuro filho. Oito anos depois, Paul morre. Abel e Marianne voltam a namorar, despertando ciúmes tanto no filho de Marianne, Joseph, quanto na irmã de Paul, Eva, que, secretamente, ama Abel desde a infância. MANAÍRA 8 (LEG): 18:45; 14:30 (sábado); 18:45 (até quarta)

CINE BANGÜÊ
Divino Amor: 16h e **Estrangeiro:** 18h; Domingo (7): **Estrangeiro:** 16h e **WAJIB - Um convite de casamento:** 18h; segunda-feira (8) - **WAJIB - Um convite de casamento** - 19h; Terça-feira (9): **Divino amor** - 19h; Quarta-feira (10): **A nossa espera** - 19h.

Letra Lúdica

Hildeberto Barbosa Filho

hildebertobarbosa@bol.com.br

Quem sou?

Quem sou, para onde vou, qual a minha origem? Salvo engano, é assim que Augusto dos Anjos indaga num de seus poemas. Indaga, mas não responde. Aliás, nem o poeta do Pau d’Arco nem ninguém podem responder. Afinal, há mais mistérios entre a vida e a morte do que pensa nossa vã filosofia!

Alberto Manguel, por sua vez, numa de suas reflexões desenvolvida em “Uma história natural da curiosidade”, chama-me a atenção para as diversas identidades refletidas na configuração de nós mesmos como “um dos consolos da velhice”. Ao que acrescenta: “Saber que certas pessoas que há muito retornaram ao pó ainda continuam vivendo em nós, assim como nós agora viveremos em alguém de cuja existência sequer suspeitamos”.

É vero: nosso eu, sobretudo acima dos sessenta, se possui uma unidade, esta unidade é tecida com a malha fina de outras identidades que se foram e que virão na sedimentação dos enigmas que envolvem a condição humana.

Ora, quem sou eu? Sempre me respondo apoiado nos versos de Mário de Sá-Carneiro: “Eu não sou eu nem sou o outro./Sou qualquer coisa de intermédio,/pilar da ponte do tédio/que vai de mim para o outro”. Ou seja, numa exegese quase ao pé da letra: eu sou o movimento, a intermediação, a flexibilidade, o inacabamento, a incompletude, o imponderável, o que deve ser, sobretudo o que deve ser.

Portanto, não me conceberia, a essa altura dos anos, sem a marca deixada por alguns seres, entre os reais e os imaginários, que me tocaram, direta ou indiretamente, na peleja da vida. Aqui mesmo, no alinhavado destas palavras, já me referi a um deles, tanto na sua singularidade empírica de homem quanto na distribuição heterogênea das criaturas que imaginou no redemoinho de sua poética agônica e dilacerada.

Se sou o que sou e como sou, devo alguma coisa a Augusto, o menino e o homem solitário que devassava as noites do engenho dialogando com os fantasmas e martelando seus versos fortes e tristes, eivados, no entanto, das belezas mais estranhas. E devo mais, com certeza, aos habitantes toscos de sua lírica mágica.

Nunca me esqueço, por exemplo, da sombra que vem de outras eras, do finado Tôca carregando cana para o engenho, do seu pai morto, mas subindo aos céus, como Elias num carro de glória, e do Corruptão, e do carneiro, e da mosca, e do verme, e das bacantes, e do ébrio, e, em especial, das lagartixas que, dos esconderijos, ficavam olhando aquelas coisas mortas.

Se sou o que sou e como sou, devo alguma coisa a Augusto, e devo muito mais a toda uma grei, entre comuns e excepcionais, que está por trás de meus processos de subjetivação. É tanta gente, é tanta personagem, os da consciência e os do inconsciente, que me é impossível listá-los num breve texto dominical.

Meu pai, minha mãe, meus avós, meus irmãos, meus primos, meus tios, minha mulher, meus prole, meus amigos, meus inimigos...

Destaque

Dan Oliveira apresenta Vogue, na Casa da Pólvora

Empoderamento, representatividade e resistência, são algumas palavras que podem descrever a Vogue. Mas não estamos falando da mundialmente conhecida revista. Apesar de ter seu nome inspirado no periódico, “Vogue” é uma das atrações do festival Anima Centro no mês de julho. O ator e dançarino Dan Oliveira se apresenta na terça-feira (09) às 19:30 na Casa da Pólvora, Centro de João Pessoa, sob a direção de Bertrand Araújo. Com entrada gratuita, a performance tem movimentos expansivos que apresentam força e resistência, tanto na dança quanto na vida. O movimento Vogue teve início a partir da década de 1960 nas periferias dos Estados Unidos e foi eclodindo com o decorrer dos anos. Vogue é marcado pelo empoderamento e transmite a mensagem de que, apesar das diferenças sociais, de religião, cor, sexo, entre outras, somos todos iguais. **(Kássia Paz)**

Serviço

• Funesec [3211-6280] • Mag Shopping [3246-9200] • Shopping Tambiá [3214-4000] • Partage Shopping [3337-6000] • Shopping Sul [3235-5585] • Shopping Manaira (Box) [3246-3188] • Sesc - Campina Grande [3337-1942] • Sesc - João Pessoa [3208-3158] • Teatro Lima Penante [3221-5835] • Teatro Elnaldo do Egypto [3247-1449] • Teatro Severino Cabral [3341-6538] • Bar dos Artistas [3241-4148] Galeria Archidy Picado [3211-6224] • Casa do Cantador [3337-4646]

Fotos: Divulgação



NANQUIM
ARRETADO
PRODUÇÕES
APRESENTA:

TEXTO: RITA MARIA FÉLIX
LÁPIS: AURÉLIO FILHO
ARTE-FINAL: FLAVIO RODRIGUES

"NA MINHA OPINIÃO EXISTEM
DUAS ESCOLAS DE CANTO NO
BRASIL: A DE JOÃO GILBERTO
E A DE JACKSON DO
PANDEIRO". -- ALCEI
VALENÇA

A História de Jackson do PANDEIRO

Um centenário nos quadrinhos

Kássia Paz

Especial para A União

Em 31 de agosto de 1919 nascia José Gomes Filho, mas para nós Jackson do Pandeiro. Em 2019, o cantor e compositor paraibano estaria comemorando seu aniversário de 100 anos. Essa data não poderia passar em branco, então, para homenagear o Rei do Ritmo, aconteceram diversas comemorações deste centenário, e as homenagens vêm em diversos formatos. Desde shows até história em quadrinhos. Sim! Jackson do Pandeiro virou HQ. O quadrinista Aurelio Filho, em parceria com Flavio Rodrigues e Rita Maria Félix, lançou uma minibiografia em formato de quadrinhos para prestar sua homenagem a Jackson.

Trazendo no título o que encontraremos nas páginas

do quadrinho, "A História de Jackson do Pandeiro", conta em sete páginas um resumo da vida do Rei do Ritmo, desde seu nascimento até sua morte. "Comecei a pesquisar a trajetória artística dele, então escolhi algumas cenas e comecei a desenhar. Foram mais de três meses na prancheta de desenho", explicou Aurelio ao falar sobre o processo de desenvolvimento do quadrinho. O quadrinista uniu a identidade singular dos quadrinhos com a biografia dessa personalidade musical e trouxe em meio a tantas homenagens, um formato único para contar a história de um dos maiores nomes da música nacional.

A sensação que se tem ao rever a história de Jackson através do HQ, que geralmente conta histórias fictícias através de desenhos, é fácil sentir que

o personagem principal dessa história é uma lenda. E de fato foi. Uma lenda real, que as décadas após sua morte não puderam apagar o legado deixado por ele. Se muitos buscam quadrinhos para encontrar narrativas sobre super heróis, nesse não será diferente. Um menino que saiu a pé com a família de Alagoa Grande até Campina Grande em busca de uma vida melhor, e mesmo com todas as dificuldades que a vida lhe impôs, se tornou um dos maiores forrozeiros e sambistas do nosso país, isso sem mencionar os tantos outros ritmos que Jackson nos apresentou.

2019 ser considerado ano cultural na Paraíba por causa do aniversário de Jackson do Pandeiro, já nos diz muito sobre o que ele representou e ainda representa para nos-

sa cultura. Ele levou as raízes paraibanas por onde foi até seu último dia de vida e hoje, mais de 30 anos após sua morte, ainda é merecedor de todas as homenagens prestadas e de um ano dedicado a lembrar de seu nome e seus feitos pela música regional que muito enriqueceu também o cenário da música nacional.

2019 ser considerado ano cultural na Paraíba pelo centenário de Jackson do Pandeiro nos diz muito sobre o que ele representou e ainda representa para a nossa cultura





Foto: Marcos Oliveira

Harmonia entre os Poderes gera benefícios para a PB

Clima de diálogo e entendimento envolve o Judiciário, e na Assembleia Legislativa, também deputados das oposições

Ademilson José
ademilson51056@gmail.com

Apesar das diferenças ou divergências pessoais setorizadas (impossível não ter nenhuma), a Paraíba vive um momento que não é muito comum em sua história. Uma pacificação e uma harmonia de fato tomam conta dos três Poderes nesses últimos tempos, algo que tem chamado a atenção de alguns observadores políticos e que oferece condições de trazer resultados bastante positivos para o Estado.

Os méritos disso, claro, devem ser atribuído a todas as partes envolvidas. Mas não há como negar - até porque são as próprias partes que reconhecem -, passa muito pela postura, ações e reações do governador João Azevêdo (PSB).

Há menos de seis meses à frente do Executivo, de atitudes modestas, simples, fala mansa e com uma imagem de bom técnico que aos poucos vai sendo coberta pela de bom político, o governador João parece que tem ganhado mais admiradores do que os mais de um milhão de votos que obteve nas urnas de 2018. Conversa com gregos e troianos, e, pelo visto, não somente do meio do povo, mas como foi dito antes, também do comando dos demais Poderes, inclusive das oposições.

Houve alguns atropelos na eleição da Mesa da Assembleia em primeiro de fevereiro, mas coisas que foram superadas e que tem levado alguns analistas a compararem o atual momento com o vivido nos dois últimos anos de mandato do governador Ricardo Coutinho, na relação com o Poder Legislativo comandado pelo hoje deputado federal Gervásio Maia (PSB).

Quem acompanha política lembra muito bem que esses momentos são bem diferentes daquele que o ex-governador Ricardo Coutinho viveu logo depois da sua primeira eleição, quando a Assembleia esteve sendo presidida pelo então de-

putado Ricardo Marcelo.

É que, além de o relacionamento não ser dos melhores, um grupo de deputados implicou o quanto pôde com o Governo contra a permuta dos terrenos para construção do Shopping Manganeira e da nova sede da Central de Polícia.

Bem diferente daquele momento, agora, apesar de alguns problemas na eleição da Mesa, o governador João Azevêdo conseguiu sair da refrega sem maiores atritos com sua base aliada, ampliando o diálogo para setores da oposição e para os demais Poderes, especialmente o Poder Judiciário comandado pelo desembargador Márcio Murilo da Cunha Ramos.

No no seu primeiro teste de eleição na Assembleia, o governador não somente se equilibrou e passou, como foi mais além. No mês passado, final dos trabalhos do primeiro semestre, saiu da aprovação da Lei de Diretrizes Orçamentárias (LDO), num bom clima de diálogo não somente com o Judiciário, mas também com a Assembleia, incluindo aí a própria oposição.

Ouvidos depois de todo esse processo, representantes dos três Poderes avaliaram que esse clima de paz não é positivo somente porque afasta as brigas e conflitos muitas vezes duradouros, mas porque deve resultar em benefícios concretos para o Estado e para a oposição.

TJ acredita nisso

"Muito bom", resume o presidente do Tribunal de Justiça, desembargador Márcio Murilo da Cunha Ramos, ao ser questionado como vê hoje a relação entre os Poderes.

Ele acredita que esse entrosamento e essa relação de diálogo já trouxe e certamente ainda vai trazer muitos resultados positivos para o Poder Judiciário e para o Estado de um modo geral. "A LDO já foi uma demonstração clara disso e o governador realmente foi peça importante em todos os momentos", afirmou o chefe do Poder Judiciário.

Melhoria dos serviços

Tanto nos pronunciamentos ainda nas últimas sessões do primeiro semestre como também nas entrevistas que concedeu nos últimos dias, o presidente da Assembleia Legislativa, Adriano Galdino (PSB), fez questão de observar:

"Todos foram importantes, todos estiveram abertos ao diálogo pra pedir e pra ceder, mas não podemos deixar de reconhecer que quem mais contribuiu pra tudo isso foi mesmo o governador João", lembra.

Ele também faz questão de repetir que "esse consenso não é importante somente porque foi uma coisa histórica na Assembleia e na relação entre os Poderes na Paraíba. Mas porque é a melhor forma e o melhor caminho para que a população venha a rece-

ber muito mais benefícios ao longo dos anos".

De acordo com o deputado estadual Tião Gomes, relator da LDO, o bom diálogo entre os Poderes facilitou a elaboração do relatório porque todas as negociações que o presidente da Assembleia Adriano Galdino encaminhou, resultaram em pontos de consenso que a Comissão de Orçamento e o plenário aprovaram.

"Já tenho vários mandatos aqui na Assembleia e, sinceramente, nunca tinha visto uma LDO e emendas parlamentares serem aprovadas assim à base do diálogo e com tanta tranquilidade", comentou Tião.

Para ele, seria bom que essa realidade continuasse porque quem ganha com isso não são os Poderes, mas o Estado e a população.



Foto: Secom-PB

Governador João Azevêdo termina o semestre em pleno clima de diálogo com os presidentes do TJ, Márcio Murilo, e da AL, Adriano Galdino

Para o governador, é o caminho da construção

"Essa é a forma como estamos construindo a Paraíba". Afirmo o governador João Azevêdo, sempre que é questionado como analisa esse clima de harmonia e de entendimento entre os Poderes, e também sobre a inexistência de arestas que prejudiquem diálogo com qualquer segmento, inclusive das oposições.

Em entrevista coletiva concedida minutos antes de participar de uma reunião com a Frente Parlamentar da Agricultura no Espaço Cultural, o governador disse que "sobretudo nos momentos de difi-

culdades, faz-se necessário que se tenha capacidade de diálogo. É isso que nós estamos fazendo".

Ele confirmou que tem aceitado e procurado dialogar com todos os segmentos da economia e também dos demais Poderes, e que o objetivo disso tudo é chegar a um consenso em torno daquilo de que seja possível criar e fazer pela Paraíba.

Provocado a falar sobre o fato de a oposição ter elogiado sua posição de diálogo no processo de elaboração e aprovação da LDO, ele agradeceu mas foi mais além:

disse que estará sempre aberto ao entendimento com qualquer segmento político e sobre qualquer assunto que seja do interesse do Estado e da população.

"E fico à vontade pra dizer isso porque não falo em fazer acordos políticos com quem quer que seja, mas sim, conversar para buscar saídas e soluções para problemas econômicos e sociais que afetam o Estado", comentou o governador.

Ele conclui reconhecendo que "isso também não é uma tarefa fácil não. Depende do esforço de todos, governo e oposição", disse.

Agenda para oposição

Mas em termos de Assembleia, a maior surpresa mesmo ficou por conta da oposição, mais precisamente por conta do líder da bancada, o deputado Raniery Paulino. E não foi em entrevista exclusiva ou reservada não. Foi em plena tribuna que ele ocupou para, numa das últimas sessões deste semestre, esquecer um pouco as críticas e lançar frases de aprovação.

Raniery disse textualmente que "a postura do governador João Azevêdo nos entendimentos da LDO realmente foi digna de reconhecimento da parte de qualquer um. Se revelou aberto ao diálogo e à negociação. Quem ganhou foi o diálogo", disse.

Nas entrevistas, o líder da oposição na Assembleia diz e repete sempre que não há dificuldades nenhuma para a banca dialogar com o Governo do Estado, discutir matérias de interesse da população. "De nossa parte não há dificuldade. O que não podemos é permitir que não se estabeleça o contraditório em alguns temas que são tratados aqui na Assembleia".

O líder da bancada do Governo, Ricardo Barbosa (PSB), também foi outro que reconheceu que esse clima de paz e harmonia entre os Poderes foi muito fruto da postura de diálogo do governador e que certamente vai contribuir muito

para mais obras, mais benefícios para a população.

O líder do G10, deputado Júnior Araújo também acha que o clima de entendimento e de diálogo predominou no final do primeiro semestre na Assembleia Legislativa e que depois de muito disse-me-disse, finalmente ficou clara a posição dos seus colegas de grupo.

"Grupos existem em todos parlamentos e, apesar das insinuações, nossa posição nas votações foi exatamente como dissemos: na luta por espaços no Legislativo, mas integrados à base aliada do Governo".

Luciano Cartaxo

A atitude dos parlamentares na Assembleia pode não ser idêntica, mas fatalmente explica porque, em entrevistas, outros setores das oposições, o liderado pelo prefeito da capital, Luciano Cartaxo (PV), por exemplo, também já admitiram se encontrar e conversar com o governador.

Esta semana mesmo em entrevista, o prefeito Luciano negou data marcada mas disse que, "assim que houver uma pauta definida para tratar de parcerias entre Prefeitura e Estado, não terei dificuldade nenhuma de dialogar com o governador".

Mas não é coisa de um lado só. Esta semana mesmo, o governador também admitiu.



Foto: Secom-ALPB

Raniery, líder da oposição, reconhece atitudes que ajudaram no diálogo

Histórico é de atritos

Esse momento de pacificação política vivido pela Paraíba é coisa rara porque o Nego da bandeira parece que não é uma marca somente de 1930 não. O conflito está sempre predominando e, em termos históricos, vem das origens da Paraíba.

Apesar de a história oficial omitir, esse negócio de que a fundação se deu pacificamente em 1585 não é bem verdade não. Até 1599, 14 anos depois, os nativos potiguaras resistiram com guerrilhas contra os portugueses e os tabajaras.

Aqui, o conflito parece coisa que já ver ligado ao próprio nome: em Tupi Guarani, Pará é Porto e Íba é coisa complicada, sinuosa... Paraíba, então, é "Porto Complicado", situação que, ao que tudo indicada, marcou não somente as origens, mas igualmente o processo histórico do Estado.

Muitos governadores viveram de conflitos que muito

prejudicaram suas administrações, e para nos limitarmos somente a momentos mais recentes, dois grandes exemplos foram Tarcísio Burity e Ricardo Coutinho.

A última foi tranquila, mas na sua primeira gestão, entre 2011 e 2014, o governador Ricardo Coutinho viveu momentos difíceis com a Assembleia Legislativa, o mesmo se dando com Tarcísio Burity no segundo mandato, mais precisamente entre 1986 e 1990.

Nos dois momentos, parlamentares (alguns aliados que viraram oposição) estiveram em permanente conflito com o Governo que, até mesmo em face disso, teve pouco tempo para mais realizações.

Hoje, a realidade é adversa e de paz. E o que se espera é que possa contribuir para gerar mais condições de governo e mais benefícios para o Estado e para a população.

Energia renovável beneficiará o ‘Minha Casa, Minha Vida’

Comissão do Senado vai analisar projeto que incentiva o uso de energia solar para reduzir impactos ambientais nos imóveis

Da Agência Senado

Está na pauta da reunião de terça-feira (9) da Comissão de Infraestrutura (CI) um projeto que incentiva o uso de equipamentos de energia elétrica renovável (solar, por exemplo) e padrões construtivos que reduzam impactos ambientais nos imóveis do Programa Minha Casa, Minha Vida. A reunião está marcada para as 11h

O projeto, que também tem como objetivo economizar recursos naturais em imóveis usados pelo poder público, é um substitutivo do senador Eduardo Braga (MDB-AM) ao PLS 253/2016, de autoria do senador Telmário Mota (Pros-RR).

A proposta estabelece como diretriz do Minha Casa, Minha Vida - e também das contratações para construção, reformas e alugueis de imóveis a serem usados por órgãos públicos - o uso de sistemas operacionais, padrões construtivos e aportes tecnológicos que objetivem a redução de impactos ambientais, a economia de recursos naturais e a conservação e o uso racional de energia. O projeto recebeu emenda do ex-senador José Aníbal para incluir o gás natural como fonte de energia limpa, ainda a ser analisada.

Para justificar o substitutivo, o relator destacou que a obrigação indiscriminada de instalar equipamentos de geração de energia elétrica em imóveis do PMCMV poderia aumentar o custo do programa para a União, estados, Distrito Federal e municípios ou reduzir o número de contratações.

“Haveria impacto fiscal, em um cenário em que o país luta para equilibrar as suas contas, ou menos brasileiros seriam contemplados com o sonho de morar em um imóvel próprio”, explicou Eduardo Braga no relatório.

Braga argumentou ainda

que substituiu a obrigatoriedade prevista no texto original por uma diretriz, porque, com ela, o Poder Público já terá de buscar soluções adequadas às características dos imóveis e das localidades em que estão localizados.

“Em determinados casos, pode ser melhor para a nossa sociedade um imóvel concebido para consumir menos eletricidade do que um voltado para a geração de energia elétrica, inclusive porque, atualmente, há um subsídio perverso dos consumidores que não tem geração própria para aqueles que possuem”, ponderou.

Transporte rodoviário

Outro projeto na pauta da comissão obriga as empresas de transporte coletivo rodoviário de passageiros que fazem viagens interestaduais e internacionais a emitir bilhetes de passagem identificados, assim como arquivar os dados do passageiro até a utilização da passagem (PLC 153/2015). O objetivo é facilitar a emissão de segunda via do bilhete, em caso de perda.

O relator na CI, senador Carlos Viana (PSD-MG), observou que a medida já está prevista em uma resolução da Agência Nacional de Transportes Terrestres (ANTT), mas a edição de uma lei sobre o tema trará maior segurança aos passageiros.

Também sobre transporte coletivo, a CI vai apreciar requerimento do senador Nelson Tard (PSD-MS) para realização de audiência pública sobre as possíveis alternativas para redução no preço da tarifa do transporte público urbano. Outros sete requerimentos estão na pauta, entre eles um do senador Marcos Rogério (DEM-RO) para tratar a questão relativa ao preço de passagens aéreas, franquia de bagagens e abertura de mercado do setor aéreo nacional.



O senador Eduardo Braga apresentou substitutivo ao projeto de Telmário Mota, que visa economizar recursos naturais em imóveis usados pelo poder público

Audiência pública

Maconha para uso medicinal volta a ser discutida pela CDH na terça

Da Agência Senado

A Comissão de Direitos Humanos e Legislação Participativa (CDH) agendou para terça-feira (9), a partir das 9h, uma audiência pública para instruir a Sugestão 6/2019, que trata da regulação, fiscalização e tributação da maconha medicinal e do cânhamo industrial no Brasil.

A audiência partiu de iniciativas dos senadores Alessandro Vieira (Cidadania-SE) e Eduardo Girão (Podemos-CE). Vieira é o relator da SUG 6/2019. Já Girão sugeriu nomes de alguns dos participantes, para diferenciar o canabidiol da maconha.

“Um assunto tão de-

licado pede um amplo debate, consultando especialistas com posições diferenciadas. A questão da maconha medicinal, expressão bastante difundida na sociedade, não se mostra verdadeira, e os especialistas apontados por nós terão a capacidade de diferenciar o uso terapêutico do canabidiol, do uso indiscriminado e nocivo à saúde da maconha e suas 500 substâncias psicoativas”, pontuou Girão no requerimento.

A proposta analisada na CDH foi uma iniciativa da ONG Rede Brasileira de Redução de Danos e Direitos Humanos (Reduc). Os representantes da ONG informam que o texto baseia-se em legis-

lações já em vigor nos estados norte-americanos da Califórnia, Nova York e Oregon, assim como no Uruguai. Também garantem que o texto obedece à Convenção Única sobre Entorpecentes (ratificada pelo Decreto 54.216, de 1964) e à Convenção sobre Substâncias Psicotrópicas (ratificada pelo Decreto 79.388, de 1977), tratados internacionais assinados pelo Brasil junto à Organização das Nações Unidas (ONU).

Foram convidados para a audiência as coordenadoras das ONGs Dr. Cannabis, Viviane Sedola, e Cultive, Maria Aparecida Felício; o presidente da Associação Psiquiátrica da América Latina (Apal),

Antônio Geraldo Silva; o procurador José Theodoro Correa, autor do livro Tráfico de Drogas; o presidente da ONG Aliança Verde, Rafael Evangelista; o diretor da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa), William Dib; o psiquiatra Régis Barros; a psicóloga Inês Gandolfo (UnB); e um representante a ser indicado pelo Ministério da Cidadania.

Debate interativo

Para participar do debate, os cidadãos podem enviar perguntas ou comentários para a audiência através do portal e-Cidadania (www.senado.leg.br/ecidadania) ou por ligação telefônica gratuita (0800 612211).



O uso da maconha para fins medicinais vem contribuindo de forma significativa para a cura de pessoas acometidas de várias doenças

Audiência de custódia será tema de debate

Da Agência Câmara

A Comissão de Constituição e Justiça e de Cidadania da Câmara dos Deputados realiza, nesta terça-feira (9), audiência pública com o tema “Audiência de custódia” para debater o Projeto de Decreto Legislativo (PDC nº 317/16), do deputado Eduardo Bolsonaro (PSL-SP), que susta os efeitos da Resolução nº 213/2015, do Conselho Nacional de Justiça, que dispõe sobre a apresentação de toda pessoa presa à autoridade judicial no prazo de 24 horas. O debate será realizado às 9h30, no plenário 1.

Foram convidados para o debate as seguintes autoridades: subprocurador-geral da República e Coordenador da 7ª CCR (Controle Externo da Atividade Policial e Sistema Prisional) do Ministério Público Federal, Domingos Sávio Dresch da Silveira; presidente do Ins-

tituto de Defesa do Direito de Defesa (IDDD), Fábio Toff Simantob; presidente da Associação dos Magistrados Brasileiros (AMB), Jayme de Oliveira; procurador de Justiça do Ministério Público do Rio de Janeiro, Marcelo Rocha Monteiro; presidente da Associação Nacional dos Defensores Públicos – ANADEP, Pedro Paulo Coelho; e governador do Estado do Rio de Janeiro, Wilson Witzel.

Segundo o deputado Léo Moraes (Pode-RO), que solicitou o debate, “o Eduardo Bolsonaro argumenta que as audiências de custódia agravaram a sensação de impunidade ao estabelecer uma inversão de valores e papéis em que os investigados passaram a ser, prioritariamente, os agentes policiais responsáveis pelas prisões e os criminosos foram travestidos de vítimas em potencial, independente da natureza ou gravidade da infração penal praticada.”

Aplicativos contribuem para combate ao medo de aviões

Estatisticamente, transporte aéreo continua sendo o mais seguro, mas acidentes amedrontam a maioria das pessoas

Da BBC News Brasil

Estatisticamente, o avião continua sendo muito mais seguro que outros meios de transporte, incluindo o carro. Mas as más notícias que sacudiram a indústria aérea no último ano e meio certamente não ajudaram a diminuir o medo que muitos têm de voar.

Mais de 500 pessoas morreram em acidentes aéreos em 2018, comparado a 59 fatalidades do ano anterior, segundo estatísticas do Aviation Safety Network, um

site de entusiastas em aviação que reúne dados sobre acidentes aéreos disponíveis em bases de dados oficiais e outras disponíveis em todo o mundo. O número de mortes registradas até primeiro de julho desse ano pelo ASN já soma 212, incluindo voos privados e comerciais.

Apesar dessas cifras, no entanto, as probabilidades de se morrer em um acidente aéreo continuam extremamente baixas: de 1 entre 1,3 milhão no pior dos casos, segundo cálculos do professor do MIT Arnold Barnett.

‘Vou cair?’

Mas as probabilidades são ainda menores em regiões como os Estados Unidos, a União Europeia e até a China, onde, na média, segundo as estimativas de Barnett, uma pessoa pode pegar um avião diariamente por 90 mil anos sem sofrer um acidente fatal.

Essa é a aposta de “Am I Going Down?” (Vou cair?), um dos vários novos aplicativos de celular para combater a aerofobia. O aplicativo, disponível no iTunes por US\$2,99 (R\$ 11,35) diz

calcular as probabilidades de acidente de 10 milhões de rotas específicas. A ideia é que a informação resultante tenha um efeito tranquilizador.

A probabilidade de um acidente em qualquer voo entre os aeroportos de Heathrow, em Londres, e Miami, por exemplo, é de 1 em 4,998,290. “Se você pegar o voo todos os dias, esperaria, em média, 13.693 anos até cair”, Esse é o recado que o aplicativo mostraria para acalmar o usuário.

Agatha Justino

agatha.justino@outlook.com.br

PL 352/2019

A divisão dos brasileiros entre esquerdistas e direitistas foi das salas de aula aos fóruns de internet, passou pela televisão e chegou aos consultórios psiquiátricos. Cada atitude dos empresários, artistas, políticos, da vizinha, dos membros da Carreta Furacão e do Clero está sendo colocada na balança para nos classificar em 2019, de acordo com os conceitos estabelecidos pela Convenção Francesa há pelos menos 200 anos. De Adam Smith e a mão invisível para cá, o brasileiro pode acompanhar a ascensão e queda do Movimento Brasil Livre (MBL).

Fundado em 2014 na esteira dos movimentos de rua e ativismo contra a corrupção, mais precisamente às práticas não-republicanas do Partido dos Trabalhadores, o grupo viu seus dois grandes objetivos serem alcançados com o impeachment de Dilma Rousseff, a prisão de Lula e o bônus track da não eleição de Fernando Haddad. De quebra, elegeram Kim Kataguiri como deputado federal e Fernando Holiday, vereador por São Paulo.

Como parte de um grupo político, Kataguiri e Holiday sempre atuaram como dois inimigos de qualquer atividade que soe progressista e alinhada ao futuro. Movidos a ideias reacionárias, foram responsáveis por uma querela inadmissível sobre arte e nudez. Agora, como político eleito, Fernando Holiday propôs um projeto na Câmara de Vereadores de São Paulo para dificultar a interrupção da gestação mesmo nos casos em que é permitido por lei (estupro, risco de morte e feto anencefálico). O PL 352/2019 é uma distopia completa. O atendimento psicológico previsto pelo projeto inclui orientação religiosa obrigatória, promove a exposição de imagens e sons do feto para mulher e dá margem para internação compulsória. Além disso, sustenta que caso o aborto deixe de ser considerado crime no país, São Paulo permaneça dentro destas regras.

Esta aberração jurídica em forma de projeto de lei, pode ser facilmente contestado na Justiça e Fernando Holiday sabe disso. No entanto, o que o vereador sabe também é o potencial eleitoral e de mobilização por meio do ódio que projetos esdrúxulos como esse carregam. Pois, do ponto de vista ideológico, o conservadorismo da população é o que garante a sustentação do discurso ultraliberal. Aqui, o PL 352/2019 é bastante sintomático e diz sobre o Brasil que queremos ser. Se antes sonhávamos com uma juventude que roubaria espaço na política e nas instituições para dar ao mundo mais beleza e justiça, hoje são a eles que tememos.



Foto: AFP

Cálculos do professor do Arnold Barnett estimam que a probabilidade de uma pessoa morrer em um acidente aéreo é de 1 em 1,3 milhão

“Valk Medo de Voar” é um terapeuta a bordo

O aplicativo “Valk Fear of Flying” (Valk Medo de Voar), desenvolvido pela Fundação Valk, na Holanda, em colaboração com a KLM, Air France, a Universidade de Leiden e o aeroporto Schiphol de Amsterdã, também daria uma mensagem parecida.

Para o iOS, o aplicativo custa US\$ 3,99 (R\$ 15,15); para Android, US\$4,79 (R\$ 18,18). Concebido como um “terapeuta de voo pessoal”, o aplicativo, que só existe em inglês, também oferece previsões do tempo e possíveis turbulências, além de guiar o usuário por uma série de exercícios de combate ao estresse.

O aplicativo também inclui um “botão do pânico” que ativa um terapeuta automático para

ajudar o usuário nos momentos de maior ansiedade.

‘Ao lado do capitão’

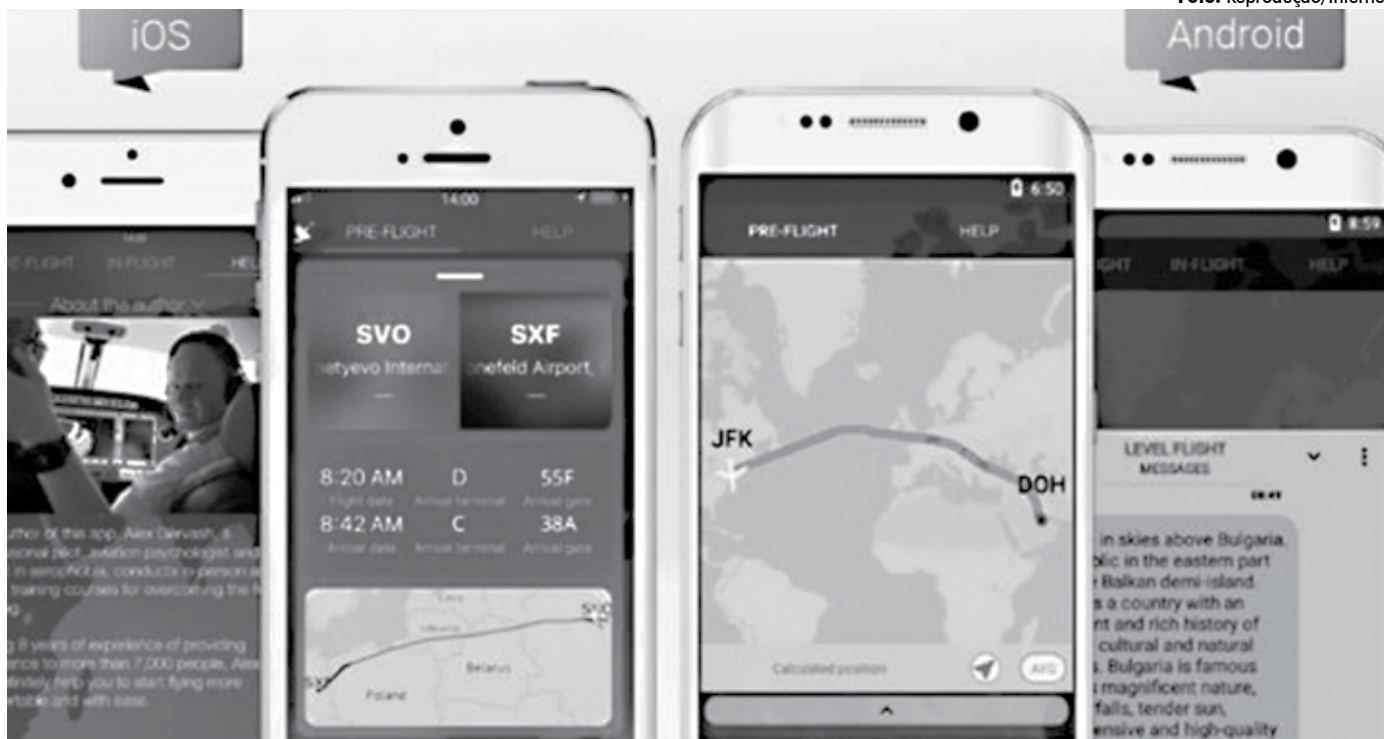
A ideia de que informações podem nos acalmar também está por trás do SkyGuru, que oferece explicações em tempo real do que está acontecendo no voo.

O aplicativo, gratuito, analisa o clima e as possíveis turbulências e oferece conselhos e previsões sobre o que esperar da decolagem à aterrissagem. Uma versão paga utiliza sensores de celulares inteligentes para explicar sons incomuns, manobras do avião e sensações experimentadas durante o voo. Usuários comumente descrevem a experiência como “viajar

sentado ao lado do capitão”. Mas essa versão, mais cara (US\$19,99, ou R\$ 75,88) só está disponível em inglês e russo.

Uma combinação desses serviços também pode ser acessada por meio de aplicativos como Turbcast (de previsão de turbulências), SOAR (em que um piloto explica tudo o que é preciso saber sobre aviões e voos) e “Overcome the Fear of Flying” (Supere o Medo de Voar, que oferece sessões de hipnose). O aplicativo se chama ANA Take off Mode, é gratuito, e aposta em distrair o usuário com jogos imersivos para que o passageiro simplesmente se esqueça de que está voando, decolando ou aterrissando.

Foto: Reprodução/Internet



O aplicativo gratuito analisa o clima e as possíveis turbulências e oferece conselhos e previsões sobre o que esperar da decolagem à aterrissagem

Foto: Reprodução



13 a 21
DE JULHO

GUANABARA

FESTIVAL

E VOCÊ NO RITMO DO EXPOCRATO

CEARÁ - BRASIL

Compre já sua passagem pelo **app Viaje Guanabara** ou pelo site **clickbus.com.br** e viaje pela Transportadora oficial da ExpoCrato 2019.



DESCONTO EXCLUSIVO
na compra da passagem na rodoviária para
você que adquiriu o passaporte do festival.

TRANSPORTADORA OFICIAL
DO MAIOR FESTIVAL
NORTE-NORDESTE

 ClickBus

PROGRAMAÇÃO*

13/JUL
Dilsinho
Ferrugem
Parangolé
Ousadia
Raphael Belo Xote
Daniel Lobão

14/JUL
Magníficos
Iohannes
Calcinha Preta
Wallas Arrais
Thales Lessa
Gideon do Forró
Luis Fidelis

15/JUL
Maneva
Planta e Raiz
Adão Negro
Namoro Novo
Missão Miranda
Raphael Alencar

16/JUL
Nando Reis
Biquini Cavadão
Selvagens à Procura de Lei
Alfazemas
Renno
Fábio Carneirinho

17/JUL
Marília Mendonça
Zé Neto e Cristiano
Dorgival Dantas
Toca do Vale
Eric Land
Érika Diniz

18/JUL
Léo Santana
Bruno e Marrone
Zé Cantor
Ciço Bodim
Bulé de Caminhão
Apimentados do Forró

19/JUL
Simone & Simaria
Maiara e Maraísa
Saia Rodada
Aldair Playboy
Maninho e Banda
Luan Rocha
Antonio Marcos

20/JUL
Gusttavo Lima
Xand Avião
Jonas Esticado
Ruan Rodrigues
Ana Nery
Forró Alencar

21/JUL
Wesley Safadão
Jorge e Mateus
Anitta
JM Puxado
Chumbo Sim Sinhô
Wawa Pinho

*Programação sujeita a alteração.



Foto: Marcos Santos / USP Imagens

Excesso de tecnologia pode trazer riscos aos mais jovens

Segundo a Sociedade Brasileira de Pediatria, uso das telas afeta o sono, a atenção, o aprendizado e a regulação do humor

As evidências de pesquisas científicas sugerem: dispositivos tecnológicos de telas e mídias oferecem benefícios e riscos para a saúde das crianças e adolescentes, tornando-se necessário o planejamento de familiares, professores e cuidadores para manter o processo de desenvolvimento de forma adequada. “Diante da relevância da interdisciplinaridade e do tempo em que as crianças permanecem nas escolas, entende-se que o papel do educador nas escolas é fundamental para a formação de um ser humano saudável”, observam especialistas na área.

O assunto mereceu atenção de documento científico lançado nesta semana pela Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP). Conjuntamente, dois de seus Departamentos – o de Desenvolvimento e Comportamento e o de Saúde Escolar da Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP) – publicaram o texto “Uso saudável de telas, tecnologias e mídias nas creches, berçários e escolas”. O objetivo é partilhar conhecimentos da literatura científica médica com as equipes de pedagogos, professores, auxiliares escolares e educadores sobre o uso correto da tecnologia em prol de um desenvolvimento neuropsicomotor satisfatório na infância e adolescência.

Segundo o documento – publicado no mês passado – o desenvolvimento da criança é de responsabilidade da equipe de saúde, da família e do educador, que ajudam no processo de formação, sobretudo pelos exemplos e ações. Nesse sentido, têm relevância o tempo de permanência na escola, o conteúdo repassado e a atuação dos



Foto: Schanzk/Fotolia

A tecnologia usada de forma inadequada, abusiva ou sem planejamento, pode ocupar o espaço de atividades importantes para o desenvolvimento infantil

educadores, entre outros.

Riscos

Segundo o documento, entende-se como riscos os efeitos negativos para a saúde nas áreas do sono, da atenção, do aprendizado, do sistema hormonal (com risco de obesidade), da regulação do humor (com risco de depressão e ansiedade), do sistema osteoarticular, da audição, da visão, além do risco de exposição a grupos de comportamentos de risco e a contatos desconhecidos, com possibilidade de acesso a comportamentos de autoagressão, tentativas de suicídio e crimes de pedofilia e pornografia.

Esses efeitos deletérios já haviam sido abordados, de modo genérico, em outro documento lançado pela SBP

em 2016. O trabalho “Saúde das crianças e adolescentes na Era Digital”, que deve ser lido e consultado por pais, professores, educadores, cuidadores, escolares e adolescentes sobre este assunto, recomendava o tempo adequado de exposição às telas e à internet para cada idade, de acordo com a maturação e desenvolvimento cerebral.

Os dois estudos produzidos pela SBP dialogam ao demonstrar evidências que vão mais nova a criança, menor a capacidade do cérebro de discernir a ficção da realidade. Além disso, durante os primeiros anos de vida a formação da arquitetura cerebral é acelerada e servirá de suporte para todo o aprendizado futuro.

“Torna-se essencial que

os cuidadores e educadores priorizem atividades que auxiliem o aproveitamento do potencial dessas crianças e, portanto, o uso consciente das telas é fundamental. As escolas são fontes de conhecimentos e possuem papel importante em fornecer bons exemplos para pais e cuidadores. O seguimento das diretrizes que protegem e estimulam as crianças de forma adequada pode gerar mudanças significativas em toda a sociedade”, destacam os especialistas.

Princípios

Dentre as conclusões apontadas pelo trabalho, está a necessidade de adequação da Lei nº 12.965 de 23 de abril de 2014, que estabelece princípios, garantias, direitos

e deveres para o uso da Internet no Brasil, às atividades realizadas em escolas e creches de maneira a garantir o pleno desenvolvimento das crianças e protegê-las dos excessos e perigos do mau uso dos recursos tecnológicos na era digital.

“Os nativos da Era Digital têm direito à utilização e desfrute dos recursos tecnológicos para sua aprendizagem e auxílio ao seu desenvolvimento, mas as famílias e as instituições precisam se adequar no sentido de diminuir os riscos do mau uso dessas ferramentas”, observam os especialistas.

De forma complementar, o texto “Uso saudável de telas, tecnologias e mídias nas creches, berçários e escolas” reitera resultados obtidos em

2013, a partir de um estudo científico, que demonstram que crianças de 6 meses a 3 anos, cujos cuidadores usavam livros com hábito frequente de leitura dirigida e linguagem gestual, exibiram mais conhecimento sobre os significados dos símbolos linguísticos.

Elas também obtiveram melhores resultados na avaliação da linguagem e das habilidades sociais, comparadas com outro grupo que passava o mesmo tempo de leitura do grupo acima, mas em aplicativos infantis de estímulo à linguagem e em programas e vídeos educativos na TV e smartphones.

Esse estudo mostra que a interação cuidador-criança e as brincadeiras livres não podem e não ser amplamente substituídas pela tecnologia do século XXI. Esta interação entre a criança e os adultos e entre as próprias crianças é fundamental para o desenvolvimento e a socialização.

“A SBP, pelos Departamentos Científicos de Pediatria do Desenvolvimento e Comportamento e de Saúde Escolar, entende que a tecnologia, quando usada de forma adequada e apropriada, é uma ferramenta que pode melhorar a vida diária das crianças e ajudá-las em todas as facetas do seu desenvolvimento. Mas, quando usada de forma inadequada, abusiva ou sem planejamento, a mídia pode ocupar o espaço de atividades importantes para o desenvolvimento infantil, como pelo brincar, interação face a face, tempo familiar de qualidade, brincadeiras ao ar livre, exercícios físicos, tempo de inatividade e ócio criativo”, salientam os especialistas.

Cadeirinha no veículo

Número de crianças vítimas do trânsito tem redução

Dados epidemiológicos confirmam o efeito positivo do uso de cadeirinhas e outros dispositivos específicos para o transporte de crianças. Após o advento dessa exigência, em 2008, menos crianças têm sido levadas à internação ou morrido por conta de acidentes de trânsito. Essas constatações reforçam a posição dos críticos ao Projeto de Lei 3267/2019, enviado pela Presidência da República ao Congresso Nacional, e que prevê, em um de seus artigos, o fim das penalidades aos condutores que deixarem de observar essas regras.

Pelos números oficiais, desde que a cadeirinha passou a ser obrigatória, com previsão de multa e inclusão de pontos na carteira dos infratores, o número de crianças com até

nove anos internadas em estado grave após se envolverem em acidentes de automóveis caiu um terço nos últimos oito anos. No mesmo período, também houve queda de quase 20% na quantidade de vítimas fatais, nesta faixa etária.

Os números foram analisados pela Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP), em parceria com o Conselho Federal de Medicina (CFM) e a Associação Brasileira de Medicina de Tráfego (Abramet). As entidades encaminharão os resultados para análise da Comissão Especial criada no âmbito da Câmara dos Deputados para analisar a proposta.

Efeitos positivos

“As informações falam por si só. Os dados oficiais, que saíram das bases do

Ministério da Saúde, permitem verificar os efeitos positivos da Resolução nº 277, do Conselho Nacional de Trânsito (Contran). Trata-se de uma regra fundamental para aumentar a segurança nas vias e rodovias e, sobretudo, para proteger a vida e a saúde das crianças com menos de dez anos de idade”, ressaltou a presidente da SBP, Luciana Rodrigues Silva, uma das críticas à proposta.

O tema mereceu o repúdio da SBP que, logo após o anúncio do PL, divulgou nota – juntamente com a Abramet e outras entidades – externando sua preocupação com o fim das punições aos condutores que não transportem menores em cadeirinhas de segurança. O assunto também deve ser discutido pela Câmara Técnica

de Medicina do Tráfego, do CFM, que recentemente elaborou uma cartilha focada nesse tema.

“Estes equipamentos foram projetados para dar mais segurança aos usuários em casos de colisão ou de desaceleração repentina. Conforme mostram os números, eles têm sido fundamentais para salvar milhares de vidas ao longo destes anos”, destacou Mauro Ribeiro, vice-presidente do CFM e membro da Câmara.

Registros

Um dado que chamou atenção é que a queda no volume de registros de morbidade e mortalidade envolvendo crianças tem sido inversa ao tamanho da frota de veículos no País, que cresceu cerca de 50% entre 2010 e 2018 (de

37,25 milhões para 54,7 milhões). Na década anterior à imposição das cadeirinhas (2008), em média 944 crianças ocupantes de veículos eram internadas todos os anos. Nos dez anos seguintes, essa média baixou para 719, o que representa uma redução de 24%.

A mesma tendência tem sido observada entre os óbitos nesta população, mesmo após a internação. Antes da Lei da Cadeirinha, em média 37 crianças morriam por ano em decorrência da gravidade dos acidentes de trânsito, apesar dos cuidados recebidos nos hospitais da rede pública. Ao longo da última década, no entanto, o saldo de óbitos baixou para 25, tendo sido registrado no último ano da série 18 episódios desta natureza.

Quando se avaliam o

total de mortes registradas no local do impacto, a queda se mantém. Também no período analisado pelas entidades médicas, de 2010, data de vigência da resolução do Contran, até 2017, a queda foi de 19% (de 346 para 279 óbitos). Só no primeiro ano de validade da Lei da Cadeirinha, de 2010 a 2011, a diferença nas mortes foi de 22%.

De 1996 a 2017, o Brasil registrou no total 6.363 óbitos de crianças menores de dez anos dentro de algum tipo de veículo automotor. Mais da metade desses casos (53%) envolviam crianças entre zero e quatro anos de idade. Segundo Luciana Rodrigues Silva, o uso desses dispositivos, quando usados corretamente, reduzem em até 70% o risco de morte em caso de colisão.

Crianças são mais suscetíveis à sepse do que os adultos

Pesquisadores que descobriram mecanismo imunológico planejam agora testar novas abordagens terapêuticas

Karina Toledo
Agência FAPESP

Um mecanismo imunológico que torna as crianças mais suscetíveis a morrer de sepse do que os adultos foi identificado por cientistas do Centro de Pesquisa em Doenças Inflamatórias (CRID), em Ribeirão Preto. O estudo foi publicado na revista *Critical Care* e, com base na descoberta, o grupo planeja testar novas abordagens terapêuticas.

“Estamos planejando um ensaio clínico com fármacos já aprovados para uso humano e que sabidamente atuam nesse mecanismo imunológico. O objetivo é aumentar a sobrevida de crianças com sepse”, disse Fernando de Queiroz Cunha, coordenador do CRID – um dos Centros de Pesquisa, Inovação e Difusão (CEPIDs) apoiados pela Fapesp.

Embora seja conhecida como infecção generalizada, a sepse é, na verdade, uma inflamação sistêmica geralmente desencadeada por uma infecção bacteriana localizada que saiu de controle. Na tentativa de combater os patógenos, o sistema imune acaba prejudicando o próprio organismo. O quadro inclui mudanças na temperatura corporal, pressão arterial, frequência cardíaca, contagem de células brancas do sangue e respiração, podendo permanecer ativo mesmo após a ameaça inicial ter sido eliminada. Nas formas mais graves, os pacientes desenvolvem lesões que comprometem o funcionamento de órgãos vitais.

“Em qualquer modelo experimental de sepse, em animais, observamos que todos os parâmetros usados para medir a severidade do quadro estão mais elevados nos infantes. Há mais resposta inflamatória

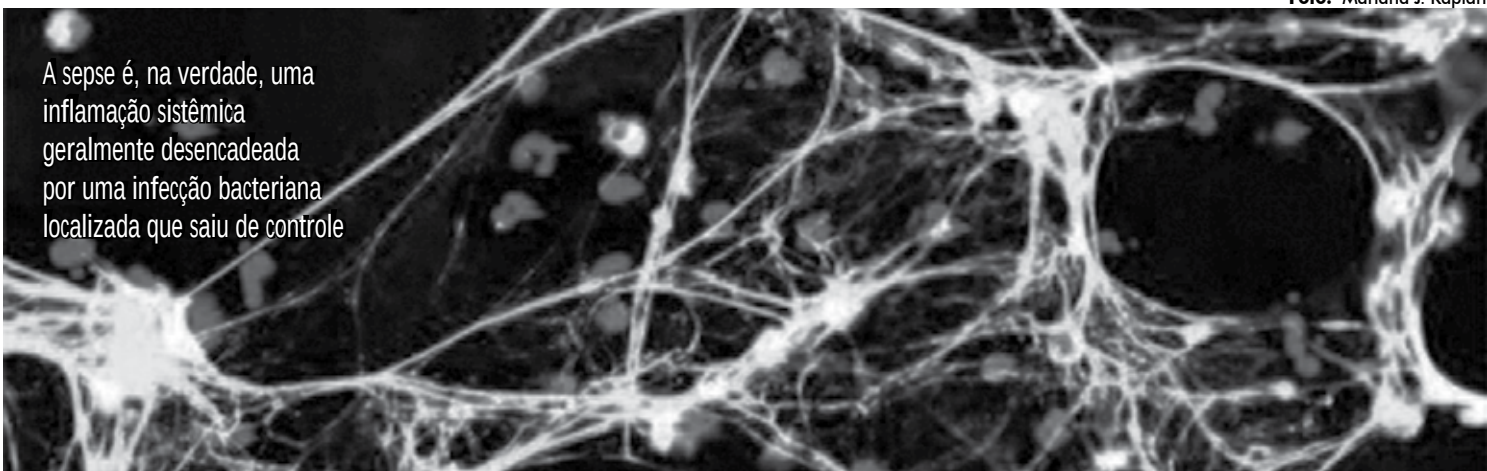


Foto: Mariana J. Kaplan

A sepse é, na verdade, uma inflamação sistêmica geralmente desencadeada por uma infecção bacteriana localizada que saiu de controle

sistêmica, mais comprometimento de órgãos e maior mortalidade”, contou Cunha, que também é professor da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (FMRP-USP).

Em humanos, a comparação da taxa de mortalidade entre adultos e crianças não é tão simples, pois, como explicou o pesquisador, indivíduos com

mais idade frequentemente têm o organismo debilitado por doenças como diabetes, câncer, insuficiência cardíaca ou hipertensão. “Em geral, o adulto que morre em decorrência da sepse já apresenta a saúde comprometida”, disse o pesquisador à Agência Fapesp.

Para entender por que os indivíduos mais jovens – humanos e murinos – tendem a

desenvolver mais lesões nos órgãos, o grupo decidiu investigar as substâncias produzidas pelo sistema imune durante o quadro de sepse. A hipótese dos pesquisadores era de que as células de defesa dos infantes produziram uma quantidade maior de substâncias oxidantes, como radicais livres de oxigênio e de nitrogênio. No entanto, observou-se o contrário.

“Levamos um tempo grande para entender por que crianças têm mais lesão nos tecidos se produzem menos radicais livres. Até que um dia resolvemos investigar a NET [armadilhas extracelulares neutrofilicas, na sigla em inglês]”, contou Cunha.

Como o próprio nome sugere, a NET é uma estratégia de defesa usada principalmem-

te pelo neutrófilo, um tipo de leucócito capaz de fagocitar bactérias, fungos e vírus e que compõe a linha de frente do sistema imune.

“Esse mecanismo imunológico foi descrito há cerca de 10 anos. Em algumas situações, por motivos ainda não compreendidos, ocorre a ativação de uma enzima conhecida como PAD-4, que aumenta a permeabilidade do núcleo do neutrófilo. Quando isso acontece, o material genético contido no núcleo se descondensa e forma redes, que são lançadas pela célula para o meio extracelular para prender e matar bactérias”, explicou.

Segundo o coordenador do CRID, a NET costuma ser acionada por infecções bacterianas e também por alguns vírus, entre eles o chikungunya – a arbovirose que mais produz lesões em tecidos. Em algumas doenças autoimunes também ocorre a ativação desse mecanismo. “O grande problema é que a NET é tóxica para os patógenos e também para as células humanas, mais até que os radicais livres de oxigênio e de nitrogênio.”

Os experimentos com pacientes pediátricos foram realizados em colaboração com o grupo de pesquisa da Unidade de Terapia Intensiva do Hospital das Clínicas da FMRP-USP, liderado pela professora Ana Paula Carlotti. Ao analisar amostras de pacientes acometidos por sepse, os pesquisadores notaram que os neutrófilos do grupo pediátrico produziam, in vitro, 40% mais NET do que os neutrófilos dos adultos. Em camundongos, esse índice foi de 60%. Por meio de modelos experimentais, o grupo buscou entender como esse mecanismo imunológico atua na sepse.

Experimentos feitos com camundongos

Os experimentos foram feitos com dois grupos de camundongos, um com apenas duas semanas de vida e outro composto por adultos jovens e saudáveis. Ambos receberam uma injeção contendo bactérias intestinais na cavidade peritoneal e desenvolveram um quadro de sepse.

“Uma dose de bactérias capaz de matar 100% dos infantes matou apenas 50% dos indivíduos adultos. Uma diferença significativa. Além disso, os camundongos infantes apresentaram, nos dias seguintes à injeção, maior bacteremia [quantidade de bactérias na corrente sanguínea] e mais marcadores bioquímicos indicativos de lesões nos órgãos”, contou Cunha.

Quando as NETs foram degra-

dadas no grupo dos infantes – com uma droga usada para tratar fibrose cística, conhecida como DNase recombinante humana – a sobrevida passou de zero para 50%. Já a sobrevida dos adultos tratados com esse fármaco aumentou de 50% para 60%.

“A diferença entre os dois grupos, quando tratados com a DNase, ficou pequena, mostrando claramente que a maior suscetibilidade infantil está relacionada à produção mais elevada de NET”, disse Cunha.

Em outro experimento, o grupo testou – no lugar da DNase – um composto inibidor da enzima PAD-4, a responsável por iniciar o processo de formação da NET. Nesse caso, a sobrevida dos camundongos

infantes foi de 40%.

“Foi um pouco menos eficaz do que a DNase por não ser um inibidor tão específico da PAD-4. Um de nossos objetivos futuros é desenvolver uma droga bastante específica para inibir essa enzima”, disse o pesquisador.

O grupo avaliou a expressão do gene PAD-4, codificador da enzima de mesmo nome, nos neutrófilos de pacientes e de camundongos e observou, em ambos os casos, que ele está mais expresso nas crianças do que nos adultos acometidos por sepse. Por que isso ocorre ainda não se sabe. É o que David Fernando Colón Morelo, primeiro autor do artigo e orientando de Cunha, está investigando no momento.

Em 1980

Vírus do surto de febre amarela surgiu no Pará

Peter Moon
Agência Fapesp

A origem do vírus responsável pelo recente surto de febre amarela, o maior dos últimos 40 anos, foi traçada por cientistas do Instituto Adolfo Lutz (IAL) e da Universidade de São Paulo (USP).

Por meio de estudo molecular do vírus da febre amarela encontrado em macacos mortos e em mosquitos, o grupo descobriu que a linhagem causadora do surto ocorrido do fim de 2016 ao início de 2018 teve origem no Pará, em 1980.

De lá, o vírus infectou macacos e se espalhou por toda a região amazônica, chegando a atingir a Venezuela e o Suriname. A partir do início dos anos 2000, sempre por meio da infecção de macacos, a doença migrou em direção às regiões Centro-Oeste e Sudeste, até finalmente chegar ao Estado de São Paulo, em 2013. As primeiras mortes de humanos em São Paulo ocorreram em 2016.

Resultados da pesquisa, apoiada pela Fapesp, foram publicados na revista *Scientific Reports*. A investigação foi conduzida por Mariana Sequetin Cunha, pesquisadora no Núcleo de Doenças de Transmissão Vetorial do IAL e contou com a participação de cientistas do Instituto de Medicina Tropical (IMT) da USP e das universidades federais do Pará e de São Paulo. O projeto também teve apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Desde meados de 2016, foram confirmados 2.245 casos da doença, com 764 mortes, segundo dados do Ministério da Saúde. Até então, o ano 2000 tinha registrado o maior número de casos desde 1980, quando o governo começou a notificação. Na época, 40 mortes foram associadas ao surto.

Outra face do problema é a infecção de macacos pelos mesmos mosquitos que transmitem o vírus para humanos. Desde 2016, a vigilância epi-

demiológica dos estados do centro-sul do país – onde se concentra o surto – coletaram carcaças de mais de 10 mil macacos encontradas em florestas e parques. Entre os animais afetados há bugios (ou guaribas), macacos-prego e diversas espécies de saguis. O vírus da febre amarela foi detectado em 3.403 deles, indicou o boletim epidemiológico de febre amarela do Ministério da Saúde.

“Acredita-se que mais de 90% dos macacos mortos sejam bugios. A espécie é extremamente suscetível à febre amarela”, disse Ester Sabino, diretora do IMT-USP.

“Bandos de bugios com mais de 80 indivíduos foram inteiramente dizimados”, disse Cunha, referindo-se ao ocorrido no fim de 2017, quando bugios do Parque Horto Florestal, na Zona Norte da cidade de São Paulo, foram mortos pela febre amarela.

A febre amarela é uma doença aguda causada por um vírus transmitido a macacos e humanos por meio da picada

de mosquitos infectados. Uma das características do quadro é a icterícia, que provoca uma coloração amarelada na pele e nos olhos.

No ciclo de transmissão silvestre da febre amarela, o vírus circula entre os mosquitos dos gêneros *Haemagogus* e *Sabethes* e macacos bugios, pregos e saguis. Nesse ciclo, o homem é considerado um hospedeiro acidental, infectando-se ao entrar em áreas de mata e ambientes rurais.

No ciclo de transmissão urbana, a interação ocorre entre mosquitos da espécie *Aedes aegypti* e o homem, que nesse caso representa o hospedeiro principal. A febre amarela era endêmica nas regiões Sul e Sudeste no início do século 20. Foi graças a campanhas de vacinação, aliadas ao combate aos focos do *Aedes*, que a transmissão urbana foi erradicada.

Nas duas últimas décadas, foram registradas transmissões de febre amarela a humanos além dos limites da região amazônica, área onde

a doença ainda é considerada endêmica. Foram registrados casos em humanos e em macacos na Bahia, Goiás, Minas Gerais, São Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul.

A partir do fim de 2016, no entanto, a transmissão ganhou novas proporções. A dispersão do vírus alcançou a região da Mata Atlântica, bioma que abriga grande diversidade de macacos e onde o vírus não era registrado há décadas.

O novo estudo investigou amostras de tecidos (geralmente de cérebro, fígado ou baço) coletadas em todos os macacos mortos encontrados pela vigilância epidemiológica estadual e enviadas compulsoriamente para análise. Entre julho de 2016 e março de 2017, foram encaminhadas amostras de 430 macacos mortos. A grande maioria vinha de bugios (gênero *Alouatta*), macacos-prego (gênero *Sapajus*) e saguis (gênero *Callicebus*), mas havia também alguns titis (*Callicebus nigrifrons*) e micos-leão-dourados (*Leontopithecus rosalia*).

Cunha e colegas investigaram cada um deles, em busca do vírus da febre amarela. Os resultados do estudo agora publicados são importantes para tentar compreender os caminhos bióticos que levaram o patógeno a sair da Amazônia e chegar ao centro-sul.

“O estudo descreve a evolução do vírus em diferentes espécies de macacos. Os saguis têm uma forma mais branda da doença, quando comparados aos bugios e aos macacos-prego”, disse Sabino.

Nem todos os macacos mortos encontrados pela vigilância e encaminhados ao Adolfo Lutz morreram de febre amarela. “Alguns morreram atropelados e outros foram eletrocutados, por exemplo. Mas, a partir do momento em que um macaco é achado morto, seja por qual circunstância aparente for, o protocolo exige que amostras de tecido sejam enviadas para cá e analisadas”, disse Cunha.

Terapia genética combate o câncer de próstata, diz estudo

Vírus geneticamente modificado consegue matar células cancerígenas e ainda evitar efeitos adversos da quimioterapia

Peter Moon
Agência Fapesp

Pesquisadores do Instituto do Câncer do Estado de São Paulo (Icesp) conseguiram manipular geneticamente um tipo de vírus que, uma vez injetado em camundongos com câncer de próstata, destruiu células tumorais.

O vírus também deixou as células tumorais ainda mais sensíveis ao tratamento com quimioterapia, chegando a eliminar os tumores completamente.

Os resultados foram obtidos pela equipe de Bryan Eric Strauss, diretor do Laboratório de Vetores Virais no Centro de Investigação Translacional em Oncologia (CTO) do Icesp, e publicados na revista Gene Therapy, do grupo Nature.

O trabalho contou com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), no âmbito do Projeto Temático “Terapia gênica do câncer: alinhamento estratégico para estudos translacionais”, do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e da Sanofi-Aventis.

“No combate ao câncer de próstata, empregamos em camundongos uma combinação de terapia gênica e quimioterapia”, disse Strauss. “Escolhemos a via que consi-

deramos com mais potencial de funcionar como supressor de tumores.”

Strauss se refere a um gene conhecido como p53, que controla aspectos importantes da morte celular e existe tanto em humanos como em roedores. Em laboratório, o gene foi inserido no código genético de um vírus (da família Adenovírus). O vírus modificado foi, por sua vez, injetado diretamente nos tumores em camundongos.

“Primeiramente, implantamos células de câncer de próstata humano e esperamos o tumor crescer. Quando isso ocorreu, injetamos o vírus diretamente na massa do tumor, procedimento repetido várias vezes. Em duas dessas ocasiões, aplicamos também a droga cabazitaxel, usada comumente em quimioterapia, por via sistêmica. Depois disso, observamos os camundongos para verificar se ocorreria ou não o desenvolvimento dos tumores”, disse Strauss.

O experimento fez uso de diversos grupos de camundongos, todos inoculados com células de tumor de próstata. Para verificar a efetividade da terapia gênica, um grupo de animais recebeu um vírus irrelevante – grupo de controle.

Um segundo grupo recebeu apenas vírus que co-

dificavam o gene p53. Um terceiro grupo recebeu somente a droga cabazitaxel e, no último, correspondente a um quarto dos animais, foi injetada uma combinação da droga com o vírus.

Quando as células tumorais foram infectadas pelo vírus modificado, esse penetrou o núcleo da célula – que é onde os genes agem –, comandando a morte celular. O gene p53 foi especialmente eficaz em induzir morte em câncer de próstata.

“Os tratamentos individuais com p53 ou com cabazitaxel tiveram um efeito intermediário em termos de controlar o crescimento do tumor. Mas o resultado marcante foi a combinação, que inibiu o tumor totalmente”, disse Strauss.

Os experimentos comprovaram que o vírus modificado, ao infectar as células tumorais, induz a morte dessas células.

“A associação da droga com a terapia gênica resultou no controle total de crescimento do tumor. Ou seja, o que se viu foi um efeito aditivo ou até sinérgico. Também pode-se pensar que o vírus com o gene p53 deixou a célula tumoral mais sensível para a ação do quimioterápico”, disse Strauss.

O pesquisador ressalta que ainda não é possível sim-

plesmente injetar o vírus na corrente sanguínea. “Para essa terapia surtir efeito, precisamos injetar o vírus diretamente nas células tumorais”, disse.

Ele lembra que os tumores podem ser controlados usando somente drogas de quimioterapia, mas que a dosagem necessária costuma ser elevada, resultando em efeitos colaterais. Um deles é a queda de glóbulos brancos na circulação. Essa queda é um dos limites para a aplicação desse tipo de quimioterapia, uma vez que prejudica o sistema imune do paciente.

“Em nosso estudo, aplicamos bem menos drogas usadas em quimioterapia. A dose foi subterapêutica, ou seja, não suficiente para controlar o tumor, mas fizemos isso para tentar evitar a leucopenia, que é a redução no número de glóbulos brancos”, disse Strauss.

O bioquímico e biólogo molecular californiano de 52 anos vive em São Paulo desde 1998, tendo já trabalhado três anos no Instituto de Ciências Biomédicas (ICB) da Universidade de São Paulo e 10 anos no Instituto do Coração (InCor), antes de ingressar no Icesp, em 2011. “Foi durante esse tempo que todos os vetores virais que utilizamos foram desenvolvidos. Trata-se de uma tecnologia totalmente brasileira”, disse.

Foto: Marcos Santos / USP Imagens



Resultados foram obtidos pela equipe de Bryan Eric Strauss, diretor do Laboratório de Vetores Virais no Centro de Investigação Translacional em Oncologia (CTO) do Icesp

Sistema imunológico não reconhece células tumorais

Destruir as células tumorais com p53 não garante que todas as células cancerosas serão eliminadas, incluindo as metástases. Para melhorar a abordagem, pesquisadores contam com a ativação da resposta imune.

Strauss conta que, se a combinação p53 mais cabazitaxel não for suficiente para ativar o sistema imune, pode ser considerado o uso de um segundo gene aliado ao tratamento com p53.

No caso, foi escolhido o interferon beta, chave para a boa função do sistema imune. Interferon é uma proteína produzida por leucócitos e fibroblastos para

interferir na replicação de fungos, vírus, bactérias e células de tumores e estimular a atividade de defesa de outras células.

“Tanto o p53 como o interferon beta podem induzir morte nas células tumorais e a união dos dois faz que a morte das células alerte o sistema imune. É a morte imunogênica”, disse Strauss.

Trabalhos anteriores do grupo servem como base para a ideia. Quando a combinação de genes ARF (parceiro funcional de p53) e interferon beta foi inserida no núcleo da célula tumoral, o sistema imunológico dos roedores deixou

de reconhecer as células tumorais como pertencentes ao organismo dos camundongos, passando a identificá-las como se fossem agentes externos que devem ser combatidos.

“Quando isso ocorre, o sistema imune dos camundongos passa a combater as células tumorais tanto no local do tratamento como em tumores distantes desse local”, disse Strauss.

“Nosso objetivo agora é melhorar essas abordagens. Estamos fazendo ensaios para determinar se merecem avançar para a fase de testes clínicos com pacientes humanos”, disse.

Lúri
Moreira

iurimoreira.imprensa@gmail.com

CPI contra as fake news

Durante a sessão do Congresso Nacional na última quarta-feira (3), o presidente do Senado, Davi Alcolumbre, leu o requerimento para a criação da Comissão Parlamentar Mista de Inquérito (CPMI) para investigar a veiculação de notícias falsas, conhecidas como fake news. Davi, que também preside o Congresso, já pediu que os líderes indiquem os nomes dos integrantes da comissão, que está sendo chamada de CPI Mista das Fake News.

Conforme o requerimento, de iniciativa do deputado Alexandre Leite (DEM-SP), a comissão será composta por 15 senadores e 15 deputados, além de igual número de suplentes. A CPI mista terá 180 dias para investigar os ataques cibernéticos que atentam contra a democracia e o debate público, além da criação de perfis falsos para influenciar as eleições do ano passado. A prática de cyberbullying contra autoridades e cidadãos vulneráveis e o aliciamento de crianças para o cometimento de crimes de ódio e suicídio também estarão entre os objetos de investigação da CPMI.

O deputado Henrique Fontana (PT-RS) agradeceu ao presidente do Senado e destacou o apoio dos colegas parlamentares para a criação da CPI mista. O senador Humberto Costa (PT-PE) negou que a CPMI seja uma tentativa de censura às redes sociais. Ele apontou, porém, que as redes estão sendo usadas, em muitas situações, para a divulgação de mentiras, para a pregação de ódio e para “caluniar pessoas e destruir reputações”.

“Ter uma CPI que possa, de forma articulada, identificar de onde surgem essas ações cumpre um papel muito importante até mesmo para democratizar e salvaguardar todas as pessoas que fazem uso adequado das redes sociais” afirmou o senador, em entrevista à Rádio Senado.

Upgrade

A Tinbot Robótica, startup criada em 2017 e desenvolvedora do Tinbot, anunciou a nova geração do primeiro robô brasileiro interativo que reúne Inteligência Artificial, Cognição e IoT (Internet of Things), acelerada pelo Grupo DB1. De fácil programação, a missão do Tinbot é oferecer uma experiência diferenciada para as pessoas e ajudar empresas a construir uma imagem inovadora por meio de uma interface simpática, amigável e divertida. De pequeno porte, o Tinbot Pro conta com fala natural em português, reconhecimento facial, de voz, gestos e expressões, além de ser integrável a outros sistemas por meio de APIs.

Renovou

Com dez anos no mercado de TI distribuindo marcas tradicionais como Nero e Corel, entre outras, a empresa paulista Boxware acaba de anunciar parceria com a norte-americana RealNetworks para comercialização da plataforma SAFR de Biometria, Reconhecimento Facial ao mercado corporativo brasileiro. O acordo prevê a distribuição do SAFR via revendas da rede de canais da Boxware com foco em pequenas, médias e grandes empresas.

SAP Lab

Já estão abertas as inscrições para a terceira edição do SAP Innomathon, competição regional de startups que visa estimular o desenvolvimento de soluções que melhorem a vida das pessoas por meio do uso de tecnologia. Criado pelo SAP Labs América Latina em parceria com Socialab, neste concurso as startups devem aplicar conceitos de inovação e novas tecnologia em projetos nas áreas de educação, serviços públicos, sustentabilidade e empreendedorismo social. Este ano, a maratona será realizada em nove países: Argentina, Chile, Brasil, Peru, Colômbia, México, Porto Rico, Costa Rica e Uruguai. Serão selecionadas seis startups em cada país para participar da primeira rodada de apresentações. A inscrição é gratuita e pode ser feita até 10 de julho.

Xbox

Está disponível a nova promoção do Xbox Game Pass para PCs da AMD, disponibilizando acesso gratuito durante três meses ao adquirir as placas gráficas AMD Radeon RX 5700, processadores AMD Ryzen 3000 e outros produtos selecionados da AMD com os varejistas participantes. Com o novo bundle, os gamers poderão jogar Gears 5 e mais 100 títulos para PC a partir de agosto de 2019, disponíveis para download. O Xbox continuará adicionando mais títulos em sua biblioteca, incluindo novos jogos de Xbox Game Studios e de desenvolvedores de jogos populares para PC no dia de seus lançamentos.

Em abril de 2016, Gabriel Mascaro teve sua primeira retrospectiva no Film Society of Lincoln Center, em New York. Os documentários “Doméstica” e “A Onda Traz o Vento Leva” e os longas “Ventos de Agosto” e “Boi Neon” são alguns dos filmes dirigidos pelo pernambucano.

Você acha que “Divino Amor” é uma distopia ou uma profecia?

Se tem um movimento curioso do “Divino Amor” é que ele fala de um mundo transformado culturalmente. A audiência pode até sugerir ser uma distopia, mas internamente no filme o personagem acha que está vivendo uma utopia, ele tem fé nesse mundo. Então trata-se de um filme sobre um Brasil em 2027, cuja festa mais importante já não é mais o Carnaval, onde a religião avança com cada vez mais força no Estado. A personagem de Dira Paes trabalha no

Foto: TIZIANA FABI

Entrevista

Gabriel Mascaro
Cineasta



No último dia 27, conversamos com o diretor quando ele esteve em JP para lançar o filme “Divino Amor”, estrelado por Dira Paes

cartório e tenta salvar os casais que chegam para se separar. Ela quer ainda mais religião no Estado. Então, o jogo distopia/utopia é relativo porque nas distopias clássicas da literatura e do cinema, em geral, o personagem vive numa engrenagem em que luta contra seu entorno, contra o sistema opressor. Daí, a gente

começa com um ruído na gênese do projeto que é tentar fazer um mundo que o personagem realiza e no qual ele acredita. Assim, ele tem uma utopia.

Então você começou a escrever “Divino Amor” em 2014...

Foi quando eu comecei a ter as primeiras ideias. Eu tinha uma inquietação

com relação ao avanço da religião no Estado. Passou a ser prioridade para mim escrever sobre um filme que promovesse a temática do Estado perdendo sua laicidade, então eu comecei a pesquisar, a frequentar muito templo para tentar investigar uma religião sobre a qual eu tinha muita curiosidade. Havia muita caricatura em relação aos evangélicos, como se fosse uma coisa muito sem graça, em grande parte pelo lugar de classe dos intelectuais brasileiros. E o que eu vi na minha pesquisa foi algo muito distinto. Eram cultos bastante alegres, divertidos, sedutores, com muita música eletrônica. Foi natural chegar no que resultou o filme “Divino Amor”.

Você prefere filmar documentário ou ficção?

Eu acho que não tem essa dualidade. Eu gosto de fazer filme, criar, inventar, seja documentário ou ficção. Sendo o cinema um espaço de invenção, eu acho confusa essa tradição de separar documentário e

ficção como coisas opostas ou que caminham em direções distintas. Pelo contrário, eu penso que a própria fundação do gênero documentário vem contaminada pela ficção. Se a gente lembra de “Nanook, o Esquimó”, é um filme todo reencenado.

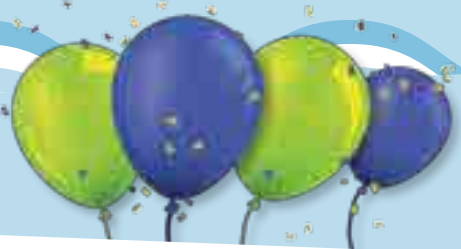
Como foi a inspiração para fazer o premiado “Boi Neon”?

Eu estudei numa escola com muita gente que vinha do interior e que frequentava vaquejadas. Posso dizer que eu cresci com a cultura da vaquejada muito próxima de mim, com um olhar indiretamente de dentro dessa cultura, dadas as relações afetivas que eu tinha com essas pessoas. É curioso porque é como se eu tivesse estudado num colégio fora da bolha, onde eu convivi com pessoas que hoje não fazem parte do meu grupo social, mas que fizeram durante a maior parte da minha vida.

Que diretores você admira?

Cada trabalho, cada filme

demanda uma pesquisa nova. Não tendo influência de família intelectual na infância, também não tive formação cinéfila na minha juventude. O cânone do cinema não fez parte da minha formação. Eu começo a trabalhar um pouco mais velho, e em cada filme eu tento buscar um pouco de referência. O filme “Five” de Abbas Kiarostami me tocou muito como uma experiência possível de se trabalhar uma relação de microdramaturgia num espaço de tempo aparentemente não narrativo. Esses realizadores me marcam, mas também não é aquela coisa do cânone do cinema. Tem o trabalho do chinês Jia Zhangke que pensa de forma muito especial a transformação no espaço da arquitetura da China. Tem Claire Denis, que é a cineasta francesa que investiga de forma brilhante e filma muito bem os corpos. Então é uma junção, um acúmulo de experiências que vão formando o meu olhar.



Parabéns

Ana Maria Lianza Dias, Carlos Eduardo Maia Lins, Carmem Eleonora Amorim Soares, Clarissa Coelho Arrais, Eleonora Rosado Maia, Fátima Abrantes, Giovanna Bezerra Cavalcante, Irenaldo Bezerra Cavalcante, Ivana Bezerra Holanda, João Luciano Moreira Santos, Marcos Thadeu de Freitas Pereira, Maria Lúcia Maia Medeiros, Moacyr Arcoverde, Rejane Larocca Sá, Renata Lúcia de Andrade Dantas, Ricardo Castro de Almeida Cunha.

Coluna do meio

Foto: Felipe Gesteira



Por Dandara Costa

scosta.dandara@gmail.com

Retweet



Leandro Ramos @ramos_lea... - 4m
Que tal gerar emprego e o pai de família conseguir um trabalho pro filho pequeno não precisar trabalhar pra colocar comida na mesa?

São 13 milhões de adultos sem traalho no Brasil.

Em tempo: para os imbecis apressadinhos, ajudar o pai na loja não é trabalho infantil.

8 86 385

Foto: Arquivo pessoal



Hoje é um dia especial para Carmem Eleonora Amorim! Muita luz e felicidade sempre

Foto: Reprodução



O bon vivant Moacyr Arcoverde também comemora nova idade neste domingo

SEM FRAUDE - O desembargador Márcio Murilo, presidente do TJPB, determinou restrição de acesso e consulta a todos os processos de precatórios em trâmite no Tribunal, para resguardar os interesses dos credores e beneficiários de precatórios de possíveis fraudes e golpes decorrentes do eventual acesso antecipado, irrestrito e não identificado dos valores contidos nos autos, sobretudo os do Processo Judicial eletrônico (PJe).

TECNOLOGIA - “O design dos smartphones chegou ao seu limite. Por isso criamos um celular dobrável”, declarou Kang Yun-Je, o chefe da equipe de design da Samsung Yun-Je. Após anunciar o fim dos smartphones até os próximos cinco anos, a Sansung foi acusada de propaganda enganosa sobre a suposta resistência à água de smartphones Galaxy.

PUBLICAÇÕES - Liderando o Centro de Estudos Jurídicos da Avenida Rio Grande do Sul, no Bairro dos Estados, o juiz federal José Fernandes de Andrade anuncia para o corrente ano quatro novas publicações de real significado. “História da Revolução Praieira na Paraíba”, de Maximiano Machado - que o saudoso Francisco Pontes reeditou em 1985 - é uma delas.

Foto: Dandaraa Costa



O casal Rosa Amélia e Hélivio Carlos Ribeiro

CIDADE MARAVILHOSA - O escritor e cronista Palmari di Lucena e sua mulher a médica Maricélia Rodrigues estão no Rio de Janeiro apreciando a boa gastronomia e a programação cultural da cidade. Aliás, Palmari tem feito ensaios fotográficos da cidade de João Pessoa com seu drone que impressiona pelas belezas e denúncias

CONVITE - A HostDime Brasil, que é uma das melhores estruturas de data center da América Latina, vai abrir as portas para membros da imprensa conhecerem de perto as instalações na próxima terça-feira (9). A Coluna do Meio fará parte do grupo de jornalistas que fará a visita no turno da tarde.

Ui!



“ O medo de ter êxito impede muita gente de ser feliz “

REGINA VOLPATO

“ Os gênios são aqueles que dizem muito antes o que se dirá muito depois “

RAMÓN GÓMEZ DE LA SERNA





Firmino, com dois gols, está na briga pela artilharia da Copa América e joga a decisão de hoje contra o Peru, no Maracanã

Brasil e Peru decidem o título da Copa América hoje no Maracanã

Das 44 partidas que disputaram, o Brasil conseguiu 33 vitórias, enquanto o Peru apenas 4 e houve 9 empates

Ivo Marques

ivo_esportes@yahoo.com.br

Após vencer a Espanha por 3 a 0, em 2013, e conquistar o título da Copa das Confederações, o Brasil volta hoje a jogar no Maracanã, e por coincidência, volta a decidir um título. O jogo é contra o Peru, às 17 horas, valendo o título da Copa América 2019. As duas equipes já se enfrentaram nesta edição da competição e o Brasil levou a melhor, aplicando a maior goleada da Copa, 5 a 0. O Brasil chega à final, após uma vitória por 2 a 0 sobre a Argentina, e o Peru aplicou 3 a 0 no Chile.

A partida no Maracanã significará muito para o grupo da seleção, já que a maior parte dos atuais jogadores do Brasil não estiveram na decisão de 2013. Daquele time, só Daniel Alves, Thiago Silva e Filipe Luís permanecem no elenco. Além deles, Gabriel Jesus e Marquinhos também já atuaram com a Canarinho no estádio, mas não foi pela seleção principal. No Maracanã, disputaram e ganharam dois jogos na conquista do ouro nos Jogos Olímpicos 2016. Será, portanto, a primei-



Na primeira fase da Copa América, a Seleção Brasileira não encontrou dificuldades para golpear o Peru por 5 a 0. Hoje, as seleções decidem a competição

ra vez no Maraca com a Seleção Brasileira para todos os outros 17 jogadores do time. Para alguns deles, o jogo terá sabor ainda mais especial. É o caso de Roberto Firmino, por exemplo, que nunca jogou no estádio. O atacante, que se transferiu cedo ao futebol europeu, não chegou a atuar no Maracanã pelo Figueirense,

e agora terá a oportunidade com a Amarelinha.

A história do confronto Brasil e Peru é amplamente favorável aos brasileiros. Das 44 partidas que disputaram, o Brasil conseguiu 33 vitórias, enquanto o Peru apenas 4 e houve 9 empates. Mas, apesar dos números e da campanha melhor nesta

Copa América, o técnico da Seleção Brasileira, Tite, não espera um jogo fácil. Para ele, a equipe peruana vem crescendo na reta final da competição, e não chegou à final por acaso, eliminando os favoritos Uruguai e Chile.

Para esta partida contra os peruanos, Tite deverá mandar ao campo o mesmo

time que começou o jogo contra a Argentina. O único desfalque certo é o atacante William, que foi vetado pelo departamento médico e está fora da decisão. A provável escalação do Brasil para enfrentar o Peru é Halisson, Daniel Alves, Thiago Silva, Marquinhos e Alecsandro; Casemiro, Arthur e Couti-

nho, Gabriel Jesus, Firmino e Everton Cebolinha.

No Peru, o técnico argentino Ricardo Gareca considera o Brasil favorito, mas não acredita que será um jogo tão fácil para os brasileiros, como foi no primeiro encontro entre as duas seleções na fase de classificação. O Peru é bicampeão da Copa América (1939 e 1975), mas há 44 anos não chegava a uma final da competição.

O time eliminou duas equipes favoritas ao título, Chile e Uruguai, e chega na decisão com moral e com os artilheiros de todas as copas, Paolo Guerreiro, um velho conhecido do torcedor brasileiro, com passagens pelo Corinthians, Flamengo e agora está no Internacional. Ele conhece bem o Maracanã e promete surpreender o Brasil.

Sem nenhum problema de contusão ou suspensão, Gareca deve escalar a mesma equipe que venceu o Chile por 3 a 0. Sendo assim, o Peru deverá entrar em campo com Gallese, Advíncula, Zambrando, Abram e Trauco; Tapia e Yotún; Flores, Cueva e Carrillo; Guerrero.

Brasileirão e Copa do Brasil voltam à ativa esta semana

Série B tem um jogo amanhã entre São Bento e Sport. Copa do Brasil realiza quatro partidas e Série A recomeça sábado

Ivo Marques
ivo_esportes@yahoo.com.br

Passadas as emoções da Copa América, os brasileiros se preparam agora para o reinício dos jogos da Copa do Brasil e Campeonatos Brasileiro das Séries A e B. As emoções começam na próxima quarta-feira, com 3 partidas válidas pelas quartas de final da Copa do Brasil. Serão os jogos de ida, no início do mata-mata, valendo uma vaga para as semifinais da competição.

A bola rola a partir das 19h15, na Arena do Grêmio, em Porto Alegre, com Grêmio x Bahia. A partir das 21h30, o Palmeiras recebe o Internacional, no Allianz Parque, em São Paulo. No mesmo horário, Atlético x Flamengo, na Arena da Baixada, em Curitiba. A rodada será fechada na quinta-feira com o clássico mineiro Cruzeiro X Atlético, às 20 horas no Mineirão, em Belo Horizonte.

No Campeonato Brasileiro da Série A, a décima rodada terá 10 jogos. A abertura será no sábado, com Grêmio x Vasco, às 17 horas, na Arena do Grêmio, em Porto Alegre. No mesmo horário, jogam ainda Fortaleza x Vasco, na Arena Castelão, em Fortaleza. A partir das 19 horas, haverá o clássico paulista entre São Paulo x Palmeiras, no Allianz Parque. Fechando o sábado, no mesmo horário, Bahia e Santos, na Arena Fonte Nova.

No domingo, o Brasileiro segue com Flamengo x Goiás, às 11 horas, no Maracanã, no Rio de Janeiro. A partir das 16 horas, Cruzeiro x Botafogo, no Mineirão, em Belo Horizonte. Em São Pau-



Foto: Cesar Greco/Palmeiras

O Palmeiras segue absoluto no Brasileirão com cinco pontos de vantagem sobre o segundo colocado e no final de semana vai enfrentar o São Paulo, no Morumbi, pela décima rodada

lo, no Itaquerao, Corinthians x CSA. Já em Curitiba, Athletico x Internacional. Por último, às 19 horas, Chapecoense x Atlético-MG, na Arena Condor, em Chapecó. A rodada terminará na segunda-feira, com Fluminense x Ceará, às 20 horas, no Maracanã.

O Palmeiras é o atual líder disparado do Brasileirão, com 25 pontos. Completam o G4 o Atlético-MG, com 20 pontos, Flamengo com 17 e Internacional, com 16 pon-

tos. Se o campeonato terminasse hoje, estes seriam os clubes classificados para a fase principal da Libertadores 2020. Dois outros clubes entrariam na fase preliminar da competição. São eles Atlético-MG com 16 e Goiás com 15 pontos. Quatro clubes lutam para sair da zona de rebaixamento. O Avaí é o lanterna com 4 pontos, em seguida vem o CSA, com 6 pontos, e Cruzeiro e Avaí, com 8 pontos cada.

As emoções da Série B começam bem mais cedo, já amanhã, com São Bento x Sport, às 20 horas, no Estádio Walter Ribeiro, em São Bento. Na terça-feira, haverá dois jogos: Vitória x Curitiba, às 19h15, no Barradão, em Salvador e em seguida, às 21h30, jogam Crisiuma x Curitiba, no Heriberto Husel. Na sexta-feira, acontecerão mais 2 jogos. A partir das 19h15, no Rei Pelé, em Maceió, CRB x Guarani. Às

21h30, no Moisés Lucarelli, em Campinas, Ponte Preta x Oeste. A rodada será completa no sábado, com América-MG x Figueirense, no Estádio Independência, em Belo Horizonte, a partir das 11 horas. Em seguida, às 16h30, Atlético-GO x Vila Nova, no estádio Antônio Accioly, em Goiânia. E fechando a rodada, Botafogo-SP x Brasil, às 18 horas, no Estádio Santa Cruz, em Ribeirão Preto.

A situação atual da Sé-

rie B é a seguinte. O Bragantino lidera a competição com 19 pontos. Em seguida vem o Botafogo-SP com 16 pontos. Em seguida vem o Londrina, também com 16 pontos. E fechando o G4, está a Ponte Preta, com 15 pontos. Na zona de rebaixamento estão Operário-PR com 7 pontos, América-MG com 5 pontos, Guarani com 5 pontos e na lanterna está o Vitória com apenas 4 pontos ganhos.

BRASILEIRO 2019

Classificação da Série A

Participantes	PG	J	V	E	D	GP	GC	SG
1º Palmeiras-SP	25	9	8	1	0	18	2	16
2º Santos-SP	20	9	6	2	1	12	7	5
3º Flamengo-RJ	17	9	5	2	2	15	9	6
4º Inter-RS	16	9	5	1	3	13	8	5
5º Atlético-MG	16	9	5	1	3	14	11	3
6º Goiás-GO	15	8	5	0	3	11	8	3
7º Botafogo-RJ	15	9	5	0	4	8	8	0
8º Bahia-BA	14	9	4	2	3	11	11	0
9º São Paulo-SP	14	9	3	5	1	8	5	3
10º Corinthians-SP	12	8	3	3	2	7	5	2
11º Grêmio-RS	11	9	3	2	4	10	11	-1
12º Athletico-PR	10	9	3	1	5	13	12	1
13º Ceará-CE	10	9	3	1	5	10	9	1
14º Fortaleza-CE	10	9	3	1	5	8	13	-5
15º Vasco-RJ	9	9	2	3	4	8	14	-6
16º Fluminense	8	9	2	2	5	13	16	-3
17º Chapecoense	8	9	2	2	5	10	14	-4
18º Cruzeiro	8	9	2	2	5	9	16	-7
19º CSA-AL	6	9	1	3	5	3	15	-12
20º Avaí-SC	4	9	0	4	5	4	11	-7



Foto: Reprodução/TV

O Bragantino lidera o Campeonato Brasileiro da Série B

10ª RODADA
■ 13/7
17h
Grêmio x Vasco
Fortaleza x Avaí
19h
São Paulo x Palmeiras
Bahia x Santos
■ 14/7
11h
Flamengo x Goiás
16h
Cruzeiro x Botafogo
Corinthians x CSA
Athletico-PR x Internacional
19h
Chapecoense x Atlético-MG
■ 15/7
20h
Fluminense x Ceará

9ª RODADA
■ 8/7
20h
São Bento x Sport
■ 9/7
19h15
Vitória x Cuiabá
21h30
Criciúma x Curitiba
■ 12/7
19h15
CRB x Guarani
21h30
Ponte Preta x Oeste
■ 13/7
11h
América-MG x Figueirense
16h30
Atlético-GO x Vila Nova
18h
Botafogo-SP x Brasil-RS
19h
Paraná x Bragantino
Operário-PR x Londrina

BRASILEIRO 2019

Classificação da Série B

Participantes	PG	J	V	E	D	GP	GC	SG
1º Bragantino-SP	19	8	6	1	1	13	2	11
2º Botafogo-SP	16	8	5	1	2	9	4	5
3º Londrina-PR	16	8	5	1	2	9	7	2
4º Ponte Preta-SP	15	8	4	3	1	12	7	5
5º Sport-PE	15	8	4	3	1	12	8	4
6º Atlético-GO	14	8	4	2	2	10	8	2
7º Paraná-PR	13	8	3	4	1	9	8	1
8º Figueirense-SC	13	8	3	4	1	6	5	1
9º Curitiba-PR	12	8	3	3	2	9	7	2
10º Oeste-SP	11	8	2	5	1	7	3	4
11º CRB-AL	10	8	3	1	4	8	9	-1
12º Vila Nova-GO	10	8	2	4	2	6	6	0
13º Brasil-RS	9	8	3	0	5	5	8	-3
14º Criciúma-SC	9	8	2	3	3	5	7	-2
15º Cuiabá-MT	8	8	2	2	4	7	10	-3
16º São Bento-SP	7	8	2	1	5	8	12	-4
17º Operário-PR	7	8	2	1	5	4	8	-4
18º América-MG	5	8	1	2	5	6	10	-4
19º Guarani-SP	5	8	1	2	5	4	9	-5
20º Vitória-BA	4	8	1	1	6	8	19	-11

Pioneiros do judô para surdos reúnem histórias inspiradoras

Judocas Alexandre Fernandes, de 30 anos, e Marcele Félix, de 21, são destaques na Surdolimpiadas no Brasil

Gustavo Cunha
Ministério da Cidadania

O carioca Alexandre Fernandes, de 30 anos, é judoca por “teimosia”. Ele sabia bem que a mãe, a auxiliar de produção Andréa Soares de Lima, não curtia muito a ideia do filho praticando um esporte longe de onde moravam. “Eu vi uma pessoa usando quimono e perguntei o que era aquilo. Aí falaram que era judô. Essa pessoa me mostrou uma medalha e fiquei super interessado. Eu tinha 14 anos. Minha mãe não quis que eu praticasse porque era muito longe de casa. Ela dizia que ia complicar meus estudos”, lembra o atleta.

Resignado, mas nem tanto, Alexandre seguiu apostando na natação e nas atuações como goleiro e volante no futebol de campo. Aos 16 anos, contudo, permitiu-se uma transgressão que mudaria sua trajetória e a história do movimento dos surdoatletas no Brasil. “Fui escondido treinar. Fiz a inscrição. Comecei a praticar. Lutava contra ouvintes e perdia muito”, relata Alexandre. “Confesso que fiquei sabendo muito tempo depois. Eu achava o judô perigoso. Até hoje fico nervosa. Cada tombo que ele leva a gente pensa que machuca, por mais que seja só o barulho do tatame”, conta Andrea, que hoje acompanha o filho sempre que pode.

Alexandre tornou-se em 2009 o primeiro atleta brasileiro na história a conquistar uma medalha em Surdolimpiadas Internacionais. O feito foi conquistado em Taiwan, nos Jogos de 2009, na categoria -81kg. Uma façanha improvável, principalmente porque ele tinha menos de quatro anos de prática e ostentava uma faixa verde na cintura. “Todos os outros eram faixa preta. E consegui o terceiro lugar. Foi especial para mim. Foi significativo, emocionante. Chorei bastante. E as pessoas falaram: ‘Você é o primeiro brasileiro a conseguir essa medalha, esse fato inédito’. Eu não esperava, né?”, contou.

Realfabetização
Subir ao pódio do evento internacional foi o sinal



Alexandre Fernandes e Marcele Félix foram os principais destaques da competição realizada no final do mês passado no Brasil, que reuniu 315 atletas de 14 Unidades da Federação na disputa de 11 modalidades

definitivo de uma reviravolta. Alexandre teve menin-gite quando tinha um ano e meio. Ficou um mês internado no hospital, numa área de isolamento. Só a família tinha contato. Quando deu entrada na unidade médica, andava sozinho. Quando recebeu alta, não conseguia caminhar. Foram necessários meses para readquirir mobilidade. E, como os médicos indicaram, era possível que houvesse sequelas. Antes de completar dois anos, havia perdido completamente a audição.

Surdolimpiadas
“Eu tinha 18 para 19 anos. Percebemos quando chamávamos e ele não atendia. Uma audiometria confirmou que ele estava 100% surdo. Foi necessário aprender a ajudá-lo. Ele ficou um tempo muito nervoso. Agitado, principalmente porque ele ouvia antes. Precisamos de acompanhamento médico e da ajuda da família”, narra Andrea. A Língua Brasileira de Sinais (Libras) passou a



Alexandre jogou futebol, fez natação, mas no judô encontrou a realização

fazer parte do alfabeto dos parentes. Os atendimentos de fonoaudiologia e psicologia se alternavam à escola convencional, para ouvintes. “Foi uma realfabetização para todos. Fico emocionado por ver o processo por que ele passou e hoje estar vivenciando isso tudo. A gente tem de ser forte e dar força”, comentou Andrea, na

arquibancada de um ginásio em Pará de Minas, cidade a 80 quilômetros de Belo Horizonte, olhando o filho na disputa das Surdolimpiadas Brasil 2019, no final do mês passado. A competição reuniu 315 atletas de 14 Unidades da Federação para a disputa de 11 modalidades esportivas no último fim de semana. Alexandre não teve

concorrentes na categoria dele (-90kg) e recebeu o ouro, mas não teve sorte na categoria Absoluto. Foi eliminado na estreia pelo paulista Cleiton Batista da Silva. “Foi uma surpresa ter perdido, mas parabênizo ele imensamente. Posso perder, posso ganhar. Faz parte. Isso é o esporte”, afirmou Alexandre, que também foi bronze nas Surdolimpiadas Internacionais de 2017, na Turquia.

Tensão na Turquia
Na saga como surdoatleta, Alexandre teve um dos momentos mais tensos no aeroporto de Istambul, em junho de 2016, enquanto aguardava uma conexão para a cidade turca de Samsun, sede do Mundial da modalidade naquele ano. Ele e um surdoatleta paulista estavam no terminal no dia 28 de junho, quando uma série de explosões e tiroteios mataram 36 pessoas e deixaram mais de 145 feridos. “Estávamos sentados, descansando. De repente só sentimos a vibração de muitas pessoas cor-

rendo. Acordei meu amigo. Não sabíamos o que era nem tínhamos como nos comunicar. Demoramos muito para entender o porquê da correria. E foram várias vezes. Três ou quatro bombas. E tiros”, contou Alexandre.

Além da face assustadora da experiência, houve um período longo em que eles não conseguiam se comunicar com familiares e representantes da Confederação Brasileira de Desportos de Surdos (Cbds) no Brasil. “Não conseguíamos acesso à internet. Só depois de horas achamos um café com wifi para avisar amigos e familiares no Brasil. Estavam todos apreensivos”, disse. “Foi um nervosismo muito grande. Não havia notícia. A gente imagina tudo. Demorou até conseguirmos entrar em contato com eles por uma pessoa da confederação. Os meninos filmavam e mostravam que estavam bem”, recorda Andréa. Felizmente, Alexandre seguiu viagem e, no Mundial, conquistou o ouro na categoria -90kg.

Marcele já participou de competições internacionais na Bulgária e Turquia

Marcele Félix tem apenas 21 anos, mas já une experiência de sobra no universo surdolímpico. O judô integra a vida da atleta desde os cinco anos. No início, mais como uma forma de lazer, terapia e inclusão com o universo dos ouvintes. Mais tarde, com perspectiva mais profissional. Aluna do técnico Geraldo Bernardes no Instituto Reação, Marcele abraçou o alto rendimento a partir da adolescência.

“Com 15 anos passei a amar o judô de forma intensa. Já participei de competições internacionais na Bulgária e na Turquia. Disputar essa edição das Surdolimpiadas no Brasil

foi uma experiência muito boa. Consegui ser campeã duas vezes em Pará de Minas. Foi inédito para mim”, celebrou a atleta, ouro na categoria -70kg e na Absoluta.

No dia a dia, Marcele já teve oportunidades de medir forças em treinos com a campeã olímpica Rafaela Silva, uma de suas referências esportivas e no campo das atitudes. “A Rafaela é um modelo para mim como profissional. Quero absorver todas as técnicas que ela tem. Ela é minha referência. Meu modelo. Já treinamos juntas. Ela é bem forte”, enfatizou a judoca.

Mais do que resultados nacionais e in-

ternacionais, Marcele ostenta um pioneirismo continental. Ela se tornou a primeira atleta surda das Américas a receber uma faixa preta no judô. “Eu tinha só 17 anos. Era uma coisa que não esperava conquistar. Eu pensava só em ser professora, mas ser a primeira mulher surda a conseguir uma faixa preta em judô nas Américas, eu não esperava”, sorriu, com a esperança de influenciar novas meninas com deficiência auditiva na busca dos quimonos. “O esporte é um modelo bom para se seguir, né? Nós precisamos de mais mulheres. Então quero que mais meninas surdas sigam esse caminho”.

Estudante de administração, Marcele espera também que o Bolsa Atleta volte a beneficiar os atletas não olímpicos e não paralímpicos, categoria que inclui os surdoatletas, para que tenha chance de se dedicar com mais exclusividade ao esporte. O próximo compromisso de grande relevância dela é o Mundial, que será disputado na França, em 2020. “A Bolsa seria um ganho de uma luta enorme. Sempre acreditamos que era possível conseguir essa conquista. Faz muita diferença”, disse.



Principais jogadoras norte-americanas e holandesas que vão estar frente a frente neste domingo na cidade de Lyon, na França, na decisão da Copa do Mundo. Os Estados Unidos são apontados como grande favorito ao título

Estados Unidos e Holanda vão decidir hoje a Copa do Mundo

Futebol feminino faz uma grande festa para conhecer a seleção campeã, hoje, na cidade de Lyon, na França

Fifa.com
Erin Fish e Emma Coolen

Foram 12 jogos combinados e 1.110 minutos de futebol da Copa do Mundo Feminina da FIFA para levar os EUA e a Holanda à final deste domingo em Lyon, na França, às 12h (Horário de Brasília). Ao longo de tudo, e para as entrevistas, sessões de treinamento e coletivas de imprensa no meio, nossos repórteres de equipe estiveram com os finalistas a cada passo do caminho. Quem melhor, portanto, para avaliar os atributos e os calcanhares de Aquiles que poderiam determinar qual desses dois lados leva para casa o troféu?

Estados Unidos

O ataque rápido e em ritmo acelerado da equipe tende a ser, como vimos consistentemente na França 2019. Jill Ellis enfatiza para suas jogadoras a importância de começar com o pé da frente, e isso mostra. A treinadora dos EUA diz que ela teria que atacar durante os 90 minutos se possível, mas entende que não é assim que o jogo funciona. Mas ao sair com todas as armas em chamadas desde o primeiro apito, esta equipe do USWNT conseguiu marcar dentro dos primeiros 12 minutos de cada partida que disputou até agora neste torneio. A capitã Alex Morgan afir-

mou que dar o tom desta forma tão cedo lhes dá confiança para o restante da partida.

Área de preocupação

A atacante Megan Rapinoe não jogou na semifinal contra a Inglaterra devido a uma lesão muscular e a meia Rose Lavelle também teve uma lesão no mesmo músculo. Enquanto ambas devem estar aptas para a final, elas estarão operando a 100 por cento? Isso continua a ser visto. Mas os EUA, pelo menos, sabem que têm força em profundidade, com Christen Press e Sam Kerr tendo sido substitutas para esta dupla de estrelas contra a Inglaterra.

Holanda

‘Uma vez que flui, vai’, pode-se dizer sobre a Holanda na Copa do Mundo Feminina deste ano. As jogadoras, a equipe e a mídia disseram repetidas vezes que o torneio ainda tem que ver a equipe em seu melhor momento. Mas nós definitivamente vimos vislumbres. Lindos triângulos de passe entre as três meio-campistas, os lances de velocidade de Shanice Van de Sanden e os momentos de brilho de Lieke Martens - como seu maravilhoso gol de fundo nas quartas-de-final contra a Itália - mostraram o que são capazes. E quando este time holandês é bom, elas podem ser muito, muito boas. Se a Holanda chegar ao topo neste domingo, e

o seu jogo começar realmente a fluir como pode, os EUA encontrarão um adversário final a ser considerado.

Preocupação

Por mais significativos que sejam esses pontos fortes, eles também iluminam as maiores fraquezas potenciais da Holanda. Já foi dito que as holandesas dependem fortemente de algumas jogadoras importantes, e quando essas jogadoras ficam aquém do seu nível habitual, os Oranjeleewinnen podem encontrar-se em um mundo de problemas. Shanice Van de Sanden tem lutado com sua forma durante todo o torneio, Lieke Martens está trabalhando duro e a goleira Sari Van Veenendaal saiu do campo depois de der-

rotar a Suécia na semifinal na quarta-feira com uma mão inchada. A verdadeira preocupação para os Oranjeleewinnen será o que acontecer se um ou mais de seus craques não estiverem em forma para o #LaGrandeFinale.

Foram 12 jogos combinados e 1.110 minutos de futebol da Copa do Mundo Feminina da FIFA para levar os EUA e a Holanda à final de hoje

Na Boca do Gol

Eudes Toscano
toscanobr@yahoo.com.br

Xixi, o rei dos apelidos

Quem conheceu de perto Ivan Thomaz, sabe que ele foi um dos companheiros da imprensa esportiva com grande aceitação, sendo admirado por todos. Além de um excelente narrador, era dono de uma presença de espírito marcante, tornou-se um dos melhores homens na área de criatividade publicitária no Nordeste. Trabalhou em todas as emissoras de rádio de João Pessoa, além de ter passado por Rádio Cabugi de Natal e foi o primeiro apresentador do Globo Esporte, na TV Cabo Branco, da capital paraibana. Ex-marinheiro, ex-jogador profissional do Grêmio Atlético Paraibano, o famoso Pibigás, Ivan era uma das peças mais importantes no time de futebol da Associação dos Cronistas Esportivos da Paraíba - ACEP. Atuando como médio volante, tomava conta da posição, marcando e distribuindo o jogo, com categoria e perfeição impressionantes.

Anos atrás, acredito que por volta de 1968, o time da ACEP tinha uma formação de qualidade: no gol Val, ex-goleiro do Santos, Botafogo e Seleção Paraibana, Marcus Aurélio, o narrador do Arquivo de Recordações, Josias Azevedo, ex-Ibis, José Octávio, nosso grande historiador e Samuel Aragão, ex-profissional do União Esporte Clube. O meio campo era composto por Ivan Thomaz, Dásio Souza, o famoso Gogóia e o autor destas linhas. O ataque tinha Carlos Roberto de Oliveira, ou Carlos Pereira de Carvalho,

Rijose Pereira ou Roberto Carlos e Vandal Dionísio, tão bom como ponta esquerda, quanto comentando ao microfone da Rádio Tabajara.

Sempre após cada jogo, ficávamos um pouco para a tradicional cervejinha! Era nessa hora que Ivan Thomaz começava a criar apelidos para determinadas pessoas. Foi o caso do lateral esquerdo Nequinho, que jogava no bairro dos Ipês e foi contratado pelo Botafogo Futebol Clube. O companheiro foi logo dizendo que, com aquele nome, ele não iria a lugar algum e passou a chamá-lo de Neovik, nome de um lateral esquerdo da seleção da Iugoslávia. Depois, foi o problema dos Chicos, pois o clube já tinha um daqui e trouxe outro do Clube Náutico Capibaribe. Ivan passou a chamar o paraibano de Chico Matemático, por ser estudante de Engenharia, e o pernambucano, de Chico Explosão, pois acreditava que ele explodiria, como de fato explodiu.

Quando nosso querido operador de Broadcasting, Francisco de Assis Silva, foi para a Rádio Correio, Ivan, achou-o tão pequeno, que passou a chamá-lo de Coquinho. Com Biu, lateral esquerdo do Esporte Clube União, que assinou contrato com o Botafogo, Ivan colocou um sobrenome italiano, e até hoje o ex-jogador é conhecido como Biu Ferretti. Também foi Ivan Thomaz, quem cognominou de Maravilha do Contorno, o complexo esportivo do Botafogo Futebol Clube. Ele

ainda homenageou a cidade de Guarabira, passando a chamar de Jardim Suspense do Brejo, o Estádio Municipal Silvio Porto. A melhor criação de Ivan Thomaz, no entanto, foi com um garoto que o Botafogo foi buscar em Mandacarú, e se transformou em um dos seus ídolos. Ao chegar na Maravilha, quiseram gozar com o apelido do jovem, e Ivan, rapidamente criou seu novo apelido: Fantick. Cresceu, jogou no Comercial de Ribeirão Preto, Portuguesa de Desportos e em outros times. Quando chegou no Botafogo, seu apelido era: Furico.

Por um bom tempo a Acep teve o prazer de ter em sua equipe o Coronel Silvio Imbuzeiro, um carioca bom de papo e de bola. Ele foi comandante do 16º Recmec e fez grandes amizades entre nós cronistas. Num determinado dia, descíamos para o vestiário do Estádio Mário Faraco, no Esporte Clube Cabo Branco; eu era o capitão da equipe e arrastava o saco de material, quando Ivan gritou para Coronel: “ô soldado, ajuda aí o capitão.” Silvio não se fez de rogado e ajudou-me na tarefa, morrendo de rir. Lá embaixo, falei para Ivan, que o homem era Coronel Comandante e merecia um outro tratamento. Ivan colocou as mãos no ombro de Imbuzeiro e disse que no dia em que ele fosse General, não mais carregaria nosso saco.

O tempo passou, Silvio voltou para o Rio de Janeiro e não mais tivemos notícias suas. Em 1990, encontrava-me em um res-

taurante no Aeroporto de Zurich, na Suíça e conheci um cidadão carioca, que no meio da conversa, procurou saber de onde eu era; quando falei que era da Paraíba, ele disse-me que tinha um colega que havia trabalhado na minha terra e que até pouco tempo, a placa do seu carro tinha a matrícula de Imbuzeiro-PB. Fui em cima, pois sabia que Silvio fazia questão de emplacar seu veículo naquela cidade.

O cidadão chama-se Arthur Krammer, igualmente Coronel e seguia para Luxemburgo, onde faria um curso. Procurei saber notícias do amigo e tomei conhecimento de que Silvio Imbuzeiro, encontrava-se nos Estados Unidos, fazendo um curso, e ao regressar ao nosso país, seria General de Brigada. Veio-me então a lembrança de Ivan Thomaz na história do saco de material, fato que comentei na hora com o Coronel Krammer, o que nos motivou boas gargalhadas, em um lugar tão distante do Brasil, sorvendo o melhor chopp que já tomei na minha vida. Quando Silvio esteve aqui, já General e foi homenageado pela Acep, continuamos a gargalhar e a lembrar o espírito criativo e irreverente do querido e grande amigo Ivan Thomaz.

O galego, filho da cidade paraibana de Remígio, falecido aos 68 anos de idade, no dia 04 de fevereiro de 2011, em nossa capital, só não colocou apelido nele mesmo. Os amigos é que descobriram o seu: Xixi!



Foto: Divulgação

Mar do Cabo Branco esconde tesouro de 1 bilhão de dólares

Naufrágio do galeão português Santa Rosa, em 1726, é quase segredo de Estado na arqueologia subaquática

Hilton Gouvêa
hiltongouvea@bol.com.br

Quem nunca sonhou em encontrar um tesouro e ficar rico para jamais preocupar-se com dinheiro? Se você mora em João Pessoa e costuma passear na praia, talvez isto lhe aconteça, porque arqueólogos subaquáticos do mundo inteiro estão convencidos de que o Galeão Português Santa Rosa naufragou há 293 anos numa área de 40 Km quadrados em mar aberto a partir do Cabo Branco e tragou uma fortuna calculada em um bilhão de dólares. O veleiro, que levava seis meses de imposto em ouro, diamantes e pedras preciosas do Brasil para Portugal, adernou em 6 de setembro de 1726, depois que o comandante Bartolomeu Freire, após uma discussão, deu um golpe de espada no rosto de seu imediato e, este, resolveu explodir o paiol de pólvora, mandando 700 tripulantes e a preciosa carga para o fundo do oceano.

Natasha Mazzacaro, em reportagem especial, afirma que “a grande profundidade do naufrágio e a falta de exatas informações fizeram com que os destroços do Santa Rosa permanecessem adormecidos por quase três séculos, na costa de Pernambuco”. Este local seria as proximidades do Cabo Santo Agostinho. Mas, estudos recentes de empresas especializadas em resgates de salvados do mar, inclinam a localização desta fortuna para o lado do Cabo

Branco, a leste de João Pessoa. O francês Denis Albanese, titular da Salvanav, que iniciou essas pesquisas, passou para seu filho Christian, informações nada animadoras sobre o paradeiro do Santa Rosa.

Segundo Christian, a Salvanav tem a pesquisa mais completa da atualidade sobre o Santa Rosa. As marés foram estudadas pela empresa, que jogou inúmeras boias com GPS na suposta região do afundamento, num compartimento oceânico de 2.700 milhas entre o Recife e a Paraíba. Este setor foi reduzido para 120 milhas quadradas. E, como se situa sobre a plataforma continental, que tem profundidade entre 40m e 4.000m, os mergulhos se tornam impossíveis. A saída achada pela Salvanav, para encontrar o Santa Rosa, foi fechar acordo com uma empresa dos EUA, que dispõe de equipamentos para explorar poços submersos de petróleo, e usar um robzinho chamado Autonomous Underwater Vehicle, apropriado para detectar anomalias no oceano.

A aparição de objetos ou destroços atribuídos ao Santa Rosa já levou aventureiros a gastar todos os recursos da família. Um deles, segundo Natasha, foi um comerciante de São Paulo, que vendeu o apartamento e saiu em busca do navio bilionário, mas voltou pobre, liso e de mãos vazias, alegando que sofreu ameaças de morte. Uma empresa europeia, que ousou



Fotos: Divulgação

Embarcação que levava ouro em barra e pó e pedras preciosas do Brasil para Portugal naufragou no litoral nordestino à leste da capital paraibana

entrar em mares brasileiros à cata do tesouro, foi advertida pela Marinha e desistiu das buscas. José Reginaldo da Silva, O Inho, 53 anos, pescador de Baía da Traição, que cria lagostas e cavalos marinhos em cativeiro, diz que “desconfia do local onde repousa o Santa Rosa, mas não revela a nin-

guém, até obter autorização de seus guias espirituais para fazer a exploração”.

O geógrafo e pesquisador paulista João Ivo Gouveia, garante que “a carga do Santa Rosa é o naufrágio mais cobijado do mundo”. Motivos: A Columbus-América Discovery Group, famosa por resgatar

tesouros subaquáticos de alto valor, já esteve na Paraíba e Pernambuco, à procura do Santa Rosa. O navio científico Odyssey Marine Exploration, apoiado pela Compas, uma empresa brasileira, fez tentativas iguais. A exploradora oceânica inglesa Blue Water andou fuçando sobre o assunto, mas

não revelou o teor de suas pesquisas. E, de todo este enredo de tesouro submerso, ainda prevalece a versão de que o Santa Rosa está perto do Cabo Branco, à espera de quem pretenda resgatar seus ouros e diamantes. A afirmação é do engenheiro paraibano e pesquisador George Cunha.

O terremoto de Lisboa e a cruz milagrosa do Beloamor

“O terremoto que atingiu Lisboa em 1755, vinte e nove anos após o naufrágio, provocou um incêndio na Torre do Tombo e destruiu a maior parte da documentação estratégica do Santa Rosa”, diz George, que divide seu tempo como engenheiro construtor e sanitarista, com pesquisas subaquáticas, um hobby que pratica desde os doze anos. “Sempre morei na praia e as coisas do mar me atraem a curiosidade”. No acervo de sua coleção, George, de tradicional família paraibana, exhibe uma réplica da nau capitânia do rei francês Luís 14, construída em 1668. Sobre o Santa Rosa ele diz que era um navio armado com 80 bocas de canhões quando afundou, além de levar 7,5 toneladas de ouro e outro tanto de diamantes. O transporte deste tesouro era escoltado por 33 navios de guerra.

Numa saleta organizada com vitrines e salvados de mar, George mostra um vestígio perfeito do brigue holandês Swen, que afundou em Lucena, no ano de 1640. E mantém intactas algumas peças do galeão português Alfama de Lisboa, que soçobrou em Candeias (PE), no ano de 1708. “Não vou afirmar categoricamente que o Santa Rosa está ali ou acolá, porque só trato com fatos reais”, disse George, na hora da entrevista. Ele supõe que, “devido a direção dos ventos e correntes



da época do afundamento, é de se acreditar que o Santa Rosa esteja em mar aberto a uma distância razoável do Cabo Branco”. Para quem indaga sobre mais exatidões a respeito deste navio, ele indica o livro “Tesouro dos Mapas – Cartografia na Formação do Brasil. Entre suas relíquias, destaca-se um mapa do cartógrafo holandês Visscherm, retratando a cidade de Frederikstad – a atual João Pessoa – em 1635.

Uma cruz tricentenária, hoje encravada na capela de Santa Cruz do Beloamor, em Baía da Traição, a 82 Km de João Pessoa, carrega uma tradição oral de que ela seria um dos salvados do Santa Rosa. A cruz teria chegado a esta praia paraibana cerca de cinco dias após o naufrágio, com três sobreviventes. Um deles, o frade João Maria do Belo Amor, junto com seus irmãos, Caetano e Henrique, que se agarraram firmemente à cruz

depois da explosão que os atirou ao mar, construíram uma pequena ermida em terra, apenas para proteger a cruz das intempéries. E advertiram o povo: “Cuidem bem desta ermida e da cruz pois, no dia em que elas deixarem de existir, o mar irá tragar esta aldeia”. Isto consta num relato escrito por dona Nezita Dias Serrano, em 2 de setembro de 2005, que o ouviu de sua avó e, esta da bisavó, trisavó e tetravó.



Engenheiro e pesquisador George Cunha: “A exploradora oceânica inglesa Blue Water andou fuçando sobre o assunto, mas não revelou o teor de suas pesquisas. E, de todo este enredo de tesouro submerso, ainda prevalece a versão de que o Santa Rosa está perto do Cabo Branco

Piadas

SOGRA

A sogra fala para o genro :
-Nossa , como eu estou feia , acabada, bem que eu poderia receber um elogio.
E o genro :
– Um elogio eu vou te dar, você está com a visão ótima!

BÊBADO

Um bêbado acaba de sair do bar... atravessa a rua desatento e um carro o desvia e mete a mão na buzina:
– Bi bi !!!!!!!!!!!!!!!
e o bêbado diz:
– Eu também bibi...

LOIRA

Uma loira estava na escada rolante quando de repente falta energia no shopping.
Algum tempo depois, um garotinho vendo a loira sentada na escada rolante, pergunta:
– Ei moça, por que você está sentada aí?
A loira responde:
– É que estou esperando a energia voltar.

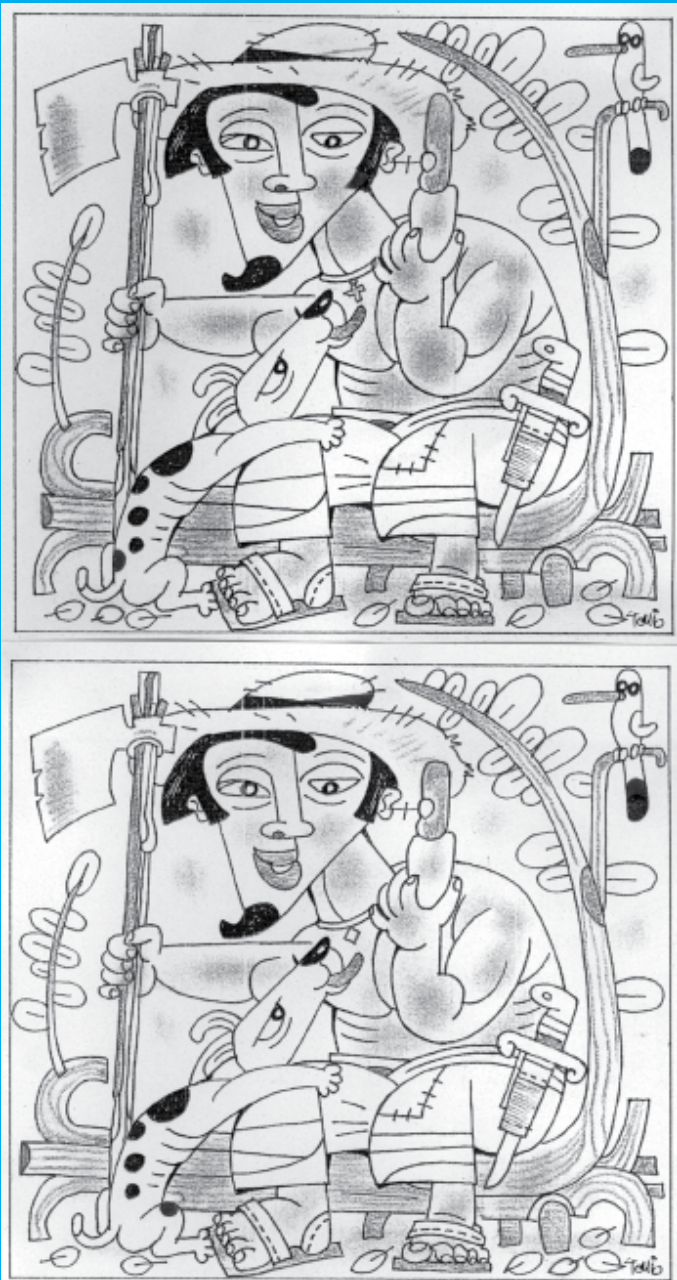
PORTUGUÊS

O bandido chega no português e fala:
– Pare!
– Impare!
– Mas estou te roubando!
– Ah, então não brinco mais

JOÃOZINHO

Joãozinho trás para o pai o recibo da mensalidade escolar.
— Meu Deus! Como é caro estudar nesse colégio.
E o Joãozinho responde ...
— E olhe, pai, eu sou o que menos estuda da minha classe!

JOGO DOS 9 ERROS



1-Colar, 2 - rabo do pássaro, 3 - faca, 4 - toco, 5 - folhas(chão), 6 - cajú, 7 - pintas(cão), 8 - chapêu, 9 - costeleta.

CAÇA-PALAVRA © Revistas COQUETEL
www.coquetel.com.br Procure e marque, no diagrama de letras, as palavras em destaque no texto.

Água para viver

A água é o **RECURSO** natural indispensável para a vida na Terra, porém seu mau uso e o **DESPERDÍCIO** fazem com que cerca de 40% da população mundial sofram com a sua **ESCASSEZ**.
Aproximadamente, 70% da superfície terrestre são cobertos por água, entretanto, a maior parte dela não é **POTÁVEL**, pois 97,5% está nos **OCEANOS**, o que a torna imprópria para o **CONSUMO** humano. Os outros 2,5% encontram-se em locais de difícil acesso: 29,7% em **AQUIFÉROS**, 68,9% nas **CALOTAS** polares, 0,9% nas **NUVENS** e em forma de vapor, restando apenas 0,5% em rios e lagos.
Enquanto várias regiões do mundo convivem e sofrem com **SECAS** constantes e **RACIONAMENTO**, em outras, como no Brasil, a **ÁGUA** existe em profusão, sendo por isso, **ESBANJADA**. Estima-se que até 2050, 4,8 bilhões de pessoas vão sofrer com as consequências da falta desse recurso **HÍDRICO**, causando problemas de **SAÚDE** e também para as **LAVOURAS** e a vida dos animais.

W	R	D	W	V	N	R	Z	O	H	T
O	C	E	A	N	O	S	S	Y	I	O
F	W	H	Y	V	D	R	M	H	C	M
L	F	D	E	V	U	Y	E	I	W	L
C	M	S	D	C	M	V	R	H	H	R
A	T	L	E	Z	W	D	F	C	K	L
L	I	R	B	G	I	C	M	T	L	K
O	J	K	N	H	B	S	A	C	E	S
T	D	F	D	X	E	H	C	R	M	Y
A	C	O	N	S	U	M	O	F	J	D
S	V	C	Z	K	J	T	L	E	B	E
Z	Y	V	H	S	D	X	D	Y	V	S
E	S	B	A	N	J	A	D	A	K	P
S	L	W	R	N	W	F	H	E	N	E
S	E	Y	S	A	U	D	E	H	R	R
I	S	S	G	J	N	T	K	Y	M	D
E	C	E	R	V	K	B	M	E	F	I
F	A	R	A	N	U	V	E	N	S	C
A	S	R	C	E	L	H	B	Z	X	I
Q	S	X	I	M	P	S	R	D	L	O
U	E	B	O	W	O	T	B	R	A	Z
I	Z	S	N	I	T	Z	T	X	V	R
F	I	X	A	H	A	B	X	V	O	S
E	G	T	M	G	V	L	Y	L	U	S
R	R	L	E	K	E	K	Y	A	R	M
O	B	M	N	W	L	F	U	G	A	D
S	H	E	T	F	I	G	Z	W	S	R
G	E	I	O	D	A	R	J	T	C	E

Susana Naspolini
eu escolho ser feliz
Já nas livrarias! AGIR

Solução

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
1	2	3	4	5	6	7</																	

FIQUE POR DENTRO!

Vai sair do país? Veja como tirar o passaporte e o visto

Louise Tonet

lt.louisetonet@gmail.com

Viajar para fora do país é o sonho de consumo de muitas pessoas e para realizá-lo são exigidos alguns documentos e registros pessoais. Além de identificar o viajante, as documentações servem para organizar a viagem baseado nos requisitos exigidos pelos destinos e organizações envolvidas.

Acontece que muitas vezes o que era pra ser momen-

tos de lazer e diversão pode se tornar um verdadeiro sufoco se o viajante não estiver portando todos os documentos e exigências.

Se você deseja conhecer outro país, além de pesquisar bastante sobre a cultura, traçar um roteiro dos principais pontos turísticos e como economizar, é preciso ficar atento a burocracia como os documentos necessários, entre eles: visto e passaporte.

Para entrar em alguns

países como Estados Unidos, Canadá, Japão, China, Índia é necessário apresentar o passaporte com visto válido. Portanto, se você ainda não tem passaporte e visto, recomenda-se não comprar as passagens aéreas antes de ter esses documentos em mãos. No entanto, se você decidiu começar suas viagens internacionais pela América do Sul, a boa notícia é que não precisa nem de passaporte nem de visto. O passaporte brasileiro

é emitido pela Polícia Federal, no site você pode ver as instruções de como tirar o passaporte, a lista de documentos necessários, o valor da taxa e agendar o atendimento.

O valor do passaporte brasileiro padrão (cor azul) é R\$ 257,25, emitido em todo território nacional com validade de dez anos. O titular do passaporte comum antigo (verde ou azul) poderá utilizá-lo regularmente até a data de vencimento.

Angélica Lúcio

angelicallucio@gmail.com

Ignore a pauta, jornalista!

A maioria dos jornalistas sabe identificar bem o que é uma notícia. Alguns sentem o cheiro de longe, bem ao estilo da máxima “onde há fumaça há fogo”. Há quem tenha aprendido nos bancos da universidade (ao se deparar com os chamados critérios de noticiabilidade) e aprimorado o faro nas redações, adotando a cultura profissional do local onde trabalhava.

De forma geral, os critérios que definem uma notícia incluem atributos como conflito, curiosidade, tragédia, proximidade, interesse público, relevância. Procurar o “valor-notícia” dos fatos que vislumbramos a partir de nossa janela pessoal é uma boa forma de testar o olhar jornalístico. O exercício de tentar identificar uma pauta no dia a dia vale para jornalistas que atuam em veículos de comunicação e para quem é assessor de imprensa também. Só não vale para jornalista que está de férias - como eu.

Admito: tenho dificuldade de virar a chave “liga-desliga” nos primeiros dias de folga. Por isso, cá estou eu, a caminho da Chapada Diamantina, e tudo o que vejo à minha frente, além da paisagem, são pautas. Pautas e mais pautas. Tento ignorar e não consigo. Mando minha mente se aquietar e ela não me obedece. Mulher, você está de férias, para com isso! Repito várias vezes, mas ela não se desliga. Só quer saber de ver a vida como um noticiário!

Lembro de um vídeo da monja Coen em que ela falava como as pessoas deveriam “dominar”, digamos assim, a mente, os pensamentos... para tentar meditar. A monja Coen usa como analogia o barulho da geladeira. Fala que ninguém fica, o tempo inteiro, focado naquele ruído. Que ele está ali, todo mundo sabe, mas é ignorado. Assim deveria ser o processo de meditação. Só que eu sou daquelas que escuto o tempo inteiro o barulho do motor da geladeira. Não consigo abstrair mesmo. Como meditar? Como me desligar nas férias, se as pautas são meu barulho da geladeira?

Sei que vou conseguir, mas está difícil por enquanto. Prova disso é que já tenho mote para algumas pautas. Podem não virar manchete, mas rendem boas matérias:

- Avião da Azul sem a devida higiene. Encontrei restos de comida na mesinha de refeições e o encosto do assento da frente também estava todo sujo. Mesma situação na cadeira que meu filho ocupava;
- Locadora de veículos que não fornece os devidos dados ao cliente, infringindo o Código de Defesa do Consumidor. Pela internet e telefone, a informação era uma e se tornou outra (e onerosa) depois;
- Estradas esburacadas no acesso à Chapada Diamantina. É pouca estrada para tanta cratera. Ao longo do caminho, é fácil encontrar moradores tapando os buracos com uma pá em troca de alguns trocados;
- Vias lotadas de caminhões. Há momentos em que o trânsito parece assustador. A viagem exige paciência e atenção redobrada dos motoristas; também de quem está em carro de passeio. Como é o dia a dia dos caminhoneiros? Quanto ganham esses profissionais? Além da soja, que tipo de carga levam? Para onde?
- Preço do combustível entre Salvador e Feira de Santana. Em muitos postos, o litro da gasolina comum estava em torno de R\$ 4,15, bem abaixo do que é adotado em João Pessoa;
- A cachaça e o café produzidos na região da Chapada Diamantina estão entre os melhores do Brasil. Os produtos são vendidos a preço de ouro em restaurantes e bares, mas é possível encontrar os mesmos itens por valores mais em conta nos supermercados;
- Povoado de Humaitá — lugar de gente feliz. Deu vontade de começar a fazer uma matéria ali mesmo;
- Adoção da palma como iguaria culinária. Conhecida por muitos apenas como alimento para o gado, essa planta se tornou parte da cultura gastronômica da região.

Por fim, a última pauta: por que as pessoas de férias não conseguem se desligar do trabalho?



Foto: Divulgação

Valor do passaporte brasileiro padrão é R\$ 257,25; o documento é emitido pela Polícia Federal em todo território nacional e tem validade de dez anos

1. Documentação necessária

- RG (ou outros documentos de identificação pessoal)
- CPF
- Título de Eleitor e comprovante que votou na última eleição
- Certificado de Reservista (Para Requerente do sexo masculino)
- Certificado de Naturalização (Para estrangeiros naturalizados brasileiros)
- Comprovante de Pagamento da GRU – Guia de Recolhimento da União
- Passaporte Anterior (se possuir)

2) Documentos de identidade válidos para maiores de 12 anos

- Carteira de identidade expedida pela secretaria de segurança pública
- Carteira funcional expedida por órgão público, válida, por lei, como documento de identificação pessoal em todo território nacional
- Carteira de Identidade expedido por Comando militar, Corpo de Bombeiros ou Polícia Militar
- Carteira nacional de habilitação (CNH), acompanhada de outro documento original que comprove nascimento.
- Carteira de identidade expedida por órgão fiscalizador de profissões regulamentadas por lei
- Carteira de trabalho e da previdência social (CTPS)

Observação Pertinente: documentos de identificação em mau estado de conservação, sem estar atualizado ou impossibilitar a identificação do requerente, poderão ser recusados no ato do pedido do passaporte brasileiro

2.1 Para cidadãos que em razão de casamento, separação ou divórcio, tiveram seu nome alterado:
Devem apresentar, além do documento de identidade, a Certidão de Casamento, original, atualizada e com as devidas averbações ou anotações para a comprovação de nome anterior.
Caso tenha havido várias alterações no nome da pessoa decorrentes de vários processos, e este não constar na certidão de casamento atual, será necessário a apresentação das certidões anteriores.

2.2 Para cidadãos que tiveram seu nome

mutado por decisão judicial:

É obrigado a apresentar a Certidão de Nascimento com as devidas modificações e averbações para a comprovação de nome anterior, além do documento de identificação requerido.

2.3 Crianças menores de 12 anos:
Quando se tratar de menor de 18 anos, será exigida autorização de ambos os genitores ou do responsável legal, além de formulário de autorização para obtenção de passaporte, salvo nos casos de cessação de incapacidade previstos em lei. Em caso de menor sob guarda judicial de um dos genitores, se o outro genitor não puder comparecer a Polícia Federal no dia agendado, recomenda-se assinar autorização judicial que permite a obtenção do passaporte do menor.

O responsável pode apresentar a Certidão de Nascimento como documento de identificação ou RG do menor.

3. Como solicitar o passaporte?

- Selecione a aba ‘Solicitar Passaporte’ no site da Polícia Federal
- Leia atentamente a guia ‘Documentação necessária’ para certificar-se que possui todos os documentos necessários
- Ciente de que possui toda a documentação original necessária, clique em ‘Requerer Passaporte’ e, posteriormente, em ‘Emissão de passaporte’
- Preencha o formulário com seus dados e ao final clique em ‘Imprimir para que seja gerada a GRU (guia de recolhimento da união)’. Para impressão da GRU pode ser necessária a instalação de um software leitor de PDF.
- Efetue o pagamento da GRU.
- Somente após compensação da GRU será possível agendar o atendimento para um dos postos. Essa compensação pode demorar entre 24 e 72 horas. Para agendar, selecione a guia ‘Agendar Atendimento’
- Após agendar seu atendimento, reúna toda a documentação necessária e, compareça ao posto escolhido no dia e horário marcados. É obrigatória a presença do requerente no posto escolhido, inclusive menor de 18 anos, tendo em vista que o procedimento envolve coleta/conferência de imagem facial e de impressões digitais, quando for o caso.

4. Solicitação de visto

Obter o visto é bem mais complicado que emitir o passaporte. Para saber quais países precisam solicitar o visto, basta acessar o Portal Consular e verificar na tabela de visto os países que necessitam da autorização e o tempo permitido para cada finalidade, seja visto de turismo ou negócio.

A emissão de vistos de entrada é exclusiva competência e soberania de cada nação. Todo país utiliza diferentes critérios e exigências para a entrada e permanência de estrangeiros em seus territórios, não cabendo interferência de autoridades estrangeiras. Cabe lembrar que os requisitos exigidos podem variar de acordo com o objetivo da viagem.

Os Estados Unidos é um dos destinos mais procurados, no entanto, é o que possui mais restrições. Mesmo se apresentar toda a documentação necessária não há garantia que o Consulado Americano permitirá a entrada. No site há informações bem detalhadas sobre como funciona todo o processo e o que é necessário. Depois de tudo providenciado você precisa dirigir-se ao Consulado Americano que no Brasil existe em quatro capitais: Brasília, Recife, Rio de Janeiro e São Paulo. O prazo médio para emissão do visto são 35 dias.

5. Em João Pessoa

A emissão de passaportes em João Pessoa passa a ser feita exclusivamente na sede da Polícia Federal aberta na casa da Cidadania do Manaira Shopping. O atendimento ao público começa às 8h30 e vai até 19 horas, de segunda à sexta-feira. O prazo de entrega é de seis dias úteis, pois os documentos são feitos pela Casa da Moeda.

Para tirar o passaporte o primeiro passo que o interessado deve dar é consultar o site da Polícia Federal no endereço www.dpf.gov.br para se informar sobre a documentação necessária, preencher um formulário eletrônico e solicitar o agendamento do dia e hora que deve se apresentar no posto de atendimento da PF na Casa da Cidadania do Manaira Shopping. Contato: (83) 3246-9286.



Fabio Maia - professor, gastrônomo, apresentador do programa semanal de TV Degustando Conversas (disponível também no youtube.com/degustandoconversas), escritor da coluna Gustare (paraibaonline.com.br), palestrante e amante da boa gastronomia.

planetasabor@auniao.pb.gov.br
 (83) 98604-4633



Se tem uma frase que guar-do dentro de mim desde que me entendo de gente, como costumamos dizer na minha terra, Campina Grande, é a do escritor conterrâneo de terras paraibanas José Américo de Almeida (1887-1980): “Ninguém se perde no caminho da volta, porque voltar é uma forma de renascer.” E embalado por este sentimento volto a escrever esta coluna dominical sobre gastronomia.

Ainda inspirado pelo mês de junho onde respiramos nossas tradições, a cultura nordestina e todos os aromas e sabores característicos do período que escolhi, inclusive uma receita bem típica de nos-so Estado - o Guisado de Bode. Receita esta que trago algu-mas variações experimentais mesmo sabendo que a mesma já está enraizada na nossa tra-dição, temos inclusive, cidades como Cabaceiras que faz a Fes-ta do Bode Rei, em homena-gem ao animal, que segundo o adágio popular, do bode só se perde o berro.

Apesar de em minha opi-nião não termos muito defi-nido quais os ingredientes e receitas são típicos da Paraí-ba, sabemos que a gastrono-mia nordestina tem seu perfil definido seja pelas condições geográficas, econômicas ou principalmente pelas comi-das provenientes dos povos indígenas, africanas e por-tugueses. Os nossos pratos possuem receitas geralmente com muitos vegetais (milho não pode faltar), carne bovina e caprina, aves, peixes e frutos do mar. Devido ao bioma da caatinga, os pratos adquiri-ram um sabor forte, apimen-tado e com alto teor calórico.

Enfim, vamos conversando sempre inspirados numa boa refeição, um bom papo e rega-do a uma boa bebida.

Bom apetite!



Fotos: Divulgação

The World’s 50 Best restaurants 2019

Foi divulgado na ultima terça-feira, em Cingapura, a lista The World’s 50 Best Restaurants 2019, que resumindo premia os melhores restaurantes do mun-do e que este ano trouxe várias novidades desde a própria escolha dos res-taurantes selecionáveis até o aumento de restaurantes citados que chegou agora a 120 (cento e vinte). Em primeiro lugar ficou o Mirazur, comandado pelo chef argentino Mauro Colagreco e localizado na França. No total, 49 restaurantes, incluindo o brasileiro A Casa do Porco, de Jefferson Rueda, chega-ram à aclamada lista, além de outros 70 que foram citados do 51º ao 120º lugar.

Tivemos algumas mudanças em relação ao ano passado na questão dos restaurantes selecionados, pois houve a criação do Best of the Best. Onde retiram da lista de disputa os restaurantes que já chegaram ao topo em edições anteriores e desta forma se tornam ineligíveis a partir desta edição. Desta for-

ma, o atual número 1 (um) do mundo, Osteria Francescana, de Massimo Bottura, não participou da disputa. A única exceção foi o Noma, que fechou seu restaurante original em 2017 – reabrindo em uma versão 2.0 em 2018 – e, por isso, foi permitido que entras-se na competição, apesar de ter sido o mel-hor do mundo em outros três anos.

Tivemos pela primeira vez um restau-rante brasileiro que superou o D.O.M. do chef Alex Atalano ranking mundial, que por sinal já era bem esperado no meio gastro-nômico a premiação. A Casa do Porco, res-taurante da capital paulista do Chef Jeffer-son Rueda, estreou na lista dos 50 melhores restaurantes do mundo este ano ocupando a 39ª posição. Além da Casa do Porco tive-mos restaurantes brasileiros entre os 100 melhores do mundo. Em 54ª ficou o D.O.M. em São Paulo, em 73ª ficou o Maní também em São Paulo, em 74ª ficou o Lasai no Rio de Janeiro e em 100ª ficou o Oteque também no Rio de Janeiro.

OS 10 MELHORES RESTAURANTES DO MUNDO:

- 1º Lugar - Mirazur, Menton, França – Melhor restaurante da Europa
- 2º Lugar - Noma, Copenhagen, Dinamarca – Estreia com o posicio-namento mais alto
- 3º Lugar - Asador Etxebarri, Atxondo, Espanha
- 4º Lugar - Gaggan, Bangkok, Tailândia – Melhor restaurante da Ásia
- 5º Lugar - Geranium, Copenhagen, Dinamarca
- 6º Lugar - Central, por Virgilio Martinez e Pía León, Lima, Peru
- 7º Lugar - Mugaritz, San Sebastian, Espanha
- 8º Lugar - Arpège, Paris, França
- 9º Lugar - Disfrutar, Barcelona, Espanha
- 10º Lugar - Maido, Lima, Peru

VENCEDORES DE OUTROS PRÊMIOS CONCEDIDOS:

- Melhor confeitaria do mundo** – Jessica Préalpató, do Alain Ducas-seau Plaza Athénée.
- Melhor chef mulher do mundo** – Daniela Soto-Innes, Cosme and Atla.
- Escolha dos 50 melhores Chefs** – Alain Passard, do Arpège.
- Arte da Hospitalidade** (restau-rante com o melhor serviço/atendi-mento) – Den, do chef Zaiyu Hase-gawa, em Tóquio, Japão.
- Restaurante mais sustentável** – SchlossSchauenstein, do chef Andreas Caminada, em FÜRSTENAU, Suíça.

Lev, preparar e comer

BODE GUISADO

Para esta receita vamos precisar de:

Ingredientes

- 500g de carne de bode
- 1 tomate picado
- 1 cebola picada
- ½ pimentão picado
- Coentro picado
- 1 colher (sopa) de óleo
- Açafrão da terra(cúrcuma)
- 1 colher de molho inglês
- 1/2 xícara (chá) de molho de tomate
- 2 colheres (sopa) de creme de cebola em pó
- Sal a gosto
- Pimenta do reino a gosto

Utensílios

- Uma panela média
- Espátula Pão Duro



Preparo

- 1 – Coloque o óleo numa panela e deixe esquentar um pouco, depois acrescente a cebola e acrescente o pimentão.
- 2 - Coloque a carne de bode junto com os tomates, o açafrão, molho inglês, a pimenta e o molho de to-mate.
- 3 - Por último coloque o coentro
- 4 - Refogue bem, até a carne ficar dourada.
- 5 - Adicione água até cobrir a carne. Coloque o creme de cebola e deixe cozinhar por cerca de 25 minutos.
- 6 -Se precisar, adicione mais água durante o cozimento.
- 7 - Acerte o sal.

Vamos cozinhar?

Caminho para o futuro das religiões



Foto: Reprodução/CNBB

Alexandre Nunes
alexandrenunes.nunes@gmail.com

O Judaísmo, o Cristianismo e o Islamismo são as três principais religiões monoteístas do mundo e de onde se derivaram muitas vertentes de expressão do sagrado. O pós-doutor em Ciência das Religiões, Severino Celestino, explica que, das três, o Judaísmo é a religião mais antiga.

“O judaísmo é uma religião que veio com a revelação que acabou com o politeísmo. Até o surgimento do povo hebreu, não havia no mundo as religiões monoteístas. Sempre eram as religiões tribais mais antigas, depois vem as descobertas lá da Turquia, na região conquistada pelos hititas, depois vem a Mesopotâmia, Egito, aí vem Abraão, Moisés e os profetas que tiveram um papel de transformar idolatria e politeísmo num Deus único”, complementa.

Para o fundador do Curso de Ciências das Religiões na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), a primeira religião monoteísta gerou com seus profetas, Abraão – o grande patriarca – e Moisés, tudo aquilo que pode ser chamado de primeira revelação

e que as pessoas chamam indevidamente de Velho Testamento, porque para o judeu o texto está atualizadíssimo e é chamado de revelação divina.

Celestino esclarece que tem gente que só vê essa revelação como os dez mandamentos, mas na verdade são 613 mandamentos. O judeu tem 365 mandamentos negativos e 248 positivos, ou seja, 365 não faça e 248 faça, que são os chamados positivos. Mas o Judaísmo não é uma doutrina, uma religião monolítica. São muitas correntes no Judaísmo. Existem os ortodoxos, os reformadores, as correntes hassídicas, existem os judeus sefarditas na Península Ibérica e os judeus asquenazitas na Europa.

“Então, eles têm uma diversidade de religião, de grupos, como no tempo de Jesus, quando tinha os fariseus, escribas, publicanos e essênios. Eles também tinham as suas divisões internas. Tem até um ditado em Israel que diz que onde tem dois judeus, tem três opiniões diferentes e quatro partidos políticos, porque são diversas as interpretações. Um sábio dizia que a Torá mesmo bem traduzida e para quem conhece tem 70

tipos diferentes de interpretação. Então, não há uma unidade de entendimento em torno da Torá, mas a coisa mais importante de tudo isso é que foram os hebreus que trouxeram o Deus único”, reitera.

Na segunda parte, vem Jesus trazendo a chamada “BritHadasha” que é a nova aliança, com a sua eleição, com os dozes discípulos e ele deixou o legado que foram os evangelhos, a grande representação do Cristianismo, que também não é uma religião monolítica. No Cristianismo a mais antiga corrente é a Católica Apostólica Romana, mas existem as correntes ortodoxas gregas, maronitas, coptas, armênias. Quer dizer, o Cristianismo também tem as suas divisões, entre católicos e ortodoxos.

“Depois vem a reforma com Lutero e aí entra mais de 1.500 facções protestantes, de todas as naturezas, e tem ainda o Espiritismo que entra não propriamente como a religião, mas como uma doutrina que tem seu tríplice aspecto – filosófico, científico e religioso – e que fecha assim o que a gente conhece em torno dos chamados seguidores de Jesus, adeptos

Judaísmo, Cristianismo e Islamismo são as três principais religiões monoteístas do mundo

do Cristianismo”, frisa. Após a passagem de Jesus, 500 anos depois, surge Maomé, em Meca, na Arábia Saudita, e ali

ele revela o que chamam de Corão, ou O Corão, ou Alcorão. Celestino explica que a palavra Al em Árabe é o artigo e, por

isso, a pessoa não pode dizer o Alcorão, seria uma redundância. O certo é dizer Alcorão ou simplesmente Corão. Segundo o pesquisador, Maomé fez uma jogada muito inteligente, ao criar a palavra muçulmano, que significa aquele que crê em Deus.

“Então com isso, ele transformou todos os seres do planeta em muçulmano. Só que o muçulmano também não tem as suas correntes unidas e apresenta uma divisão muito forte, com os sunitas e os xiitas. Hoje, você tem a Arábia Saudita que não comunga com os iranianos. Os dois são árabes, mas é como se fosse o católico e o protestante, cada um tem a sua visão, porque um é a corrente sunita, e o outro as correntes xiitas, que são aquelas ortodoxas dos aiatolás. No entanto, os dois pertencem ao Islã, que é a prática dos muçulmanos em direção a Alá, o Deus supremo deles. O Islã também é um monoteísmo, mas os seguidores se dividem muito. A palavra Islã significa aquele que se submete à vontade de Deus, por isso que tem muçulmano e Islamismo, porque o Islamismo é o muçulmano que se submete à vontade de Deus”, esclarece.

+ Diferenças e afinidades

O professor Alder Júlio Ferreira Calado, doutor em Antropologia e Sociologia Política pela Universidade de Paris, observa que conquanto o reconhecimento de notáveis diferenças entre tais expressões do sagrado, como o Judaísmo, Cristianismo e Islamismo, confessa estar mais propenso a acentuar suas afinidades. Ele acrescenta que entre, por exemplo, Judaísmo e Cristianismo, uma diferença marcante reside no lugar em ambas ocupado pela figura de

Jesus de Nazaré.

“Enquanto no Judaísmo, Jesus é apreciado como um profeta famoso, mas não como um messias, no Cristianismo, como se sabe, seu lugar resulta central para os cristãos e cristãs. Ele marca a inauguração da Nova Aliança, à medida que, sendo um judeu, ousa centrar sua proposta no amor a Deus e ao próximo, na compaixão, na solidariedade, na universalidade da salvação.

Lembrar o respeito

“O espiritismo, na sua essência maior, prega a reforma interior e o amor às pessoas incondicionalmente, porque sobretudo nós que somos reencarnacionistas sabemos que o judeu de hoje pode ser o árabe de amanhã e que o espírita de hoje pode ser o protestante de amanhã. Então, nós temos que lembrar o respeito”



O professor Severino Celestino, da UFPB, é pós-doutor em Ciência das Religiões

Universalidade que, de certa forma, contraria as convicções mais fortes dos líderes religiosos judeus que entendem Israel (isto é, seu povo) como alvo exclusivo da salvação, enquanto Jesus propõe o Novo Israel, estendendo a todos os humanos o acesso à salvação, por meio do mandamento do amor a Deus

e ao próximo”, realça.

Alder Calado acrescenta que são, por outro lado, consideráveis os pontos comuns, principalmente no lugar por ambos atribuído aos profetas, de quem Jesus foi uma expressão privilegiada. Com relação ao Islamismo, este também comporta diferenças notáveis,

seja em relação ao Judaísmo, seja em relação ao Cristianismo. Em relação a este, por exemplo, talvez sejam ainda mais acentuadas as diferenças que o Islamismo guarde com o Cristianismo, mas importa, não menos, sublinhar seus pontos comuns, por meio de valores axiais tais como a justiça, a compaixão, o perdão, a paz, a partilha.

“A este respeito, vêm-me ao espírito dois exemplos. Um, que nos remete aos anos de 1950 e 1960, em que judeus, muçulmanos e cristãos testemunhavam uma frutuosa convivência, trabalhando e vivendo juntos, na bela experiência testemunhada pelos “Kibutzim”, onde judeus, palestinos e cristãos mostravam ao mundo como se contribui na prática por um mundo de irmãos. Outro exemplo diz respeito a um cristão, Roger Garaudy, que se converteu ao Islamismo, seguindo a dar igual testemunho de sua sede de justiça e de paz”, conclui.

Abraçar o outro é a saída para todas as religiões do planeta

Instituição religiosa, segundo pesquisador, não pode ser obstáculo para que as pessoas se entendam melhor

Alexandre Nunes
alexandrenunes.nunes@gmail.com

As três facções, ou seja, as três revelações, Judaísmo, Cristianismo e Islamismo, cada uma com seu aspecto, cada uma com a sua característica e com suas divisões, têm como foco Deus e é aí que entra o ecumenismo, segundo observa o doutor em Ciência das Religiões Severino Celestino.

No seu entender, o amor é o que faz unir as pessoas, não a questão de princípios religiosos. “O que vai nos fazer eleito de Deus não é a religião, nem a cor, nem a raça, nem o sexo, é o que nós fazemos pelo outro, porque Jesus deu o exemplo de que o verdadeiro verbo do cristão é servir. Então, abraçar o outro, respeitar o outro e tratá-lo com dignidade é a saída para todas as religiões do planeta. O ser humano tem que amar o ser humano e não fazer da religião do ser humano um obstáculo para que as pessoas se entendam, porque nós temos muita coisa boa para dar, mas muita gente se fecha”, comenta.

Ele explica que, embora cada religião tenha o seu eixo, o seu centro, a sua forma de buscar Deus, as diferenças não podem ser maiores que o respeito humano, o carinho e o amor que cada um tem que ter pela pessoa do semelhante, que é, querendo ou não, sendo ateu, judeu, católico, protestante, espírita, uma criatura de Deus. Acerca do ecumenismo, Celestino cita Allan Kardec, que coloca na introdução do Evangelho Segundo o Espiritismo que o ensino moral de Jesus é o campo onde todas as religiões do planeta podem se encontrar. “Kardec tinha essa preocupação de unir os di-



Foto: Reprodução

ferentes com o foco maior que é amar, servir, honrar pai e mãe, porque ele separou do evangelho, da bíblia, aquilo que podia dividir, e selecionou o ensino moral de Jesus que é realmente algo que une todos os seres humanos e que é por isso que o ensino moral de Jesus está em todas as religiões do planeta, porque ele na verdade é o grande ser iluminado que nos une. Jesus deixa uma revelação em João 17:5, quando ele diz que antes da terra ser criada, ele já estava com Deus recebendo dele o planeta para nos dirigir, nos proteger e nos amar. Então, o que a gente tem que fazer é buscá-lo em essência e respeitar a religião do outro”, recomenda.

Ele acrescenta que o caminho para o ecumenismo e para vencer as divisões, contendas e intolerâncias é o conhecimento e o amor, porque Jesus deixou a senha,

a grande saída: “Ame a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo”.

Todas as religiões têm coisas belíssimas, basta ver que, no Judaísmo, o Talmude, um livro que deriva da interpretação escrita da Torá, diz que quem salva uma vida, salva o planeta todo, ou salva o universo todo; no Islamismo, o Corão de Maomé diz que todo esforço que for feito para salvar uma vida é bem visto aos olhos de Alá; o Evangelho, no Cristianismo, já chega dizendo que Jesus veio para que todos tenham vida e, com isso, transformou a lei do olho por olho e dente por dente, que Moisés trouxe anteriormente, em uma lei de amor, respeito e solidariedade.

“Ele [Jesus] não deixou de atender aos seres de outras religiões orientais. As tribos primitivas, o homem da caverna, as religiões tribais, têm uma noção de imortalidade da alma e de preservação da vida. O Xintoísmo, o Hinduísmo ou o Budismo, enfim, todas as religiões orientais, umas até sem livro sagrado, pregam o respeito, a tolerância, o amor, a reforma interior, porque por trás de todas as religiões está Jesus”

“O espiritismo, na sua essência maior, prega a reforma interior e o amor às pessoas incondicionalmente, porque sobretudo nós que somos reencarnacionistas sabemos que o judeu de hoje pode ser o árabe de amanhã e que o espírita de hoje pode ser o protestante de amanhã. Então, nós temos que lembrar o respeito”, enfatiza.

Ele prevê que quando o conhecimento, o amor e o respeito forem realmente postos em prática, porque as diferenças não são das filosofias religiosas, são dos seres que militam nelas; quando os homens pararem de achar que ofender aquele que não tem a mesma religião é agradar a Deus, e descobrir que aquele que é feliz na sua religião não ataca a religião de ninguém; quando as pessoas descobrirem isso, vão ver que, até nas religiões orientais, o foco é o amor e o respeito.

Os Dalai-lamas da Índia e os monges tibetanos, por exemplo, são todos amantes da natureza e dos seres humanos.

Celestino esclarece que o Xintoísmo, o Hinduísmo ou o Budismo, enfim, todas as religiões orientais, umas até sem livro sagrado, pregam o respeito, a tolerância, o amor, a reforma interior, porque por trás de todas as religiões está Jesus. “Ele não deixou de atender aos seres de outras religiões. As tribos primitivas, o homem da caverna, as religiões tribais, têm uma noção de imortalidade da alma e de preservação da vida”, ressalta.

Ação transformadora material e espiritual das religiões

No Cristianismo é fácil perceber uma conexão da religião com a realidade, de uma forma transformadora, até mesmo de natureza material, não só espiritual. O Catolicismo, por exemplo, tem um trabalho social importante com as Comunidades Eclesiais de Base, escolas, orfanatos, e também de organização das pessoas para a formação de uma consciência crítica.

A Doutrina Espírita, que é uma fé raciocinada, onde existe o império da razão, também tem um trabalho que ajuda a transformar a sociedade através do conhecimento e da caridade, mantendo até Instituições de longa permanência para idosos. As igrejas evangélicas também têm um trabalho social relevante, a exemplo das comunidades terapêuticas para tratamento de dependentes químicos. Assim como o Cristianismo, o Judaísmo e Islamismo também têm alguma ação transformadora na sociedade.

Segundo explica o professor Severino Celestino, quem plantou todo esse sistema de

atender a necessidade do outro foram os judeus. Ele relata que havia no tempo de Jesus e ainda hoje há, no Brasil e em toda parte do mundo, sociedades judaicas que amparam os órfãos, os doentes, os carentes, em todos os locais. No entanto, esclarece que os judeus não pregam a caridade e sim a forma como deve ser praticada.

O que os judeus chamam de caridade (tsedacá) é traduzido como justiça, ou seja, é dar ao outro o que você tem a mais, porque, para eles, se você tem a mais do que eu, ou eu a mais que você, e se Deus deu para todo mundo, se você não distribui está havendo uma injustiça. Na hora que você distribui, está praticando justiça. E é por isso que Jesus diz no evangelho: “Quando for praticar a vossa justiça”. Ele não diz “pratique a justiça”, pois já está subentendido que é para fazer.

“Agora, quando você for fazer, faça com humildade, dê com a mão direita o que a esquerda não vê, porque isso é um princípio judaico. Os judeus

trabalham um pouco diferente da gente, eles gostam que alguém peça esmola a ele, porque a Torá manda dar esmola, é tanto que, quando um judeu ajuda alguém, não deixa o outro agradecer. É ele que agradece a oportunidade que o outro está dando a ele de fazer o que Deus mandou”, detalha.

Celestino lembra que, quando esteve nas ruas de Jerusalém, no ano passado, ficou impressionado. “Vi um bocado de pedinte de cadeira de rodas. Os pedintes tinham uma máscara no rosto, para você não ver quem é que está recebendo a esmola. Isso ocorre para ajudar a você a dar com a direita, o que a esquerda não veja, que é um princípio judaico. O pedinte vai com a melhor roupa que ele tem, ao contrário da nossa cultura ocidental, na qual o cara quer que você dê por pena, por dó dele, porque ele é miserável. Não, todos nós somos iguais perante Deus, se você tem mais do que eu, é porque Deus quis que assim acontecesse, na sua missão de ser pobre ou de ser rico. Ago-

ra, a minha solidariedade para com você e a sua para comigo tem que existir, porque Deus disse para dividir com o pobre. Jesus diz lá no Evangelho para não dar as costas àquele que te pede, isso é talmúdico, é judaico. Foram os hebreus que criaram isso no seu próprio código de conduta”, minudencia.

Já no Islamismo, conforme informa Celestino, tem um princípio que eles chamam de Jejum, no Ramadã, no qual ficam sem comer para que saibam o que é que sente aqueles que têm dificuldade e não têm o que comer. “É uma forma de ser solidário com os que têm fome. Os muçulmanos colaboram todos os meses com o que eles ganham. Por onde eu passei, no Egito, na Jordânia e nos países árabes, eles dão um dízimo para os necessitados, já incluso nos seus salários, onde eles trabalham, o que significa que Jesus toca esse povo. Em todas religiões, e especificamente no Islamismo, se alguém não faz, não é porque não é ensinado, é porque é indiferente ou não aceita a

recomendação que vem do seu próprio livro sagrado, no caso do Islamismo, o Corão”, destaca.

Além de pós-doutor em Ciência das Religiões pela Pontifícia Universidade Católica de Goiânia, em Goiás, Severino Celestino da Silva é estudioso de línguas antigas e profundo analista do livro mais lido pela humanidade, a Bíblia. Ele é graduado em Odontologia, com especialização em Periodontia, mestrado em Clínicas Odontológicas pela Universidade de São Paulo e doutorado em Odontologia Preventiva e Social pela Fundação de Ensino Superior de Pernambuco.

Celestino é pesquisador das religiões, principalmente do Judaísmo, base de todas as religiões cristãs. Estuda a essência e conteúdo divinos da Bíblia em sua língua original, o hebraico. É professor titular da cadeira de Periodonto, na UFPB e fundador do Curso de Ciências das Religiões, também na UFPB, além de dirigente do Núcleo de Estudos Espíritas Bom Samaritano, em João Pessoa.

Fé e ateísmo: práticas humanas e vida em torno das divindades

Convivência pacífica entre as pessoas que vivenciam experiências tão antagônicas é possível e fortemente desejável

Alexandre Nunes
alexandrenunes.nunes@gmail.com

O professor Alder Júlio Ferreira Calado procura amparo na Filosofia da práxis para dar conta à desafiante tarefa de discorrer sobre o tema fé e ateísmo, desafiando ponto a ponto o assunto, apesar de toda sua complexidade. Ele entende fé como a atitude de adesão de alguém a uma determinada divindade, em função do que ela ordena ao crente. E entende por ateísmo a postura de quem declara não acreditar em qualquer divindade, de modo a cingir sua existência a valores estritamente do universo terreno. O pesquisador explica

que o exercício da fé e condição de ateu são expressões legítimas da condição humana. Integram o mesmo processo de humanização que, por ser histórico, comporta uma variada gama de escolhas, inclusive de caráter axiológico. Sobre se é possível uma convivência pacífica entre as pessoas que vivenciam experiências tão antagônicas, Alder Calado responde que, mais do que possível, é fortemente desejável uma convivência pacífica entre crentes e não-crentes, especialmente no contexto histórico de um mundo tão polarizado.

O professor Alder Júlio Ferreira Calado, doutor em Antropologia e Sociologia

Política pela Universidade de Paris, tem um amplo conhecimento filosófico, teológico e antropológico. O cientista social, hoje aposentado, teve atuação destacada na Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Caruaru (Fafica) e na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), como docente e orientador. As principais disciplinas ministradas foram: Movimentos Sociais, Educação Popular e Sociedade e Cidadania: o protagonismo dos Movimentos Sociais. Concluiu 23 orientações, nos programas onde atuou. Ele tem participado com frequência de bancas examinadoras em vários programas (UFPB, UFPE e UFRN).



Fotos: Edson Matos

Para pesquisador, é mais do que possível uma convivência pacífica entre as pessoas que vivenciam experiências tão antagônicas, como as dos crentes e dos não crentes

Professor Alder Júlio Ferreira Calado é doutor em Antropologia e Sociologia Política pela Universidade de Paris

A entrevista

- É possível conceituar filosoficamente o que seja fé e ateísmo?

- Em meio ao cipoal de polissemia reinante nos diversos campos de saberes, torna-se cada vez mais complicado definir-se alguma coisa. Mas é, sim, possível ousar um conceito para os termos propostos, pelo menos para, dentro da Filosofia da práxis, por lidar especificamente com o agir humano e as concepções em que se apoia, situar o que entendo por cada um dos conceitos mencionados. Entendo fé como a atitude de adesão de alguém a uma determinada divindade, em função do que ela ordena ao crente. Penso no exemplo clássico da narrativa do episódio envolvendo a figura do patriarca Abraão, em resposta radical ao que lhe ordena Javé, de deixar sua terra e empreender caminhada com os seus, rumo a uma nova terra. Penso, também, na figura de Saulo (Paulo), outro judeu, cuja fé o levava a afirmar, convicto: “Eu sei aquele a quem dei minha adesão!” Trata-se, pois, de uma atitude de obediência às indicações recebidas, conforme suas convicções, pelo Deus em quem confia, incondicionalmente. Por sua vez, entendo por ateísmo a postura de quem declara não acreditar em qualquer divindade, de modo a cingir sua existência a valores estritamente do universo terreno. Sabe-se, também, de uma outra forma de ateísmo - o ateísmo militante -, segundo o qual não bastaria não professar qualquer credo religioso, mas também de empenhar-se no combate a qualquer espécie de crença religiosa. Ao longo da história, tais atitudes (de fé ou de ateísmo) têm convivido, ora em conflito, inclusive conflitos sangüinários, ora de modo pacífico, ora ainda de modo colaborativo.

- Historicamente, como se deu a eclosão dessas formas de pensar e agir?

- Fé e ateísmo constituem conceitos antiquíssimos, ao longo da história. Trata-se de expressões que antecedem significativamente a contribuição dos filósofos gregos. Suas origens remontam a vários povos, inclusive chineses, hindus, povos do Oriente Médio etc. Ambos os conceitos se associam, positiva ou negativamente, a crenças religiosas, a valores atribuídos a uma determinada ou a determinadas divindades

///O exercício da fé e condição de ateu são expressões legítimas da condição humana. Integram o mesmo processo de humanização///

as pessoas podem vivenciar essas duas experiências de forma saudável?

- Como, então, lidar com tais posições, num contexto de diálogo entre crentes e não crentes? Ou, para recordar iniciativas e experiências de reflexão sobre a temática, como passar do “anátema ao diálogo” (título de conhecido livro sobre a interlocução de Roger Garaudy e Dom Helder Câmara)? Eis um relevante desafio, também para os nossos dias, especialmente quando toma corpo uma aspiração geral a uma convivência ecumênica. Neste sentido, importa buscar precisar melhor o(s) sentido(o)s atribuído(s) a cada uma dessas expressões - “fé” e “ateísmo”, a despeito de inexistir qualquer pretensão a definições “precisas”. Menos ainda, quando se sabe da polissemia existente entre conceitos, não apenas das ciências humanas, também nas ditas exatas.”Fé” nos remete a uma atitude de crença numa força superior e exterior ao ser humano. Força capaz de orientar atitudes e escolhas humanas. Força em relação à qual os humanos devem obediência, não raramente submissão incondicional. A fé é, com frequência, interpretada como um valor a ser introjetado nos humanos, de modo incondicional, e à qual se deve obediência inquestionável. Tal interpretação encontra amparo na imensa maioria das religiões, inclusive nas religiões de matriz cristã. Impensável compreender-se alguém sem fé, alguém que não creia numa força superior, bem acima dos mortais, e a quem estão submetidos os destinos dos seres humanos. Aí tem lugar a existência de um deus a cujos desígnios todos devem submissão incondicional. Um sentido que parece amplamente majoritário. Mas isto não quer dizer alcançar todo o conjunto dos crentes. Há, com efeito, entre estes, que

- para os que creem, enquanto não são raros os registros históricos de povos comportando parcela de seus membros que não professam qualquer crença religiosa em alguma divindade.

- De que maneiras as pessoas podem vivenciar essas duas experiências de forma saudável?

- Como, então, lidar com tais posições, num contexto de diálogo entre crentes e não crentes? Ou, para recordar iniciativas e experiências de reflexão sobre a temática, como passar do “anátema ao diálogo” (título de conhecido livro sobre a interlocução de Roger Garaudy e Dom Helder Câmara)? Eis um relevante desafio, também para os nossos dias, especialmente quando toma corpo uma aspiração geral a uma convivência ecumênica. Neste sentido, importa buscar precisar melhor o(s) sentido(o)s atribuído(s) a cada uma dessas expressões - “fé” e “ateísmo”, a despeito de inexistir qualquer pretensão a definições “precisas”. Menos ainda, quando se sabe da polissemia existente entre conceitos, não apenas das ciências humanas, também nas ditas exatas.”Fé” nos remete a uma atitude de crença numa força superior e exterior ao ser humano. Força capaz de orientar atitudes e escolhas humanas. Força em relação à qual os humanos devem obediência, não raramente submissão incondicional. A fé é, com frequência, interpretada como um valor a ser introjetado nos humanos, de modo incondicional, e à qual se deve obediência inquestionável. Tal interpretação encontra amparo na imensa maioria das religiões, inclusive nas religiões de matriz cristã. Impensável compreender-se alguém sem fé, alguém que não creia numa força superior, bem acima dos mortais, e a quem estão submetidos os destinos dos seres humanos. Aí tem lugar a existência de um deus a cujos desígnios todos devem submissão incondicional. Um sentido que parece amplamente majoritário. Mas isto não quer dizer alcançar todo o conjunto dos crentes. Há, com efeito, entre estes, que

expressam outra avaliação.

- É da condição humana?

- O exercício da fé e condição de ateu são expressões legítimas da condição humana. Integram o mesmo processo de humanização que, por ser histórico, comporta uma variada gama de escolhas, inclusive de caráter axiológico. Estamos diante da ampla diversidade de expressões da mesma condição humana. Diversidade que se dá tanto neste quesito, como em tantos outros. A diversidade faz parte definitivamente da experiência existencial. Não é problema, é ganho, quando trabalhada com um olhar de complementaridade. Se, ao longo da história, se tem registrado diferentes modos de se lidar com tal diversidade - ora com obcecada oposição, ora com certa tolerância, a depender da conjuntura -, o contexto atual vem emitindo sinais convincentes de que é chegado o momento de superar pela raiz o clima de confrontos.

- Quais são esses caminhos?

- Ainda que se trate de situações minoritárias, convém atentar para pis-tas bem-sucedidas, quanto às condições de uma boa convivência entre crentes e não crentes. Referimo-nos a diversos caminhos que se têm mostrado propícios a uma tal convivência. Todas essas vias passam, de alguma maneira, pela Filosofia - pelo menos, pela Filosofia da práxis. Quando se

elege a vida como valor supremo, as diferenças tendem a ser exercitadas positivamente. Crentes e não crentes têm em comum a vida, não importando - ou importando pouco - o nome ou os nomes pelos qual/quais venha a ser experienciada. Se para muitos, importa chamá-la por um nome (Deus, Alá, Javé etc.) -, e se para outras pessoas, basta que a vida seja vivida plenamente, sem ligação com uma força sobrenatural, o importante é que a vida seja cuidada como a casa comum a todos, em todas as suas manifestações. O exercício comum desta biofilia a todos faz bem, isto é, a todos que têm na vida seu valor supremo. Neste caso, os condicionamentos doutrinários, legítimos para os crentes, já não são mais assumidos como algo obrigatório para todos. E isto, no caso dos crentes, com base em suas próprias crenças. Por exemplo, a quem se dá

ao trabalho de pesquisar a história do Cristianismo (e de outras confissões religiosas), não resulta estranho que, para certos grupos daquela sociedade judia do seu tempo, o próprio Jesus foi acusado de não ser um crente exemplar, à medida que estava seguidamente a desobedecer as normas da Antiga Lei. Quem se der ao trabalho de ler, por exemplo, do capítulo 5 a 7 do Evangelho de Mateus, há de perceber que Jesus não acata todas as normas da Lei Antiga. E não o fazia apenas, de boca para fora, mas suas atitudes contrastavam, por vezes, várias normas da lei. Tal atitude constituiu um fator decisivo de sua condenação à morte de cruz. Entre seus acusadores, estiveram autoridades do Império Romano, ao qual a Palestina estava subordinada, que não hesitaram em condenar Jesus, acusando-o de ateu, por não adorar o único deus por eles pretendido: César. Isto acena para o fato de que, antes de acusar ou repelir alguém por declarar-se ateu, importa entender a relatividade desta condição. Será que Jesus, por exemplo, não se manifestava como um ateu, em relação ao deus Mamom? E, ao mesmo tempo, será que Jesus de Nazaré, ao observar a opressão de sua gente por aqueles que, em nome de Deus, subjugavam parcelas expressivas do seu povo, também não considerava ateus aos opressores de seu povo?

- Isso é um comportamento político?

- Buscando ainda explorar as pistas favoráveis, por meio da abordagem filosófica, desponta surpreendente a atitude de vários ateus, a exemplo de Karl Marx, que, sem abdicar de suas convicções de alguém sem filiação religiosa, cuidava de retrucar e até de tirar as máscaras de não poucos que, em se confessando filiados às suas respectivas crenças, manifestavam práticas que pouco ou nada tinham a ver com suas respectivas fontes e horizontes de crença. Assim o fez, por exemplo, em relação a figuras que se declaravam cristãs, ao tempo em que exigiam obediência incondicional ao “Sacro” Império da Prússia, cujo titular traía sua fonte cristã, para a qual “não se pode servir a dois senhores”. Como se o ateu estivesse a dizer ao crente: “Cuide de ser coerente com o que você prega e declara ser sua fonte

de orientação...”. Por que tal posição? Porque a vida se punha em primeiro lugar. No caso, a vida de largas parcelas daquela população, entre as quais pobres lenhadores, drasticamente punidos pela coleta de lenha, condição de sua sobrevivência - sua e de sua família. Marx faria o mesmo em relação a representantes de outras religiões - na China, na Índia, no Oriente Médio... “Tratem de ser coerentes com as fontes e o horizonte de suas fontes declaradas”...

- Mas a convivência pode ser saudável mesmo?

- Há outras pistas capazes de propiciar uma convivência saudável também entre crentes e ateus. A própria Teologia pode erigir-se, em determinados casos, como uma via de saudável convivência entre crentes e não crentes. No caso da Teologia da Libertação, por exemplo, temos um campo fecundo de demonstrações de boa convivência entre cristãos e ateus; entre cristãos e gente de diversas outras religiões. Figuras de ateus que se notabilizaram em várias partes do mundo - uma delas, Michael Löwy - são autores de diversas reflexões e análises dando conta desta saudável e pacífica convivência. E aqui, não se trata desta ou daquela religião. Mesmo ao interno do Cristianismo, são notórias as divergências, já não entre ateus e crentes, mas no interior do próprio mundo cristão, e ainda particularmente no interior do próprio mundo católico. Nesse sentido, resulta útil lembrar os contrastes notáveis observados, por exemplo, durante a recente campanha eleitoral - e para além dela! - entre pessoas e grupos internos ao próprio Catolicismo (e a outras denominações cristãs). E aqui, mais uma vez, pontificam critérios também teológicos. Muitos e muitos católicos perguntam-se como é possível assegurar-se apoio a candidatos que apologizam a tortura, o ódio ao inimigo, a aversão a povos indígenas, a comunidades quilombolas, às mulheres, à comunidade LGBTI e até a gente do Nordeste, e, ao mesmo tempo, fazê-lo em nome do Cristianismo... Não se trata de justificar tal posição, por não se aceitar outra candidatura, até porque diante de impasses ou de objeção de consciência, ninguém é obrigado a votar num ou noutro...

///Há outras pistas capazes de propiciar uma convivência saudável entre crentes e ateus. A Teologia pode erigir-se como via saudável///

Religiões indígenas na Paraíba

**Lusival Barcellos
e Eliane Farias**
Especial para A União

Falar sobre religiões indígenas envolve uma série de conceitos que precisam de cuidados acadêmicos para bem definir e deixar o leitor com uma compreensão do que esse universo representa. Nosso objetivo aqui é apenas tecer breves considerações sobre as religiões dos indígenas da Paraíba.

Hoje no Brasil existem mais de 300 povos indígenas e falam, aproximadamente, 200 línguas. No século XVI, havia na Paraíba 18 povos: Ariú, Bultrin ou Bodo-pitas, Caeté, Canindé, Caracará, Carnoió, Icó, Janduí, Jandiú, Paiaku, Pana-ti, Peba, Potiguara, Piancó, Tabajara, Tarairiú, Xokó e Xukuru ou Sucuru. Desses, apenas os Potiguara e os Tabajara estão resistentes entre nós.

Cada povo tem um universo multicultural e multirreligioso próprio, bem específico, com sua maneira de ser, de falar, de pensar, de interagir com a natureza, de se relacionar com o transcendente, enfim, de viver a sua espiritualidade. São muitas as crenças, os mitos, os ritos e um simbolismo encantador, que envolve dimensões sagradas. Como elemento sagrado, utilizam adornos, vestimentas, bebidas, defumadores, vários objetos. São acompanhados de cantos, música, ritmos, danças, cromoterapia, gestos, silêncios, realizados através de mediações individuais e coletivas. Aprofundar esse universo suscita muitas descobertas, inquietações, mudanças, enfim uma escuta e olhar diferenciado.

Comumente há uma falta de informação e de conhecimento, chegando a ser ignorância, quando se trata da religiosidade e espiritualidade indígena. Jamais esta temática poderá ser confundida como lenda, folclore, brincadeira, ritual exótico ou despacho.



Foto: Arquivo Pessoal

Cerca de 80% dos índios tabajaras são evangélicos neopentecostais da Igreja Assembleia de Deus

Um aspecto de muita religiosidade entre os indígenas é a saúde biológica, psíquica, emocional, ambiental etc. Todos os povos indígenas têm seus líderes religiosos que têm uma grande responsabilidade para possibilitar o bem viver e o bem-estar do seu povo. São muitos os rituais praticados pelas etnias. Num mesmo povo, existem diferenças na condução das curas, das benções, dos descarregos, dos passes, das adorações, das abstinências sexuais e alimentares, no cumprimento dos acordos e das promessas, enfim dos padrões religiosos e espirituais.

Os indígenas têm na “mãe” natureza e a “mãe” terra seus lugares de espiritualidade onde coabitam seres divinos, invisíveis, os espíritos de luz, os encantados, que podem ser chamados em determinados povos por várias denominações. Todo esse universo exige respeito como o de pedir licença para adentrar nos espaços sagrados. É preciso seguir as orientações de cada espaço sagrado. Essa cosmologia tem uma força e um poder extraordinário. Quem desconhece ou ignora

esses princípios não alcança um equilíbrio biológico, psicológico, espiritual e passa a ter consequências que não sabe de onde vem e porque isso acontece na vida.

Portanto, as forças espirituais indígenas são poderosas. Precisam ser respeitadas, cultivadas, assumidas, interiorizadas. Para quem bebe dessa espiritualidade, o grande espírito age, conduz, abre e fecha os caminhos! É importante destacar que religião é um dos princípios constitucionais inafiançáveis. Portanto, é preciso respeito!

Religião dos Potiguara

O povo Potiguara da Paraíba há séculos habita o Litoral Norte paraibano. Atualmente, ocupa uma área territorial de 33.757 hectares, nos municípios de Baía da Traição, Marcação e Rio Tinto, perfazendo uma população de mais 20 mil indígenas, distribuídos em 33 aldeias. É a segunda maior população indígena do Nordeste brasileiro. O termo Potiguar é de origem Tupinambá, com diversas traduções adotadas pelos pesquisadores como: cabeça de camarão, comedores de

camarão, comedores de bosta, mascadores de fumo etc.

Como os demais povos indígenas, existem vários lugares sagrados Potiguara: a terra, as matas, as águas salgadas e doce, as cachoeiras, os rios, as furnas, os templos religiosos, os terreiros etc. Na cosmologia Potiguara estão presentes os seres de luz, os encantados, o Pai do Manguê, Cumadre Fulorzinha, as Bruxas de Coqueirinho etc.

Nas aldeias há uma multiplicidade de matriz religiosas afro, indígena e europeia. Nesse universo encontramos juremeiros, padres, curandeiros, pai/mãe de santos, benzedores, pastores, rezadeiras, diáconos, freiras, pessoas consagradas aos serviços espirituais etc.

Em todas as aldeias são encontradas a presença de templos católicos. Na maioria delas, há templos evangélicos, de diferentes denominações religiosas, como: Batista, Batista Potiguara, Betel, Assembleia de Deus, Deus é Amor, Universal do Reino de Deus etc. Existe, no entanto, aldeia que chega a ter uma dezena de denominações religiosas diferentes.

O que são as religiões de matriz africana?

Dilaine Soares Sampaio
Especial para A União

As religiões afro-brasileiras, também denominadas como religiões de matriz africana ou ainda de religiões de matrizes africanas, embora apresentem-se em um termo único, compõem um universo amplo e complexo de diversas modalidades religiosas. Muitas das vezes, no tratamento do senso comum, há a impressão errônea de que o “universo religioso afro-brasileiro” é homogêneo, havendo inclusive tratamento pejorativo e preconceituoso acerca dessas religiões. No entanto, ao contrário disso, o que se percebe é um universo bastante heterogêneo pois as religiões afro-brasileiras compõem um espectro bastante diversificado e plural. No âmbito do que genericamente é denominado “religiões afro-brasileiras”, há na verdade várias religiões inseridas como por exemplo: o Candomblé (originário da Bahia), o Tambor de Mina (originário do Maranhão), o Batuque (do Rio Grande do Sul), o Xangô (de Pernambuco), entre outras. Já a Umbanda, também considerada uma religião afro-brasileira, traz elementos do catolicismo popular, do kardecismo, das religiões indígenas e das religiões de matrizes africanas. Entende-se, em consonância com outros pesquisadores, que sua origem é múltipla, ou seja, ocorre concomitantemente em várias regiões do país, sem uma única direção e sem controle centralizado, sendo considerada pela maioria dos autores uma religião tipicamente brasileira. Dessa forma, é importante compreender que não se tratam de nomes distintos para uma mesma manifestação religiosa, mas sim de nomes diferentes para variados sistemas religiosos, o que não elimina as trocas, os pontos de encontro, os imbricamentos e as similaridades entre eles.

Essa diversidade das religiões afro-brasileiras, em seu conjunto, pode ser explicada pela variedade de povos africanos que foram trazidos para o Brasil durante o processo denominado de “diáspora africana”, que se deu a partir dos séculos XV, XVI, quando os colonizadores portugueses iniciaram na África o processo de captura de africanos e africanas, que foram arrancados de sua terra natal para serem escravizados no Brasil, gerando assim os praticamente quatro séculos de escravidão aos quais a população africana foi brutalmente submetida. Como foram diversos povos capturados, com tradições, costumes e culturas distintas, uma diversidade de práticas religiosas é reunida forçosamente no chamado “Novo Mundo”. Assim, no contexto da exploração colonial brasileira, em que africanos e africanas per-

dem a sua condição de sujeitos, tornando-se objeto de um desumano comércio e tráfico de pessoas, as religiões tradicionais africanas também vieram junto nos navios tumbeiros, tornando-se fonte de esperança e resistência.

Na Paraíba, o campo afro-brasileiro é marcado pela antiguidade do Catimbó, que até onde se pôde levantar, parece ter sido o termo mais utilizado até as décadas de 1960, 1970, quando o termo Jurema passa a ser mais presente. Na atualidade, há os que mantêm a preferência pelo termo “Catimbó”, e assim se autoidentificam como “catimbozeiros ou catimbozeiras”. Há também aqueles que utilizam o nome “Jurema” ou “Jurema Sagrada”, categoria mais recente, para denominar a religião que praticam, vendo-se assim como juremeiros ou juremeiras. Esta última denominação pode ser vista como fruto dos processos de legitimação pelos quais passa a religião, sendo esse termo preferido por muitos dado ao caráter pejorativo que a palavra “catimbó” adquiriu no Nordeste, assim como o termo “macumba” no Sudeste do país. É importante dizer que as visões negativas acerca das religiões afro-brasileiras se constroem pelo desconhecimento do que elas de fato são e representam na história de nosso país e de nosso Estado. Até recentemente, os livros didáticos insistiam em praticamente eliminar a história e a cultura africanas e afro-brasileiras de suas páginas, restringindo-se a mencionar o assunto em aspectos políticos e socioeconômicos do período colonial. Nesse interim, o habitual era a abertura de pequenos quadros explicativos, bastante sintéticos, para tratar do aspecto religioso, muitas vezes de modo folclorizado. Tal prática tem se modificado, mesmo que de modo gradual, distante do desejável, após a publicação da Lei 10.639/03, que diz respeito à obrigatoriedade do ensino da cultura e da história africana e afro-brasileira nas escolas. Ainda assim, o desconhecimento acerca do universo religioso afro-brasileiro persiste uma constante em nossa sociedade e é um dos fatores de intolerância e desrespeito às religiões afro-brasileiras.

Segundo os dados do último Censo Demográfico do IBGE, de 2010, a população que se declara como pertencente às religiões afro-brasileiras, em sua diversidade, é de 0,3% da população brasileira. Na Paraíba, menos de 3 mil pessoas se autodeclararam como pertencentes às religiões de matrizes africanas o que representa 0,64% da população paraibana. Todavia, o número de adeptos dessas religiões sempre foi subestimado no Censo por um conjunto de fatores.

A religiosidade dos Tabajara

Similar ao Brasil, a sociedade paraibana é um mosaico com diferentes vertentes culturais. Esses mananciais religiosos da Paraíba possibilitaram a formação de um lago cultural de uma riqueza extraordinária e de uma diversidade plural, que deixa fascinado quem ousa submergir nesse universo. Muitas vezes são inexplicáveis, pois envolve sentimentos, valores, costumes, crenças, respeito, dedicação, sabedoria, carinho, consagração e outros. Também encantador! São encantos e curiosidades que iremos dialogar sobre a religiosidade indígena Tabajara, considerada um grão de areia, nessa ampla diversidade religiosa dos povos indígenas.

Quem são esses indígenas? O termo Tabajara tem origem étnica do tronco linguístico Tupi, taba = aldeia + jara = de yara, senhor, dono, aquele que domina e por isso se denominam como senhores da aldeia.

A presença do povo indígena Tabajara nas costas nordestinas está registrada na história do território brasileiro antes da chegada do invasor europeu no século XVI. Naquele período, eram cerca de quarenta mil indígenas da etnia Tabajara, que itinerantes se locomoviam das margens esquerda do Rio São Francisco, nas costas da Bahia, às margens direita do Rio Paraíba.

Ao longo dos derradeiros cinco séculos estiveram em evidência no cenário nordestino. Porém, por diversas perseguições e opressões, sobretudo, espoliação pelos latifundiários e empresários, nos últimos cem anos foram silenciados e invisibilizados pela sociedade paraibana. São descendentes do Sítio dos Cabocos, locus dos antigos aldeamentos da Jacoca e Aratagui, território de tradição reivindicado por pertencimento étnico. Desta forma, perpetuaram muitos ensinamentos dos antepassados. Isso fica muito evidente nos troncos velhos (anciãos) que carregam um legado de significado, de sentimento e de identidade étnica de ser Tabajara.

Em junho de 2006, iniciam o processo de emergência étnica num contexto bastante peculiar. O jovem Ednaldo Santos da Silva, hoje cacique da Aldeia Vitória, escuta de João Gringo, seu tio-avô, as histórias sofridas pelos seus parentes no Sítio do Cabocos e passa a conhecer o mito da profecia do tronco velho Antônio Piaba, grande sábio que dizia: “[...] que um dia virá um jovem forte, capacitado e destemido e assumirá nossa história, nossa gente e a retomada de nossa terra.”.

A partir de então, Ednaldo toma para si essa missão profetizada por Antônio Piaba e inicia toda uma admirável luta de visitar os paren-

tes e reunir documentos junto às instituições sobre o Povo Tabajara.

A população atual Tabajara é de aproximadamente um mil e duzentos indígenas, cuja maioria vive nas comunidades periféricas das cidades de João Pessoa, Pitimbu, Caaporã, Alhandra e nas aldeias Vitória e Barra de Gramame no município de Conde.

Os saberes e as experiências dos indígenas Tabajara consideram uma rede de relações com a natureza sagrada, integrando a vida como um todo. Em suas crenças tradicionais, exibem cosmovisões por meio dos ritos e mitos que estão presentes em todos os aspectos da vida, na relação com entidades e espíritos que habitam nas águas, nas matas, nas fontainhas, nas furnas, referenciados como Pai do Manguê, Mãe D’água, Comadre Fulorzinha, Espíritos de Luz e Espíritos dos Encantados etc.

Cerca de 80% desses indígenas são evangélicos neopentecostais da Assembleia de Deus. Nos finais de semana participam regularmente das programações religiosas. Na Aldeia Vitória, quinzenalmente tem um culto de ação de graças. Alguns tabajaras exercem a liderança nas funções religiosas. Também as mulheres, os jovens e as curumins (crianças) participam de momentos específicos nos cultos religiosos.